Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23228 DIRECTOR **MÁRIO MESQUITA** DIRECTORA ADJUNTA **DIANA ANDRINGA** QUINTA-FEIRA 26 ABRIL 90 60$00

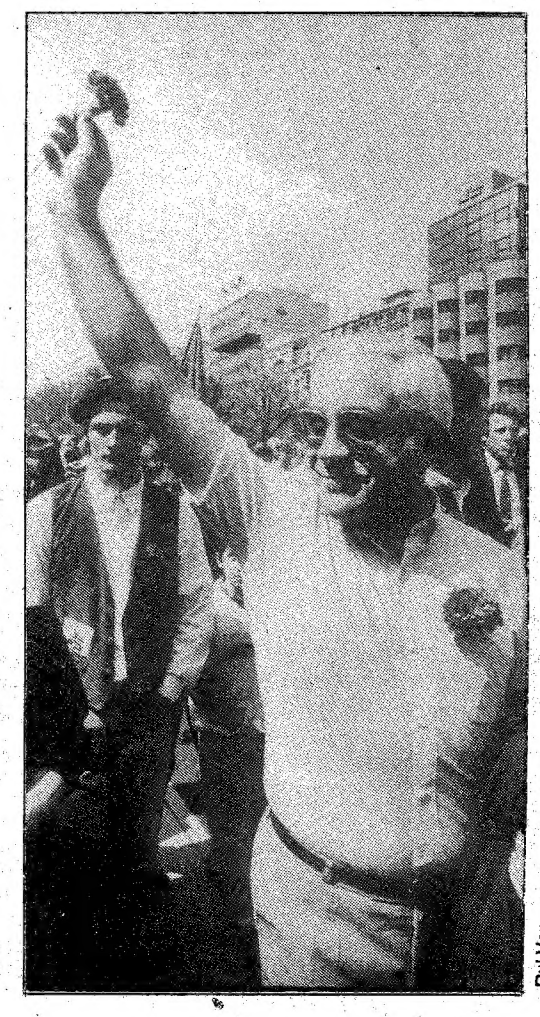
25 de Abril

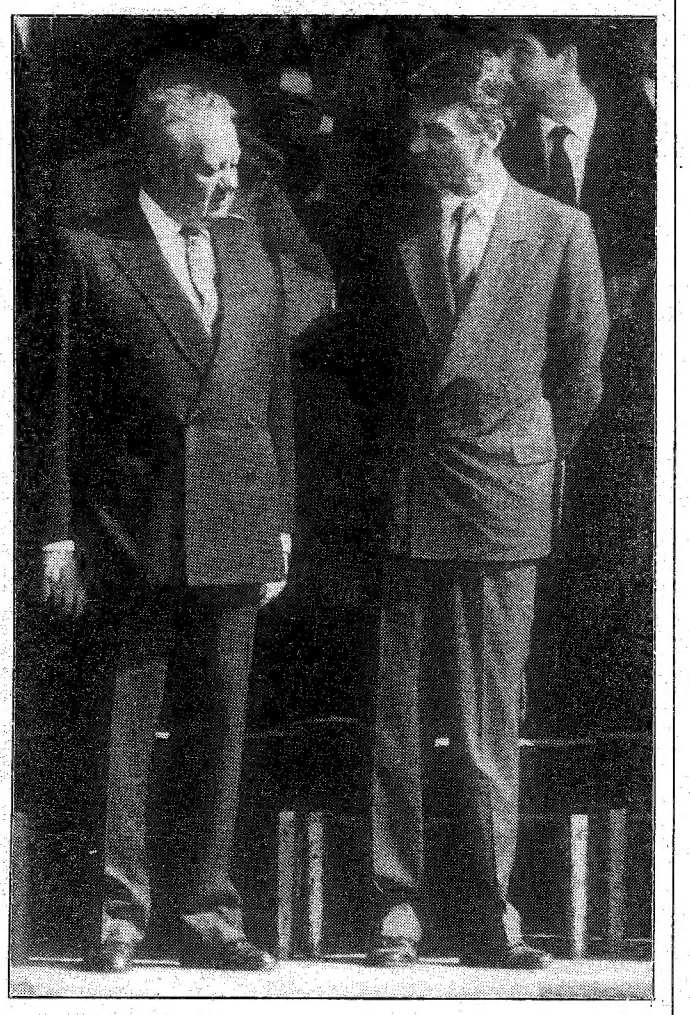
Cumpriram-se os rituais

Só o general Soares Carneiro (CEMGFA) fugiu à regra, dando o seu discurso a ler ao respectivo chefe de gabinete

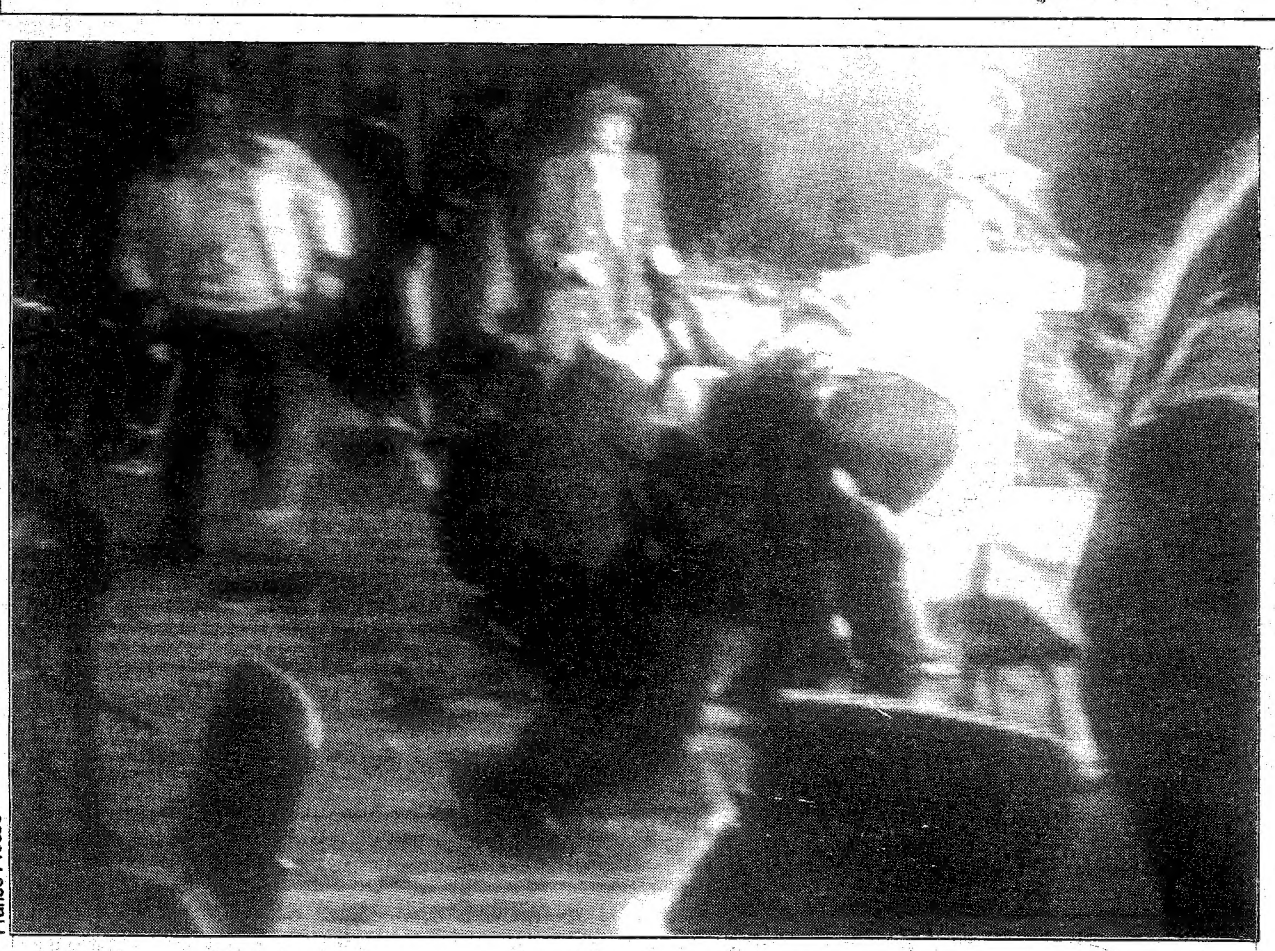
O desfile militar, os discursos no Parlamento, a manifestação na Avenida da Liberdade... Tudo organizado como de costume, dezasseis anos depois de a madrugada de Abril nos ter feito um País livre. Na Avenida houve o regresso de Otelo (na foto) e na Assembleia a nota dominante foi dada por Soares, que falou descomplexadamente de África, afirmando que está a aproximar-se a hora do regresso, a chamamento e por solidariedade com os povos das ex-colónias. A nota de excepção às comemorações do 25 de Abril (na foto, Soares e Cavaco lado a lado) acabou por surgir do lado militar: o Chefe de Estado Maior General das Forças Armadas não leu a sua mensagem (é a primeira vez que tal sucede nesta data) atribuindo tal tarefa ao chefe de gabinete. Da mensagem lida nos quarteis não terão constado as onze palavras que o general Soares Carneiro dedicou ao 25 de Abril.

Págs. 2, 3 , 4 e 5





Rui Vasco



France Presse

Oskar Lafontaine apunhalado na garganta. Já se encontra fora de perigo o líder social-democrata alemão ocidental, Oskar Lafontaine, que ontem, num comício em Colónia, foi atingido na garganta por uma mulher de 42 anos. A faca estava escondida num ramo de flores que a autora levava quando subiu ao palanque onde o político discursava. Lafontaine passou a noite entre a vida e a morte, sendo operado à veia jugular. No tumulto que se seguiu ao atentado, registado pela televisão alemã (foto), a autora, que se acredita ser uma psicopata, manteve-se impávida, não respondendo às perguntas da polícia sobre as razões do seu acto.

pag.11

Van Dunem (Loy) garante

Diálogo MPLA/UNITA «está iminente e é inevitável»

Do nosso correspondente em Washington Filipe Vieira

O ministro angolano para as Relações Exteriores, Pedro de Castro Van Dunem (Loy), afirmou que «dentro de dias» Luanda poderá iniciar As «inevitáveis» conversações directas com a Unita. Loy, que destacou o apoio português ao processo de paz angolano, escusou-se a revelar a data e o local para o diálogo. Por outro lado, o representante da Unita nas Nações Unidas, em declarações ao «DL», acusou Luanda de ter uma posição dúbia, sublinhando que, enquanto diz querer negociar, «ao mesmo tempo quer secretismo» e continua «a desenvolver ofensivas que matam centenas de angolanos».

Pág. 9

Quadros angolanos reunidos em Lisboa
Pág. 9

Fecundidade está a baixar em Portugal
Pág. 14

Herculano Pombo deixa Os Verdes e o Parlamento
Pág. 5

Excremento de galinha vale tanto como os ovos
Pág. 14

Hoje: Suplemento Literário

Por causa de um penalti aos 97 minutos

Juiz de linha agredido em Leiria

Pág. 24

Mário Soares, na Assembleia da República

«Aproxima-se a hora de voltar a África»

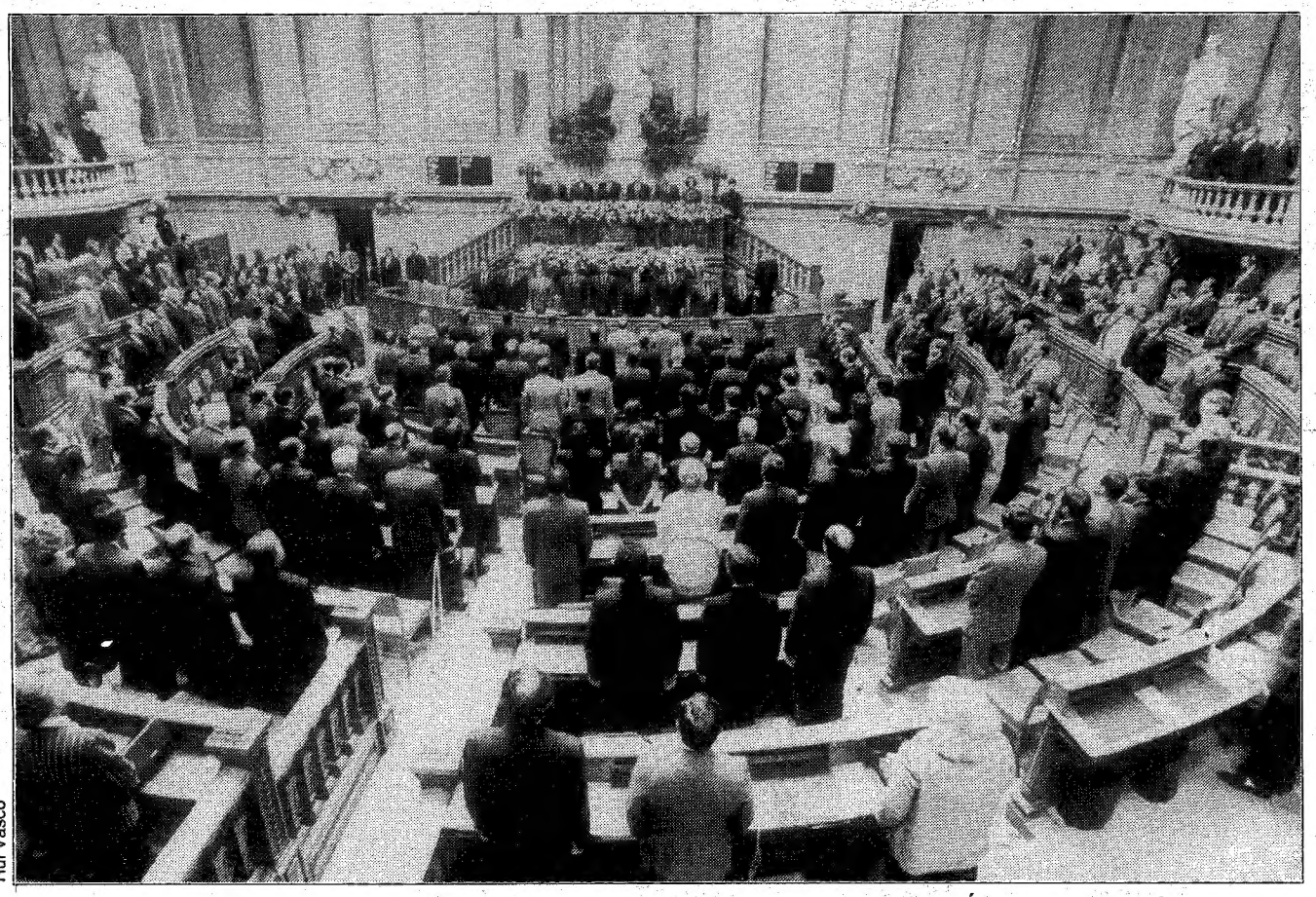
GRANDE ANGULAR

«Sentimos hoje todos que se aproxima a hora de voltar a África, no respeito das independências adquiridas e, por isso mesmo, em muito melhores condições do que as existentes ao tempo em que de lá saímos», disse ontem o presidente Mário Soares, na Assembleia da República, durante a sessão comemorativa do 25 de Abril.

Soares foi o último dos oradores da sessão em que intervieram representantes de todos os partidos com assento parlamentar e o próprio presidente da Assembleia, Vitor Crespo.

Como denominador comum a todos os discursos, o elogio, por vezes emocionado, aos capitães de Abril, alguns dos quais, como Franco Charais, Vasco Lourenço, Garcia dos Santos -o único fardado- e Vítor Alves ocupavam a primeira fila da galeria dos convidados, em representação da Associação 25 de Abril. «É um acto de justiça homenagear os capitães de Abril, aos quais devemos a liberdade, bem como todos os resistentes que, pela sua acção tenaz contra a ditadura, de algum modo prepararam esse dia libertador», referiu-se-lhes Soares, na mais aplaudida das passagens do seu discurso.

Presentes também, os marechais Spínola e Costa Gomes, sentados lado a lado numa das tribunas de honra. O general Eanes, terceiro dos militares que ocuparam funções presidenciais no pós-25 de Abril, compareceu como sempre, mas sentado entre os conselheiros de Estado.



Rui Vasco

Assembleia da República: a cerimónia oficial ficou marcada pelo «regresso a África» de Mário Soares

O presidente da República sublinhou o facto de o período de dezasseis anos transcorridos sobre o 25 de Abril ter ultrapassado já o tempo de duração da I República, admitindo que isso se deve, em parte, ao facto de «não termos cometido alguns dos seus erros», entre os quais referiu, concretamente, os conflitos entre o Estado e a Igreja e o envolvimento dos militares na política.

«Conseguimos implantar um regime de liberdades sem discriminações nem constrangimentos para ninguém e onde cabem todos os portugueses», disse Soares, que acrescentou podermos «orgulhar-nos da democracia que fomos capazes de construir, da solidez das instituições que funcionam com regularidade e na mais absoluta paz civil».

Sem aludir, nem indirectamente, a assuntos correntes da actualidade política interna, o PR insistiu na tecla da exemplaridade da Revolução Portuguesa para o mundo, tendo-a apontado como influenciadora de democracias tão distantes como as das Filipinas, ou tão próximas como a da Espanha. Ela continua a ser - Soares o disse- motivo de inspiração e «uma referência democrática para outros povos que a vêem como um exemplo de que vale a pena ousar e que as transformações democráticas são possíveis, benéficas e exequíveis, mesmo em países pobres, antes submetidos a longas ditaduras.»

Em resumo, «os cravos de Abril não murcharam, nem os deixaremos murchar», como acentuou enfáticamente o Presidente, e o 25 de Abril «não foi uma revolução fracassada, como alguns sugeriram, só por não termos caminhado para as utopias que o andar dos anos mostrou serem puras miragens de falsa propaganda.»

O presidente da República terminou ressaltando a importância de não deixarmos os mais novos ignorarem o que foi o 25 de Abril e o que representou para todos os que tiveram «a imensa alegria de o viver»; mas disse também que o essencial «é a antecipação do futuro e a preparação para os grandes combates que nos esperam na fidelidade ao 25 de Abril e em seu desenvolvimento».

Timor na memória com lágrimas

Quanto às participações dos partidos com assento parlamentar, nesta sessão solene na Assembleia da República, elas proporcionaram um pequeno quiproquo marginal, resultante da combinação feita em conferência de líderes para ninguém atacar ninguém, pois o dia era de festa, prevalecendo a pompa e circunstância.

Narana Coissoró, primeiro e em nome do CDS, e Octávio Teixeira, como porta-voz do PCP, não conseguiram fugir à tentação de remoques ao Governo, ao seu autoritarismo e à sua política, no que ela contradiz o 25 de Abril. E se bem que, principalmente no discurso de Teixeira, essas referências fossem apenas indirectas, Montalvão Machado viu-se obrigado, ao usar da palavra em nome do PSD, a avisar que não atacaria ninguém «porque sempre me habituei a respeitar o combinado.»

Marques Júnior (PRD), Herculano Pombo (Verdes) e Octávio Teixeira trouxeram à actualidade a questão de Timor-Leste, a parte dos objectivos descolonizadores do 25 de Abril que falta cumprir. E o deputado do PRD, ele também um capitão de Abril, afirmou até que «enquanto o povo maubere não for livre a Revolução Portuguesa está incompleta e Abril não está cumprido». Dito isto, as lágrimas saltaram-lhe espontâneas, cortando-lhe o discurso: valeu-lhe o aplauso generalizado de todas as bancadas para o ajudar a retomar o fôlego do discurso.

Ficou do episódio a prova que a generosidade e a sensibilidade com que os capitães arriscaram as suas carreiras no derrube da ditadura não foram ainda afogadas nos altos e baixos de um percurso já longo de dezasseis anos.

Diga-se ainda que Jaime Gama, pelo PS, fez um discurso de Estado, como se fora já o ministro da Defesa a falar em cerimónia oficial - discurso, aliás, aplaudido pela bancada do Governo e, em especial, pelo ministro da defesa, Fernando Nogueira- e que Montalvão Machado contou histórias do seu tempo de advogado e defensor de reús antifascistas nos tribunais plenários, nomeadamente uma que teve como protagonista o advogado Bento de Melo.

Bem a propósito, o presidente do Grupo Parlamentar do PSD associou a esta festa da Liberdade «velhos democratas que passaram por esta casa (o Parlamento) e dedicaram as suas vidas à conquista da liberdade e da democracia»: Nuno Rodrigues dos Santos, António Macedo, Artur Santos Silva, Olívio França, Strechet Monteiro e Sá Carneiro.

Daniel Reis

O «Diário de Lisboa» três vezes referido

Se mais provas não houvesse da importância do recente colóquio promovido pelo «Diário de Lisboa» *(O 25 de Abril revisitado pelos media internacionais)* e por outras iniciativas do nosso jornal enquadradas no 25 de Abril, a sessão solene de ontem, na Assembleia da República, deu contributos que bastem para se avaliar da repercussão de tais iniciativas na opinião pública informada do País.

O próprio Presidente da República disse ter sido posto em destaque, «pelos media internacionais que viveram e relataram» o 25 de Abril, «o carácter precursor da Revolução dos Cravos» e que tal destaque tinha ganho «nesse seminário recentemente organizado, uma impressionante unanimidade».

O deputado centrista Narana Coissoró aludiu à entrevista do Presidente da República ao nosso jornal e à passagem em que o dr. Mário Soares «opinou, com o orgulho de um socialista de raiz, que em Portugal os mencheviques triunfaram sobre os métodos leninistas.»

Mais explícito ainda, Marques Júnior, deputado do PRD e um dos obreiros directos do 25 de Abril, considerou «oportuno o colóquio promovido pelo Diário de Lisboa» referindo as afirmações nele produzidas pelo Presidente da República sobre a influência do 25 de Abril na transição democrática noutros países como a Grécia, a Espanha, o Brasil e as Filipinas.

Rui Vasco

Spínola e Costa Gomes continuam de costas voltadas...

Rui Vasco

«Engolidos pela Revolução», os militares de Abril não faltam às cerimónias oficiais

Descer a Avenida já é um ritual

Não enclausurem Abril na trincheira da saudade!

Poderia este texto abrir de cravo encarnado ao peito. Poderia testemunhar a Liberdade plena de gente, avenida lisboeta que, ano após ano, se vê atravessada de «abrilistas». Poderia aludir às palavras de ordem, às canções, eu sei lá...

Tudo soaria, porém, a «dejá vu» - no ano passado, há dois, há três anos, a avenida foi *talqualmente* percorrida. Repete-se o estafado «25 de Abril sempre, fascismo nunca mais», jogam-se em cada gesto as saudades de uma utopia que não é para todos igual, como são, afinal todas as utopias. Mal das revoluções que se ritualizam...

Por «dever de esperança» acompanhei vários anos este desfile com hora e dia marcados. Acompanhá-lo por dever profissional é coisa diversa. Presta-se à reflexão menos do que ao arrebatamento, à observação menos do que ao sentimentalismo.

Vêem-se os cabelos cada vez mais brancos de velhos resistentes que eram jovens em Abril de há 16 anos. Contam-se pelos dedos os jovens de hoje, arregimentados, muitos deles, em lógica partidárias mal disfarçadas na unidade a que o dia «obriga». E sente-se, sem o querer sentir, que mais ano menos ano, quando desaparecerem os símbolos vivos daquela madrugada de 74, já só será celebrada como uma saudade, em São Bento, para televisão -também privada - transmitir.

Apetece dizer que Abril deveria festejar-se no quotidiano, mas nem isso é original. Porque, provavelmente - e essa é uma das suas grandes heranças - cada um festejá-lo-ia à sua maneira. É que, em Abril de 1990, não há quem negue o seu legado, quanto mais não seja como símbolo. Da estabilidade política, para o poder instalado.

Uma caricatura de estabilidade que diversos oradores denunciaram na tarde de ontem, no Rossio. Que dá livre curso, como disse o socialista-revolucionário Alfredo Frade, ao trabalho infantil, à impune actividade de grupos neonazis, às desigualdades sociais e a outras «liberdades».

Antes da chuva desabar sobre a Lisboa mal precavida, o tolde do Rossio simbolizou a unidade da esquerda, como em 14 edições anteriores do ritual abrilista. Se é verdade que os discursos se assemelharam aos de anos idos, não é menos verdade que o novo panorama político fez a diferença.

Rui Vasco

Antes da chuva, milhares festejaram na Avenida da Liberdade os 16 anos de Abril

O «cavaquismo», a vítima número um dos últimos anos, voltou a sê-lo, evidentemente. Mas desta vez os discursos lobrigaram uma luz ao fundo do túnel - os dois mais recentes actos eleitorais, recordou alguém, alimentam a esperança de uma «alternativa», porventura a única ideia capaz de irmanar os representantes de partidos e centrais sindicais ali presentes.

Claro que, ainda assim, a própria ideia de alternativa foi pintada de diversas cores. O comunista Luis Sá pôs ao de leve o dedo numa velha ferida - «a direita nunca teria avançado tanto sem a convergência de esforços de alguns partidos democráticos». Para antes ou depois? - Mário de Figueiredo, um dos apresentadores, deitar água na fervura, salientando que, finalmente «há democratas na Câmara de Lisboa».

Mário Tomé foi mais longe, fazendo recordar os seus tempos de deputado: «Se nos dissessem que o 25 de Abril era o José Manuel de Mello, não o teríamos feito». Aludiu ao país do «vale tudo», da corrupção e da exploração laboral. Também ele, naturalmente, acalenta a esperança de uma alternativa....

Uma só nota, a fechar: houve quem se lembrasse de evocar Delgado. Houve quem não se esquecesse de denunciar a autorização concedida pelo Tribunal Militar ao regresso dos seus assassinos. Valeu a tarde, para o escriba. Uma tarde em que apeteceu gritar: «não enclausurem Abril na trincheira da saudade!».

Paulo Martins

COMENTÁRIO

Com um pé no futuro

As comemorações são actos litúrgicos com que se pagam dívidas de afectos para não nos perdermos no devir da História, ou do nosso simples e anónimo percurso. Existem e repetem-se porque os homens necessitam de um passado para reivindicar ou sofrer — de qualquer modo, para se religarem periodicamente às fontes da sua identidade sentimental ou ideológica. Poderão ser meros rituais cediços, previstas recordações sem alma, mas, ainda assim, insubstituíveis para os comungantes; ou pretextos ideais para ir em busca de novas datas comemoráveis. Não é fatal que todas as evocações do passado estejam condenadas ao passadismo. Comemorar é a gente alargar o passo e, sem perder o pé no que nos embala, partir à conquista do futuro.

Os discursos do Dia da Liberdade empenharam-se, felizmente, neste deside-rato e elegeram como proposta essencial a de um futuro construído por todos, do qual ninguém poderá alhear-se — em particular a juventude convencida de que passou o tempo dos grandes combates pelas grandes causas. Estas não faltam — o Presidente da República enunciou-as na Assembleia da República — e o potencial de gratificação que encerram não é menor do que o prometido e cumprido pelas lutas democráticas no tempo da ditadura — evocadas por Montalvão Machado, deputado social-democrata do PSD, no mesmo local.

Aos desafios que hoje se nos deparam, num mundo cada vez mais sem fronteiras e, por isso, onde somos cada vez mais chamados a desempenhar um papel contributivo e não especialmente receptor, faltará o brilho dos perigos individuais impostos pelas condições do fascismo ; nem por isso, todavia, são menos urgentes, estimulantes e suficientemente claros para, à semelhança dos antigos, fomentarem ampla unidade: o «regresso» a África, a construção de uma Europa que as mudanças no Leste obriga a redefinir, o desenvolvimento em todas as frentes internas, o aprofundamento da democracia, tarefa inacabável. Tudo referido a Abril, porque estas obras que nos esperam só a cidadãos competem e dantes não éramos. Saberão disso os jovens nascidos no gozo da Liberdade?

A Revolução dos Cravos demitiu-se de revisitar o passado numa perspectiva combatente do esquecimento, em intenção daqueles a quem falta o termo comparativo para julgarem do progresso ao dispor. A memória do fascismo trazida por Montalvão Machado soou decerto como novidade aos ouvidos de muitos portugueses encarregues de, no século à porta, cumprir e sonhar novas utopias, e sem ela não fariam completo sentido os discursos do porvir, talhando o 25 de Abril em projecto permanente, desestiolado das vontades pequenas, que se ouviram no Parlamento e fora dele. Numa época em que o empenhamento político anda em maré baixa, em prejuízo da solidariedade e da activa participação individual na vida pública que é o que dá viço à Democracia, frisar assim o 25 de Abril como data na história de um povo, que tem um antes e um depois, é saudável, renovador de esperanças e fundamental para religar os nossos concidadãos mais jovens a um passado de luta estimulante que, tanto como o futuro, estão obrigados a merecer.

João Paulo de Oliveira

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alessandra Balsamo, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Pedro Pessoa, Óscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

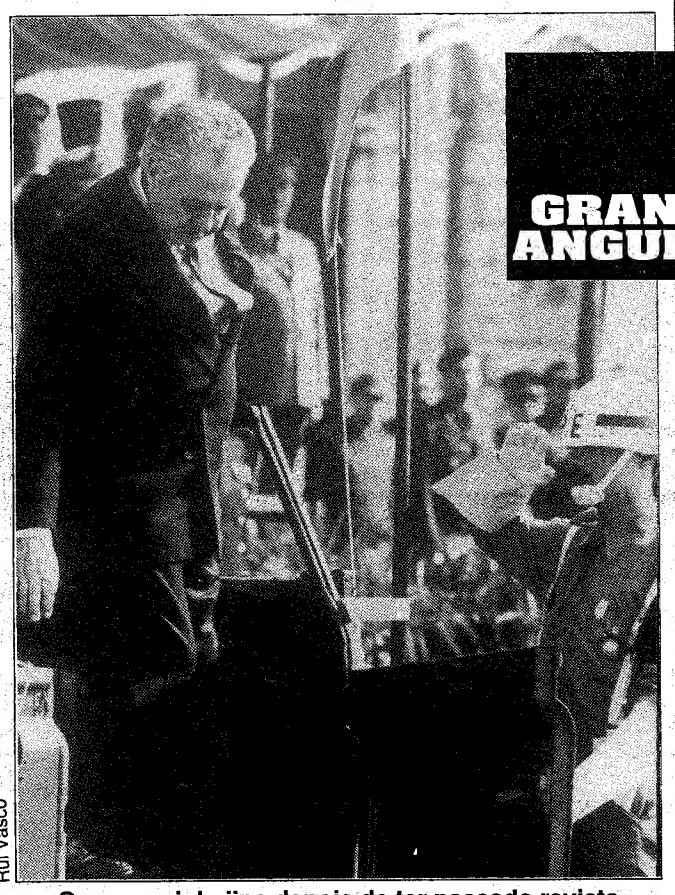
PORTE PAGO

Lágrimas, pompa e festa de Norte a Sul do País

Foi com lágrimas nos olhos que veteranos da resistência antifascista comemoraram no Porto o aniversário do 25 de Abril, em frente ao edifício onde funcionou a PIDE/DGS na capital nortenha. Foi também nesse local que começou a «Corrida da Liberdade», uma prova atlética aberta que a Câmara Municipal e a comissão promotora dos festejos integraram nas celebrações do 16º aniversário da libertação do País.Mas a grande festa popular centrou-se na Praça Humberto Delgado e na Avenida dos Aliados, invadidas por vendedores ambulantes e por um espectáculo com dois palcos.

As cerimónias militares foram presididas pelo general Guerreiro Ferreira, comandante da Região Militar Norte, e integraram um desfile na Praça da República, onde foi lida a mensagem do general Soares Carneiro, chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas.

Nos Paços do Conselho reuniu-se em sessão solene a Assembleia Municipal, tendo usado da palavra o presidente e representantes de cada uma das quatro forças partidárias que integram aquele órgão.



Rui Vasco

Soares sai do jipe depois de ter passado revista às tropas (a pé)

MAN ataca em Espinho

Armados de «matracas, martelos e tacos de basebol», elementos do Movimento de Acção Nacional (MAN) ameaçaram e insultaram militantes do PCP que afixavam cartazes alusivos ao 25 de Abril, em Espinho, segundo um comunicado da Comissão Distrital de Aveiro do PCP.

«Vermelhos e pretos deviam ser todos mortos», teriam gritado os militantes do MAN , que procediam a inscrições murais qundo se se cruzaram com os adeptos do PCP.

Sessão solene em Coimbra

«O reencontro com os valores da solidariedade é indispensável para tornar os homens plenamente livres», afirmou o presidente da Assembleia Municipal de Coimbra, Romero de Magalhães, durante uma sessão solene daquele órgão autárquico.

Romero de Magalhães leu na altura uma mensagem do embaixador português junto da UNESCO, em que José Augusto Seabra assinalava a instauração do poder autárquico democrático como «uma das conquistas fundamentais do 25 de Abril».

A cerimónia decorreu no Salão Nobre da Câmara de Coimbra, tendo usado da palavra deputados dos partidos representados na Assembleia Municipal.

Otelo em Braga

«Houve para todo um povo a recuperação da dignidade de cidadãos», disse Otelo Saraiva de Carvalho ao programa «Tu cá, tu lá», da Rádio e Televisão do Minho.

«Podemos dizer que hoje estamos novamente submetidos a novas formas, embora encapotadas, de domínio e de poder», considerou o estratego do 25 de Abril, antes de sublinhar que o movimento militar de há 16 anos foi importante para a libertação de doze milhões de africanos, através da descolonização, e serviu de detonador a processos de democratização como o que, dois meses depois, fez cair a ditadura dos coronéis na Grécia e o que, passados dois anos, pôs termo ao franquismo em Espanha».

A Assembleia Municipal de Braga também realizou uma sessão solene comemorativa do 25 de Abril, ao mesmo tempo que sindicatos e comissões de trabalhadores promoviam outras actividades, com destaque para um espaço destinado à pintura e ao desenho executados pelas crianças.

Tropa de Évora «sem pavor»

No Praça do Giraldo, o «Sem Pavor», Évora assinalou ontem o 25 de Abril com uma cerimónia militar presidida pelo general Albuquerque Nogueira, comandante da Região Militar do Sul.

Desfilaram em continência forças do Exército, da Guarda Fiscal, da GNR e da PSP.

As comemorações civis tinham principiado antes, com um lançamento de fogo de artifício a celebrar a madrugada da acção militar.

Um desfile etnográfico, um almoço comemorativo e um espectáculo de música popular e folclore integraram também os festejos do Dia da Liberdade.

Redacção do DL/Lusa

Rui Vasco

Só tropas a pé O tradicional desfile militar na Praça do Império, a que presidiu o chefe de Estado contou, apenas, com tropas a pé. Durante a cerimónia foi lida uma mensagem do Chefe de Estado Maior General das Forças Armadas, general Soares Carneiro, um texto contendo dois avisos: «A redução das forças e a limitação de armamentos, com consequente diminuição do risco de confrontação militar entre o Pacto de Varsóvia e a OTAN, significando o fim da guerra fria não proporciona, por paradoxal que pareça, o sentimento de clima de maior estabilidade»; e « A procura da melhor relação custo-eficácia determina soluções em que a redução quantitativa deve ser compensada com a melhoria qualitativa e melhor capacidade de mobilização»

GRANDE ANGULAR

BREVES

Porco imolado na Horta em festa de liberdade

Entre as muitas maneiras de festejar o 25 de Abril, a cidade da Horta cometeu a mais original, inventada pelo PCP/Açores: fez uma matança de porco à maneira tradicional. Se, antes do 25 de Abril de 74, o Governo espalhava que os comunistas comiam criancinhas, fica agora garantido que a dieta deles, pelo menos nos Açores, fica pelo reco morto e tratado a preceito.Os socialistas do Faial também preferiram a boa mesa para comemorarem o 25 de Abril, com um jantar de confraternização.Em S. Miguel, o próprio ministro da República, Rocha Vieira, deu o mote à comemoração gastronómica do Dia da Liberdade, oferecendo um almoço aos órgãos de Governo da Região Autónoma, aos partidos com assento no Parlamento Regional, aos órgãos do Poder Judicial, da secção regional do Tribunal de Contas, aos autarcas e aos responsáveis pelas forças militares e militarizadas.

Macau e Austrália preferem festas mais pequenas

Apenas o feriado para funcionários públicos e empregados da Banca e empresas portuguesas assinalou ontem, em Macau, o 25 de Abril. Na ausência de comemorações oficiais, alguns particulares promoveram jantares de convívio.Na Austrália, onde estão radicados cerca de 60 mil portugueses, apenas duas dezenas de compatriotas nossos acorreram a um piquenique realizado nos arredores de Sidney. Um telegrama da Lusa conota os participantes no piquenique como simpatizantes do PCP, que inauguraram esta praxe em 1983.Outra praxe cumprida foi a da embaixada e consulados portugueses na Austrália, que não celebraram a data.

COOPPOVO

COOPERATIVA DE CONSUMO DO POVO DA MARINHA GRANDE, CRL

É a nossa Cooperativa uma obra do 25 de Abril.

É portanto nosso dever saudar todos os que, sem falsas modéstias, estão imbuídos e determinados a que este dia histórico e inesquecível se mantenha como símbolo da Democracia e da Liberdade.

VIVA O 25 DE ABRIL!

UMA COOPERATIVA A SERVIR O POVO

POLÍTICA

Crise nos Verdes aprofunda-se

Pombo demite-se da direcção e sai do Parlamento em Junho

O deputado Herculano Pombo demitiu-se da Comissão Executiva do Partido Ecologista Os Verdes (PEV) e anunciou retirar-se também do Parlamento, em Junho, quando terminar a actual sessão legislativa.

Uma e outra decisões constam da carta enviada, no mês de Março, à Comissão Executiva do PEV e em que Herculano Pombo invoca «razões de consciência» para se desligar de todos os cargos directivos. Desde então, ele não mais participou em reuniões da direcção partidária limitando-se a assegurar o funcionamento do seu grupo parlamentar. O «DL» está em condições de informar que as «razões de consciência» invocadas se ligam directamente com a progressiva tomada de poder no interior do partido pelo seu núcleo duro, ligado ao Partido Comunista, e que já inviabilizou, por exemplo, a apresentatação de uma candidatura própria às eleições presidenciais.

A hipótese de uma candidatura autónoma, eventualmente apoiada por outros grupos ecologistas independentes, foi rejeitada nas duas últimas reuniões da Comissão Nacional, realizadas na Covilhã e em Lisboa e em que Herculano Pombo já não participou. Aliás, a reunião da Covilhã foi ocupada, em boa parte, a discutir a demissão de Herculano Pombo e terminou com os representantes do núcleo duro a falarem sozinhos, dado que também Maria Santos, Porfírio Alves e o próprio André Martins, ponte entre as duas tendências principais, abandonaram a reunião ao fim do seu primeiro dia.

Segundo Pombo alega na sua carta de demissão, a política de ambiente é para ser feita por ecologistas e não deve estar sujeita às estratégias partidárias. Ontem à noite, em Almada, os elementos da linha ecologista no interior dos Verdes, entre os quais a eurodeputada Maria Santos, reuniram-se num jantar privado com Herculano Pombo na tentativa de o dissuadir da demissão. Inclusive, foi admitida a possibilidade de apelar aos ecologistas da província para intervirem mais activamente na orientação partidária.

Sem cortar as hipóteses de apoiar esta estratégia e de continuar as conversas, Herculano Pombo mantém a sua disposição de se retirar da política activa e regressar à escola primária na aldeia de Dorna, a duas dezenas de quilómetros de Chaves, onde é professor efectivo.

Rui Vasco

Desiludido, Herculano Pombo anuncia o regresso à escola primária, onde é professor

Daniel Reis

25 de Abril «desconsiderado»

O tenente-coronel Vasco Lourenço, um dos capitães de Abril, afirmou ao «DL» que o facto de o General Soares Carneiro não ter lido, ele próprio, a mensagem comemorativa da Revolução dos Cravos, às Forças Armadas, «foi mau, foi negativo. É uma prova de desconsideração para com o 25 de Abril e para com aquilo que representa. É evidente que este seria um facto normal se o CEMGFA estivesse ausente. Nestas circunstâncias acho negativo».

De acordo com declarações prestadas ao «Diário de Notícias», na sua edição desta manhã, o general Soares Carneiro explicou a razão da sua atitude afirmando que «neste tipo de mensagens nunca há um pronunciamento efectuado por si, mas pelo chefe de gabinete ou por comandos nos quarteis». O facto é que, como acrescenta o mesmo matutino, deve recordar-se que, no ano passado a mensagem do 25 de Abril foi lida pelo próprio.

Por outro lado, é importante salientar que a mensagem lida na Praça do Império e aquela que foi apresentada nas unidades militares foi diferente. Segundo o capitão Coelho Bento, das Relações Públicas do EMGFA, tratou-se apenas de uma «gralha» de onze palavras: há onze palavras a mais na mensagem lida nas cerimónias oficiais. No entanto, aquele oficial não indicou ao nosso jornal quais. A questão não deixa de se revelar importante já que é insistentemente referido que na mensagem lida nas unidades não há uma única referência ao 25 de Abril. Curiosamente, o parágrafo que contém a alusão ao 25 de Abril possui onze palavras.

O «DL» tentou com insistência oter, junto de várias unidades militares, a confirmação para este facto, através da consulta e do confronto dos dois textos. Todas as diligências se revelaram infrutíferas, já que nos remeteram sempre para o EMGFA.

Redacção «DL»

Para Duarte Lima

Respeitar o Presidente não é reverência

A Comissão Política do PSD vai esta tarde a Belém apresentar cumprimentos ao Presidente da República e as conclusões do congresso social-democrata.

A atribuição de um canal de televisão para a Igreja e a lei da Alta Autoridade para a Comunicação Social são os dois assuntos que têm levantado polémica no relacionamento entre o partido do Governo e Mário Soares, mas segundo fonte do PSD «não é provável que nesta audiência sejam referidos estes assuntos. Embora possa haver uma alusão passageira se Mário Soares puxar a questão da Alta Autoridade».

Após a reacção emotiva do vice-presidente Duarte Lima, que afirmou que o texto ficaria igual, apesar do veto, o director do órgão oficial do partido manifesta agora uma posição mais ponderada, tendo em conta a difícil situação do PSD em relação às eleições presidenciais.

Num artigo publicado hoje no Povo Livre, Duarte Lima considera o veto presidencial como fazendo parte «do exercício normal das suas competências constitucionais» e, como tal, «não vemos uma afronta no facto do senhor presidente emitir um veto».

No entanto, Duarte Lima sublinha que cabe à Assembleia da República a última palavra «atendendo ou não aos reparos do Presidente». O que significa que o partido não está na disposição de alterar a lei da Alta Autoridade, até porque sabe que em termos constitucionais Mário Soares não pode fazer recuar a lei, resultante da última revisão constitucional do PS e do PSD. O vice-presidente social-democrata refere que «o não atendimento das razões vertidas na mensagem presidencial não pode ser entendido como desconsideração ou afronta ao Presidente da República».

Duarte Lima lembrou que, quando foi vetada a lei da Rádio, a maioria de esquerda não só manteve a lei como fez duras críticas ao Presidente. E sublinhou ao «DL» que «o PSD alterou sempre as leis vetadas por Mário Soares, porque o Presidente apresentava novos argumentos para a discussão. Desta vez, ele limitou-se a repetir os argumentos da Oposição, que nós já tinhamos considerado nesta versão final. Por que razão ouviriamos então a recomendação do Presidente e não ouvíamos a da Oposição?

Nós res-peitamos o Presidente, mas não confundimos respeito com reverência».

Uma sondagem da Marktest/DN destinada a avaliar a popularidade dos partidos e dos principais órgãos de soberania, revela uma leve ascenção do PSD em relação ao mês de Março. No entanto apesar da subida de dois pontos do PSD, o Partido Socialista continua à frente. No estudo publicado no matutino, a imagem do Presidente da República é de longe a mais popular, com 73 por cento respostas favoráveis.

Redacção «DL»

B R E V E S

PSD/Açores: congresso com várias incógnitas

Com o início do VII congresso do PSD marcado para este fim-de-semana, Mota Amaral assegurou a maioria absoluta de delegados. No entanto, apesar deste dado adquirido a expectativa continua visto que ainda não se conhecem os apoios que Álvaro Dâmaso, o seu opositor, dispõe para lhe fazer frente. Outra das incógnitas que persiste é a da composição da equipa com que Mota Amaral pretende ganhar as eleições regionais de 1992.

Dirigentes do PRD reúnem apoios a Canavarro

Um grupo de dirigentes do PRD decidiu constituir uma comissão nacional de sensibilização de Pedro Canavarro para se candidatar a presidente do partido na próxima Convenção Nacional, tendo decidido também elaborar e apresentar uma moção no encontro de Junho. Entretanto, a Comissão Directiva dos revonadores reúne-se hoje à noite para preparar o conselho nacional.

Moção de Sampaio apresentada em Setúbal

«A moção já está ganha à partida e todas as outras não têm expressão», disse, em Setúbal, Joel Hasse Ferreira, o mandatário distrital de Jorge Sampaio na conferência de Imprensa de apresentação daquele documento. «Após a resignação de Vítor Constâncio e a eleição de Jorge Sampaio o desafio para o PS passou pela sua reestruturação interna e consolidação», acrescentou aquele dirigente.

Giscard d'Estaing vai a Coimbra

O ex-presidente da república da França, Valéry Giscard d'Estaing desloca-se amanhã a Coimbra para encerrar um seminário sobre a integração europeia. No encontro, promovido pelo Grupo Europeu do PSD participam os deputados António Capucho e Manuel Porto.

Moçambique pede acreditação a Lisboa

O Governo moçambicano vai apresentar o pedido de «agrément» a Lisboa para o novo embaixador, em Portugal, Esperança Machavela. A diplomata, de 33 anos, natural de Inhambane, licenciada em Direito, em 1982, é a actual embaixadora de Moçambique em Cuba. Se a autorização for concedida, Esperança Machavela substituirá Daniel Magaia que regressou a Maputo gravemente doente.

Processo da TDM em aberto

O processo sobre as alegadas irregularidades na transformação da TDM em sociedade anónima está ainda em fase de instrução contraditória e a sua conclusão será muito demorada, revelou à Lusa o juiz António Fouto. O processo, aberto a 27 de Abril de 1988 com a prisão preventiva do presidente do Conselho de Administração da empresa, António Ribeiro, está a cargo do juiz António Fouto desde Abril do ano passado, depois de o juiz António Celeiro ter terminado a sua comissão de serviço no território. O magistrado responsável pelo processo lamenta o atraso na fase de instrução contraditória e sublinha que a morosidade se deve exclusivamente ao facto de a maior parte dos arguidos se encontar a residir em Portugal.

Ministério Público em Congresso

É inaugurado esta tarde o III Congresso do Ministério Público, convocado pelo Sindicato deste ramo da administração. A reunião termina termina depois de amanhã e conta com a participação de magistrados vindos de outros países da Europa, de África e da América Latina. Para além do tema do Congresso, «Direitos Fundamentais do Cidadão, da Lei à Realidade», os magistrados vão discutir a constituição de uma «Associação Internacional de Magistrados para a Democracia e as Liberdades», entre cujos fins figura «a instauração do debate entre magistrados judiciais e do Ministério Público de diversos países e continentes, com vista à promoção e facilitação da difusão dos princípios democráticos e pluralistas nos seus respectivos sistemas judiciais».

Informação

ALTERAÇÃO DO SERVIÇO FERROVIÁRIO NO PERÍODO DAS 5 HORAS DO DIA 90.04.26 E AS 24 HORAS DE 90.05.10, RESULTANTE DOS PRÉ-AVISOS DE GREVE DO SINDICATO NACIONAL DOS MAQUINISTAS DOS CAMINHOS DE FERRO

Prevendo-se perturbações que afectarão gravemente a normalidade do serviço ferroviário no período compreendido entre as 5 horas do dia 90.04.26 e as 24 horas do dia 90.05.10, a CP concretizará o seguinte programa de circulações que, no mínimo, abrangerá:

1. COMBOIOS A REALIZAR NO EIXO LISBOA/PORTO/BRAGA E BRAGA/PORTO/ /LISBOA

1.1. Comboios rápidos especiais:
Nos dias 26, 28 e 30 de Abril e 2, 4, 6, 8 e 10 de Maio de 1990 a CP vai realizar, neste percurso os seguintes **Comboios Rápidos Especiais** (T 130) com paragens em POMBAL, COIMBRA, AVEIRO E V. N. GAIA e as seguintes horas de partida e chegada:

LISBOA	PORTO	BRAGA
07.20	10.55	—
17.05	20.40	22.00
20.25	24.00	—
BRAGA	**PORTO**	**LISBOA**
—	07.20	10.55
15.50	17.15	20.50
—	20.30	00.05

Estes **Comboios Rápidos Especiais** realizam o percurso LISBOA - PORTO em 03.35 horas.

O comboio **Rápido Especial** com partida de Lisboa às 17.05 horas tem seguimento a BRAGA.

O comboio **Rápido Especial** que tem paragem no PORTO às 17.15 horas tem a sua origem em BRAGA às 15.50 horas.

São suspensas todas as circulações ALFA e INTERCIDADES deste eixo nos dias 26, 28 e 30 de Abril e 2, 4, 6, 8 e 10 de Maio de 1990.

Nos dias 27 e 29 de Abril e 1, 3, 5, 7 e 9 de Maio são suprimidas apenas as circulações ALFA 124 e 125 e os INTERCIDADES 520 e 521 (Aveiro/Lisboa e volta).

1.2. Comboios Inter-Regionais
A CP assegura a realização dos comboios INTER-REGIONAIS 825 e 827 com partidas de LISBOA às 11.55 e 15.25, e também os comboios 824 e 828 com partida do PORTO às 12.00 e 18.45 horas.

1.3. Comboios Regionais
Realizar-se-ão as circulações que se revelarem possíveis.

2. COMBOIOS A REALIZAR NOS RESTANTES EIXOS NOS DIAS 26, 28 E 30 DE ABRIL E 2, 4, 6, 8 E 10 DE MAIO DE 1990:

2.1. EIXO LISBOA/GUARDA

2.1.1. São SUPRIMIDOS os comboios Intercidades 510 e 511.

2.1.2. São realizados **Comboios Inter-Regionais Especiais** entre **Lisboa** e **Guarda**, com paragens em CELORICO DA BEIRA, MANGUALDE, NELAS, OLIVEIRINHA-CABANAS, SANTA COMBA DÃO, PAMPILHOSA, com partida da Guarda às 07.15 (com destino a Lisboa) e 17.40 (com destino a Coimbra) e de Lisboa às 18.55 e de Coimbra às 10.15 (destinados à Guarda).

2.1.3. Serviço Regional: realizar-se-ão as circulações que se revelarem possíveis.

2.2. EIXO LISBOA-COVILHÃ

2.2.1. São suprimidos os comboios Intercidades 540, 541, 542, 543/545.

2.2.2. Serão realizados **Comboios Inter-Regionais Especiais** entre **Lisboa** e **Covilhã**, com paragem em ENTRONCAMENTO, ABRANTES, ALFERRAREDE, RÓDÃO, CASTELO BRANCO e FUNDÃO, com partida de **Lisboa** às 8.30 horas e 19.00 horas e da **Covilhã** às 07.10 e 15.00 horas.

2.2.3. Serviço Regional: Realizar-se-ão as circulações que se revelarem possíveis.

2.3. EIXOS LISBOA/LEIRIA/FIGUEIRA DA FOZ, PORTO/RÉGUA/TUA E PORTO/ /VIANA DO CASTELO/VALENÇA

2.3.1. São suprimidos os comboios INTERCIDADES LISBOA/LEIRIA (500 e 501); PORTO/RÉGUA (560/561) e PORTO/VIANA DO CASTELO (550/551).

2.3.2. COMBOIOS INTER-REGIONAIS E REGIONAIS
Serão realizadas nestes EIXOS as circulações que se revelarem possíveis.

2.4. EIXO LISBOA-FARO/LAGOS

2.4.1. São suprimidos os comboios INTERCIDADES LISBOA/FARO 580 e 585 e LISBOA/FARO/LAGOS 582 e 583.

2.4.2. Serão realizados os **Comboios Inter-Regionais Especiais** entre **Barreiro** e **Faro** com paragens em TUNES e ALBUFEIRA e com partida do **Barreiro** às 15.00 e 18.50 e de **Faro** às 07.30 e 14.15 horas.

As ligações de e para **Lagos** serão asseguradas por COMBOIOS REGIONAIS.

2.4.3. Serviço Regional: Serão realizados os comboios que se revelarem possíveis.

2.5. EIXO LISBOA/ALENTEJO
Serão realizados os comboios INTER-REGIONAIS e REGIONAIS que forem possíveis.

2.6. EIXOS NÃO EXPRESSAMENTE MENCIONADOS
Serão asseguradas as ligações possíveis.

3. COMBOIOS A REALIZAR NOS RESTANTES EIXOS, NOS DIAS 27, 29 DE ABRIL E 1, 3, 5, 7 E 9 DE MAIO DE 1990:

3.1. Não são garantidos nestes dias os INTERCIDADES PORTO/VIANA DO CASTELO (550 e 551) e os INTERNACIONAIS PORTO/VIGO.

3.2. Serão realizados a maioria dos comboios Inter-Regionais e Regionais, com supressões pontuais.

4. SERVIÇO INTERNACIONAL
Durante todo o período de 90.Abril.26 a 90.Maio.10 todas as ligações Internacionais serão asseguradas, com excepção do PORTO/VIGO.

5. SERVIÇO SUBURBANO

5.1. Comboios a realizar nos dias 26, 28 e 30 de Abril e 2, 4, 6, 8 e 10 de Maio de 1990.

5.1.1. LINHA DE SINTRA
Serão realizados, com algumas supressões pontuais, os comboios com origem e destino em Sintra e Cacém.
O Serviço Ferroviário será complementado por Rodovia, com origem e destino de Amadora, Queluz, Rio de Mouro, Mercês, Algueirão e Sintra.
Todos os comboios têm paragem em Campolide.

5.1.2. LINHA DE CASCAIS
Prevê-se que seja praticado, com algumas supressões pontuais o horário dos comboios que vigora aos domingos.
Todos os comboios têm paragem em Santos.
A CP desenvolve também a partir das 6.00 horas e até às 21.00 horas, um esquema Rodoviário complementar com origens e destinos em:
CASCAIS, S. PEDRO, PAREDE, CARCAVELOS, OEIRAS, PAÇO DE ARCOS, CAIS DO SODRÉ.

5.1.3. LISBOA/AZAMBUJA
Prevê-se a realização do serviço normal.

5.1.4. BARREIRO/SETÚBAL/PRAIAS DO SADO
Prevê-se a realização de grande parte do serviço normal, com pontuais supressões, nomeadamente na ponta da manhã.

5.1.5. VIA FLUVIAL
Lisboa/Terreiro do Paço
Será praticado o serviço normal.

5.1.6. CACÉM/TORRES VEDRAS
Prevê-se a realização de grande parte do serviço normal, com pontuais supressões, nomeadamente na ponta da manhã.

5.1.7. PORTO/MARCO, PORTO/GUIMARÃES, PORTO/BRAGA E PORTO/AVEIRO.
Prevê-se a realização de grande parte do serviço normal.

5.1.8. PORTO/PÓVOA
Prevê-se a realização de grande parte do serviço normal, o qual será complementado por Rodovia, com origem e destino em Póvoa de Varzim e Porto-Boavista (Cemitério de Agramonte), entre as 5.00 e as 10.30 horas.

5.1.9. COIMBRA/FIGUEIRA DA FOZ E COIMBRA/SERPINS
Prevê-se a realização de grande parte do serviço normal.

5.2. Nos dias 27 e 29 de Abril e 1, 3, 5, 7 e 9 de Maio serão asseguradas a maioria das circulações, com supressões pontuais.

6. SOLICITA-SE AOS SENHORES PASSAGEIROS QUE CONTACTEM AS ESTAÇÕES OU SECÇÕES DE INFORMAÇÕES DA CP PARA A OBTENÇÃO DE ESCLARECIMENTOS COMPLEMENTARES SOBRE A EVOLUÇÃO DOS SERVIÇOS A PRESTAR.

90.ABRIL.25 *Informação Divulgada pela Divisão Relações Públicas*

Informação divulgada pela Divisão de Relações Públicas

Caminhos de Ferro Portugueses

EMERGÊNCIA
115
O primeiro gesto é seu

POLÍTICA

Soares quer ouvir Papa sobre Timor-Leste

A questão de Timor-Leste será o tema central das conversações entre o Presidente da República e o Papa João Paulo II. Mário Soares que na altura considerou positiva a polémica visita do Papa a Timor-Leste, na medida em que esta obrigou a comunidade internacional a falar sobre este território e chamou a atenção para os problemas do povo maubere, vai querer ouvir a opinião de João Paulo II e conhecer as suas impressões.

O «DL» apurou, entretanto, que o controverso tema da atribuição de um canal de TV à Igreja não será abordado no encontro.

Embora considere que neste momento não se poderá fazer muito mais do que aquilo que tem sido feito no plano diplomático e no seio das diversas organizações internacionais, Mário Soares, como decorre das suas recentes declarações, pensa que Timor -Leste não é um caso perdido.

Na opinião do Presidente das República a situação política na Indonésia, tal como está a acontecer em todo o mundo, poderá evoluir no sentido da democracia e, se isso acontecer, os timorenses inevitavelmente serão chamados a pronunciar-se. Para além das questões de Timor, vai falar também com o Papa da possibilidade de nomeação de um segundo cardeal para Portugal, referida na sua recente entrevista à RTP e, naturalmente, da situação nos países do Leste.

Mário Soares segue para Roma ao fim da tarde, pouco depois de presidir na FIL à sessão de abertura do Congresso dos Quadros Angolanos no Exterior.

A visita oficial é apenas de um dia e decorre amanhã, destacando-se do programa os discursos do Chefe do Estado português e de João Paulo II, a troca de presentes e o encontro a sós entre o Presidente português e o chefe da Igreja Católica.

Recorde-se que não é normal uma visita deste tipo. Em geral os chefes de Estado aproveitam as visitas oficiais a Itália para incluírem também no programa uma visita ao Vaticano.

A.V.

Cumprindo os estatutos

PS reúne Comissão Política a um mês do Congresso

«É mais por motivos de ordem estatutária que por causas políticas que o Partido Socialista reúne esta noite a Comissão Política» - disse ao «DL» uma fonte daquele partido. A reunião ocorre a menos de um mês do Congresso Nacional do partido marcado para 25, 26 e 27 de Maio.

Há, no entanto, duas questões novas ocorridas depois da última reunião deste órgão socialista: os congressos do CDS e do PSD, por um lado, e o veto presidencial da Alta Autoridade para a Comunicação Social.

Os resultados dos congressos centrista e social- democrata deverão ser apreciados na análise da situação política - um dos dois pontos agendados -, em particular as movimentações que ambos os conclaves suscitaram.

Já quanto ao veto presidencial ao projecto de lei sobre a Alta Autoridade para a Comunicação Social, a apreciação será de outra ordem, visto envolver dois órgãos de soberania (Assembleia da República e Presidência de República) e a posição assumida pelo Chefe do Estado dar razão às exigências do Partido Socialista nesta matéria. Tanto mais que o PSD já anunciou que no próximo dia 10 o projecto voltará ao Parlamento para debate.

A Comissão Política do PS debruçar-se-á ainda sobre os processos de inscrição no partido, nos últimos tempos. Não é questão transcendente e só será objecto de apreciação pelo facto do PS realizar, dentro de menos de um mês, o seu Congresso. Nestas circunstâncias há sempre protestos por alegados atrasos nas inscrições que resultam de diferenças de datas entre a apresentação do pedido e o despacho. São esses recursos que esta noite serão apreciados pela Comissão Política.

Provedor de Justiça queixa-se

O provedor de Justiça, Ângelo de Almeida Ribeiro disse que a estrutura interna, o estatuto orgânico e a lei que define as suas competências motivam dificuldades no exercício das suas funções. Aquele responsável, que proferiu uma conferência sobre Direitos Humanos no âmbito do 25 Abril, promovidas pela Câmara Municipal da Guarda, considerou o seu cargo como uma figura com funções pedagógicas.

Segundo Almeida Ribeiro, as queixas relativamente às autoridades policiais têm diminuido substancialmente. Tal facto, na sua opinião, resulta do esforço de sucessivos governos de dar maior e melhor formação aos agentes da autoridade e melhor preparação cívica para os mesmos.

O mau atendimento nas repartições públicas, hospitais e segurança social são as áreas em que se registam maior número de queixas dirigidas à Provedoria da República.

Almeida Ribeiro referiu-se também à evolução política nos países de Leste. Neste contexto, o provedor disse que aquelas nações «têm de fazer um esforço grande para fazerem parte da Casa Comum Europeia» e acrescentou que deverão «aceitar a existência de críticas aos respectivos governos» bem como a «justiça do Tribunal Europeu».

FORUM

público e privado

A CRIANÇA HUMANIDADE SONHA TORNAR-SE IMORTAL

A evolução de todas as espécies vivas é regida por leis biológicas. Na nossa espécie, no entanto, que só fez o seu aparecimento há quarenta mil anos, esta evolução depende, antes, de invenções tecnológicas.

Em primeiro lugar apareceu a pastorícia e a agricultura. O excesso alimentar permitiu manter uma minoria de sacerdotes, escribas, filósofos, que inventaram a escrita e nos transmitiram, através dos livros, os testemunhos dos seus conhecimentos. Foi como se, de repente, o cérebro humano tivesse aumentado a sua memória no equivalente a uma mutação genética.

Seguiu-se a invenção da Imprensa, que veio permitir que esses conhecimentos fossem transmitidos a milhares de pessoas. Estas entraram em contacto umas com as outras e trocaram ideias entre si. Foi como se os cérebros individuais, outrora isolados, tivessem sido postos em circuito, em rede.

No período que se seguiu, correspondente à revolução industrial, o progresso virou-se sobretudo para o campo da transformação da matéria e do desenvolvimento da energia. Aqui não era o cérebro que se desenvolvia, mas a potência muscular. E este poder foi crescendo desmesuradamente até à bomba atómica, aos arsenais termonucleares, que poderiam ter varrido, num segundo, a vida no planeta. Toda a primeira metade do século XX foi dominada por esta preponderância da força sobre a razão. Tivemos duas aterradoras guerras mundiais, genocídios, fanatismos. A humanidade portava-se como uma criança que crescia sem nexo, como um louco possuidor de armas mortíferas.

Depois, iniciou-se o desenvolvimento das capacidades sensoriais e da inteligência; também aqui graças à técnica - telecomunicações e informática. A rede de comunicações radiofónica e televisiva constitui um verdadeiro tecido de encadeamentos nervosos entre os cérebros de todos os seres humanos que vivem no planeta; e os computadores aumentam-lhes a capacidade de cálculo e de raciocínio. Ao mesmo tempo, os satélites e os novos sistemas de antenas parabólicas põem-nos a par do que vai acontecendo no mundo.

O fim da guerra fria, o colapso dos sistemas totalitários no Leste, o crescimento de uma responsabilidade para com a Natureza, são o primeiro resultado deste desenvolvimento da capacidade sensorial e intelectual colectiva. Se este processo se mantiver, se a nossa capacidade de raciocínio conseguir superar o nosso poderio material, seremos até capazes de acabar com as bombas-relógio que tínhamos preparado nos anos loucos: o crescimento exagerado da população e a poluição industrial.

Hoje, a evolução da humanidade é um enigma. Podemo-nos transformar em dez, quinze biliões de habitantes num planeta pobre, poluído e nos limites da sobrevivência. Mas também há a possibilidade de as coisas tomarem um outro rumo, uma direcção totalmente oposta - os homens poderiam pensar em diminuir de número e prolongar, assim, a própria existência. Penso que seria este o caminho mais acertado, o caminho da evolução. O ser humano tem uma vida demasiado breve para que possa pôr em prática os conhecimentos extraordinários que foi adquirindo. O nosso cérebro assemelha-se a um fabuloso computador que necessita de várias décadas para ser programado. Mas quando programado e pronto a funcionar, é tempo de envelhecer e de se extinguir.

Francesco Alberoni

Somos uma espécie jovem, ainda criança. Mal começámos a desenvolver-nos científica e intelectualmente.

Que transformações poderemos sofrer nos próximos séculos, nos próximos milénios? A resposta, possivelmente, encontra-se nos nossos sonhos. A humanidade conseguiu sempre realizar os seus sonhos. Sonhou nadar como os peixes e inventou o barco, sonhou voar como os pássaros e criou os aviões. Sonhou poder comunicar e ver à distância - e eis a rádio, a televisão.

Mas a humanidade sonhou também viver muito tempo, tornar-se imortal. E conseguirá. Assim como também conseguirá um dia deixar este planeta e ir até às galáxias. Próximos do ano dois mil, assemelhamo-nos àqueles hominídeos primitivos que pressentem um futuro incerto e temem por ele.

Exclusivo «DL»
Corriere della Sera

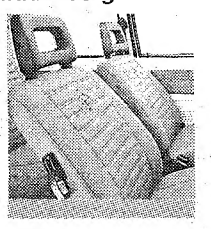
(tradução de Manuela Ferreira de Almeida)

Panda ITALIA'90®

© Copyright 1986 COL ITALIA '90

Entra em campo!

Panda Itália 90! Pronto para vencer! Uma série desportiva, muito limitada, à medida dos grandes adeptos de futebol. Tem limpa-vidros traseiro. Os bancos e o exterior são personalizados com a marca oficial do Mundial de 90. A grelha especial tem o escudo italiano e as jantes são um show de originalidade! Entra em campo e adquire este novo atleta Fiat.



Não fiques fora de jogo! Panda Itália 90! No teu concessionário Fiat!

FIAT
a tecnologia líder.

FORNECEDOR OFICIAL DO CAMPEONATO DO MUNDO 1990 ITÁLIA 90

ITALIA'90

Encargos anuais: Consumo - 109.200$00 • Seg. Ob. Resp. Civil - 21.983$00 • Imp. s/ Veículos - 1.410$00 • Base - 15.000 km • Abril/90

FORUM

Perenidade de Camões

FESTEJAR ABRIL PARA MANTER ABRIL

Mudanças a Leste, a Oeste, em África, na América Latina, na Ásia. Os vencidos da guerra mundial impondo-se como vendedores do pós-guerra. Mudanças étnicas e geográficas em perspectiva, com conflitos, perigos até para a paz mundial. Povos que acedem à independência. O apartheid que se esfrangalha.

Nunca como hoje foi tão verdadeiro o pensamento camoneano sobre a mudança: «Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,/muda-se o ser, muda-se a confiança;/todo o Mundo é composto de mudança/tomando sempre novas qualidades.»

Quem não recordou os versos de Camões após o glorioso 25 de Abril? Com os capitães revolucionários, com o povo na rua a apoiá-los, Portugal demonstrava que vontades novas se tinham erguido e mudado os tempos, fazendo-o florescer de novas qualidades: a democracia, a paz, as liberdades, os direitos do cidadão, a dignificação da mulher, do trabalho, da juventude, da instrução.

«Porque, enfim, tudo passa;/não sabe o tempo ter firmeza em nada». Mudaram-se certezas em dúvidas e incertezas; opôs-se à vontade colectiva a indiferença, o cansaço, o despeito, a descrença. Dezasseis anos passados, foi possível que o Poder seja ocupado por quem abomina a mudança para a melhoria colectiva e só pense no melhoramento lucrativo próprio e de seus pares. A mudança para o futuro transformou-se em regresso, em nostalgia do passado do quero, posso e mando, com que o fascismo procurou asfixiar a vontade colectiva de mudança.

Despedem-se trabalhadores aos milhares, discriminam-se de novo as mulheres, lucra-se com trabalho infantil, fecham-se as portas das escolas e das empresas à juventude, esbanjam-se dinheiros em armas, fomenta-se o latifúndio, privatiza-se o nacional, arruína-se a saúde, sangra-se a segurança social, dificulta-se o acesso à habitação condigna. «Trocou-se o claro dia em noite escura.»

Houve quem alertasse para o perigo. A URAP, com outras forças democráticas e antifascistas, prevenira, com o seu «saber só de experiências feito»: «O que perigo não teme/é de pouco experimentado»! Não fomos suficientemente ouvidos, mas a vontade popular está de novo despertando, recusando cada vez mais (sucessivas eleições o vêm demonstrando) os que «amam somente mandos e riqueza/simulando justiça e integridade.» Cresce o desejo de mudança, de união ou convergência de vontades.

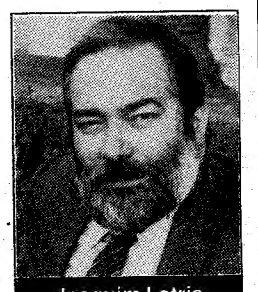
E o povo português festeja Abril, o mês da mudança, certo de que correm para o seu fim os que «a privados dão mais que a mil que esforço e sabor tenham», os que se comprazem no ofício de «despir e roubar o pobre povo», «os que só fazem leis a favor dos poderosos», enquanto «as em favor do povo só perecem».

O futuro aí vem com novas mudanças. «Vejo perigos correr quem não cuida que há mudanças», pois «a seu fim todas as cousas vão correndo;/nem há cousa que o tempo não consuma». Abril continua a mudança necessária. Festejemos Abril para manter Abril e a sua estrada de mudança a caminho da felicidade do povo português, da democracia continuamente consolidada e renovada, da paz perpetuada.

Alexandre Castanheira

(do Conselho Directivo da União de Resistentes Antifascistas Portugueses)

A SEGUNDA MORTE DA FAMÍLIA CEAUCESCU



Joaquim Letria

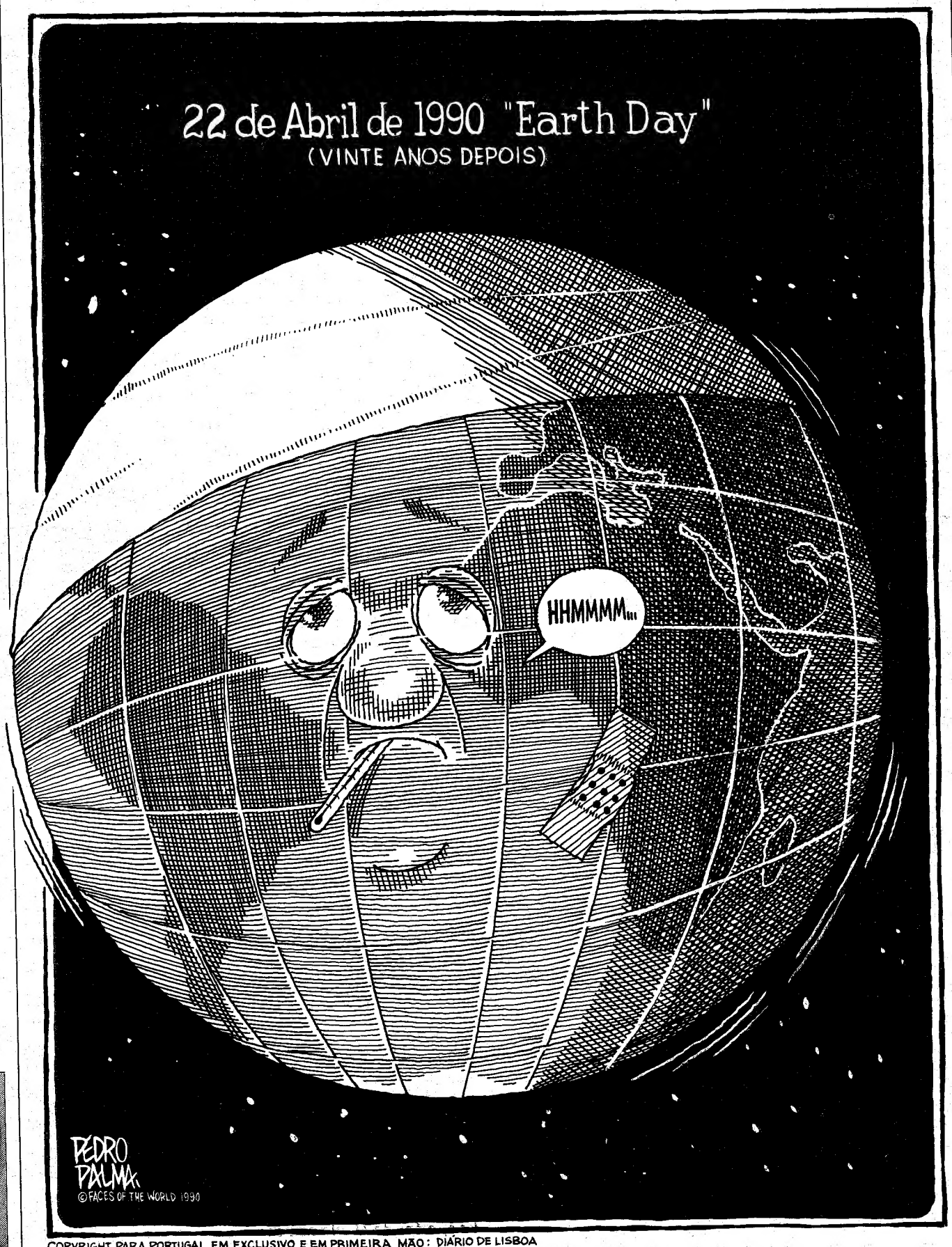
Os aldrabilhas que durante um quarto de século foram amigos de Ceaucescu para depois o matarem, apresentaram uma segunda versão do pretenso julgamento do casal que governou a Roménia.

Para que não fique qualquer dúvida ainda nestas imagens, pouco conclusivas, mas vendidas e apresentadas pela única televisão do mundo feita a martelo, a francesa, só há uma conclusão que se pode tirar; em toda aquela fantochada, apropriadamente mantida e alimentada tipo «Paris-Match» anos cinquenta, as únicas pessoas com alguma dignidade foram Helena e Nicolau Ceaucescu.

Não admira, pois, que os actuais donos da loja, resistentes democratas de pacotilha, não permitam que o herdeiro do trono romeno visite o País e que esta visita possa preocupar os patrocinadores franceses do actual espectáculo de Bucareste e os leve ao ponto de fazer com que a própria Swissair, tão neutral e antisséptica, se tenha recusado a transportar os herdeiros da coroa.

Como calculam, não sou monárquico. Mas entre o pechisbeque de Paris e o mau hálito de Bucareste, prefiro uns reizinhos de quem se conhece um passado e de quem não se pode temer muito no futuro. São, de certeza, mais asseados do que o resto da cambada.

Ponto de vista internacional de Pedro Palma



COPYRIGHT PARA PORTUGAL EM EXCLUSIVO E EM PRIMEIRA MÃO: DIÁRIO DE LISBOA

INTERNACIONAL

Apesar deste anúncio de Van Dunen, as tensões em Angola parecem recrudescer. Abel Chivukuvuku, representante da UNITA junto das Nações Unidas, afirmou ao «DL» duvidar das verdadeiras intenções do MPLA, quando Luanda garante que a África do Sul retomou o seu auxílio militar ao movimento rebelde

Diálogo directo com UNITA «dentro de dias»

Do nosso correspondente em Washinton

O ministro angolano dos Negócios Estrangeiros, Pedro de Castro Van Dunen, (Loy), anunciou que Portugal está a apoiar o desenvolvimento do processo de paz angolano e que, dentro de dias, poderão iniciar-se os contactos directos com a Unita. Falando numa conferência de Imprensa, que culminou ontem diversos contactos com entidades norte-americanas, Loy adiantou que o Governo português tem estado a trabalhar no sentido de criar condições para a concretização do diálogo.

O ministro angolano manifestou-se convencido de que «Portugal ajudará a encontrar os caminhos que levarão à reconciliação nacional em Angola», mas recusou-se a revelar uma data ou o local provável onde decorrerão os contactos entre o seu governo e a representação da Unita. Segundo o chefe da diplomacia de Luanda, o diálogo é uma inevitabilidade a considerar iminente.

Ainda durante o seu encontro com cerca de duas dezenas de jornalistas, Van Dunen (Loy) anunciou que a Unita está a preparar uma ofensiva contra Luanda: «Segundo as indicações que nós temos há concentrações importantes em vários locais do território nacional com vista a fazer o assalto à cidade de Luanda. E os dados que temos são concretos. Sabemos que houve uma concentração bastante grande de equipamentos naquela parte Norte do país. Há uma concentração de mercenários, mesmo, que deverão enquadrar as acções militares». O ministro angolano, que não avançou mais pormenores, acusou, por outro lado, os Estados Unidos de estarem a reforçar a ajuda militar à Unita para além dos limites habitualmente estabelecidos para apoio do movimento liderado por Jonas Savimbi.

De acordo com informações «de fonte segura» igualmente citadas pelo governante angolano, «a África do Sul retomou o seu auxílio militar à Unita com fornecimentos de armas, munições e com conselheiros militares, que tem tomado parte em operações militares contra o povo angolano».

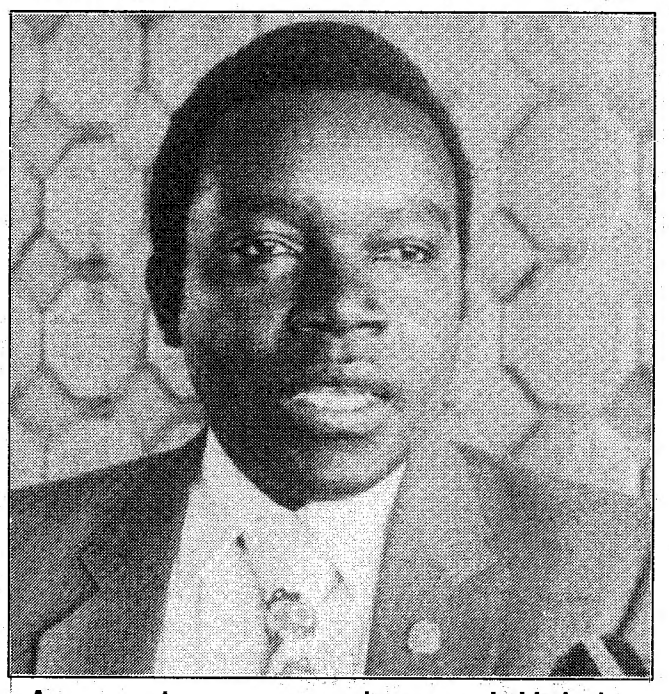
Antes de partir de Nova Iorque, Pedro de Castro Van Dunen, avistou-se com o secretário-geral da ONU, Xavier Perez de Cullar, um encontro que teve lugar na sede das Nações Unidas. O ministro angolano teve ainda ontem oportunidade de receber o reverendo Jesse Jackson, um candidato à nomeação democrática às presidenciais norte-americanas e um dos mais destacados defensores das posições do governo angolano junto da opinião pública dos Estados Unidos.

Unita refuta declarações de Loy

Numa primeira reacção da Unita às declarações feitas pelo ministro angolano dos Negócios Estrangeiros, o representante do movimento junto das Nações Unidas, Abel Chivukuvuku, afirmou ao «DL» ser muito difícil fazer a leitura das intenções do MPLA. «Primeiro porque ao mesmo tempo que, publicamente, o MPLA diz que quer negociar, no país continua a desenvolver ofensivas que matam centenas de angolanos. Segundo, o MPLA, no estrangeiro, diz que quer negociar, mas, ao mesmo tempo, quer secretismo. Secretismo em relação a quem? Porque é que vamos ter medo que o povo angolano saiba que nós vamos negociar e resolver o problema? «Por último, o representante dos rebeldes sublinha que é preciso passar das palavras para os actos concretos» estando a Unita preparada para iniciar de imediato as conversações.

Abel Chivukuvuku referindo-se, à eventualidade de uma ofensiva da Unita contra Luavunbdgodwenees de Van Dunen (Loy), considerou-as irrealistas, sublinhando que elas não são mais do que um pretexto para justificar as acções militares do Governo em Mavinga e no Cuito Cuanavale.

Filipe Vieira



Ao mesmo tempo que anunciava a proximidade das negociações, Loy Van Dunem garantia que a África do Sul voltou a apoiar militarmente a UNITA

MPLA e UNITA debaixo do mesmo tecto

Jaka Jamba, destacado representante da UNITA e Pedro de Castro Van Dunem (Loy), ministro angolano das Relações Exteriores, protagonizam as expectativas geradas com a realização deste I Congresso de Quadros Angolanos no Exterior em que, a partir de hoje e até sábado, participam, em Lisboa, mais de 1300 angolanos de todas as sensibilidades políticas. Mário Soares, a quem é atribuído o desembargo da presença da UNITA, que, face à «esmagadora» resposta do MPLA à iniciativa, chegou a pensar demarcar-se, presidirá, juntamente com Cavaco Silva, à Sessão de Abertura dos Trabalhos.

Os seus organizadores, no entanto, evitam a bipolarização do Congresso e apelam para a união da comunidade angolana no exterior, o reforço da angolanidade e o espírito de reencontro como únicos sustentáculos da iniciativa, que se restringe ao debate de questões socio-profissionais. Foi dentro deste espírito que Francisco Viana, de 31 anos, filho de um dos históricos fundadores do MPLA, Gentil Viana, e principal impulsionador deste encontro, revelou, no decurso da conferência de Imprensa concedida na passada terça-feira, a «maior ambição deste Congresso»: a criação de uma fundação ou instituto «verdadeiramente aglutinador» e o recenseamento de todos os quadros angolanos no exterior.

E, pelos vistos, apoios não faltarão. Trinta mil contos custeados por 24 empresas portuguesas é o orçamento deste Congresso intensamente impulsionado por Vitor Ramalho, acessor de Mário Soares e um dos gestores da Partex.

A confirmação da lista de presenças e a composição da mesa que presidirá aos trabalhos ocorrerá apenas no decurso das sessões para, como disse Francisco Viana, «salvaguardar completamente a equidistância» das sensibilidades presentes.

Garantidas, além das personalidades já referidas, estão a presença de Joaquim Pinto de Andrade, presidente da Associação Cívica Angolana, além de 40 elementos da delegação oficial do MPLA. O responsável das relações externas da UNITA, Tony da Costa Fernandes, que já se encontra há dias em Lisboa, não faltará ao encontro. O cardeal Nascimento, muito provavelmente, também já chegou ao nosso país. Vitor Sá Machado, administrador da Gulbenkian apresentará amanhã um painel a cargo de técnicos da Fundação. Por seu lado os principais elementos do «Grupo de Reflexão», Mário Pinto de Andrade, Gentil Viana e Adolfo Maria, apesar de aprovarem publicamente a iniciativa, não deverão, devido a reacções especulativas de Luanda, aceitar o convite que Francisco Viana lhes dirigiu.

M.T.

Poucas horas depois da posse de Chamorro

«Contras» recusam desmobilização

As dificuldades para a nova presidente da Nicarágua, Violeta Chamorro, começaram poucas horas depois da sua tomada de posse, ontem, em Manágua. Um dos principais líderes dos «contra», Israel Galeano, mais conhecido como Comandante Franklin, afirmou que os rebeldes não entregarão armas enquanto Humberto Ortega (irmão de Daniel) continuar à frente das Forças Armadas nicaraguenses, cargo em que foi investido por Chamorro. Uma decisão que é o primeiro desafio à tarefa de pacificação dos país, após nove anos de guerra civil.

A manutenção de Humberto Ortega deve-se sobretudo a um acordo que Chamorro estabeleceu com os sandinistas para uma transição pacífica, procurando evitar revanchismos que os sectores mais duros da UNO - União Nacional Oposítora, liderados pelo vice-presidente Virgílio Godoy, poderiam patrocionar. Demonstrativo disso é o facto do novo Governo ser constituído por homens de negócios que já tinham relações de trabalho com os sandinistas e que nunca pertenceram ao Conselho da Empresa Privada, um organismo considerado extremamente «reaccionário».

Aliás, mesmo antes da posse, essa aliança entre os sectores moderados da UNO, uma coligação formada por 13 partidos, e os sandinistas, ficou patente na eleição por unanimidade da conservadora Miriam Arguello para presidente do parlamento, que contou com o apoio dos 39 deputados da FLSN, após uma sessão agitada e com muitas negociações de bastidores. Esses mesmos 39 deputados sandinistas entrariam em acordo com fracções moderadas do grupo parlamentar da UNO, constituído por 51 deputados, para eleger Alfredo César, para o influente cargo de primeiro-secretário da Assembleia, vencendo a oposição dos sectores mais conservadores da maioria.

Transformar armas em máquinas

Sabendo das divisões internas da UNO e da necessidade de não entrar em confronto com os sandinistas, Violeta Chamorro decidiu acumular a pasta da Defesa (substituindo precisamente Humberto Ortega) o que lhe dará o controlo directo das Forças Armadas, um argumento importante contra os «duros» do novo regime.

No seu discurso de posse, proferido ontem num estádio de beisebol de Manágua, perante 15 mil pessoas, a nova presidente anunciou diversas medidas para reduzir o peso do Exército, o maior da América Central, como o fim do serviço militar obrigatório e a recuperação das armas nas mãos dos civis. «Temos de fundir as armas e com os metais fazer as máquinas que necessitamos para a agricultura e a indústria» disse Chamorro numa das passagens mais aplaudidas do seu discurso, todo ele marcado por apelos constantes à paz, ao desenvolvimento e à reconciliação nacional.

Tudo isto pode ser posto em causa se os «contras», cujo número é estimado em nove mil homens, se recusarem a entregar as armas, conforme fora acordado entre Chamorro e Daniel Ortega a 27 de Março. Ficou então estabelecido que entre 25 de Abril e 10 de Junho os rebeldes seriam desmobilizados. Poucas horas depois do início do prazo, o Comandante Franklin, diz que com Humberto Ortega a chefiar as Forças Armadas não o fará. Por sua vez, os sandinistas não querem perder o controlo total do exército, enquanto os «contra» não forem desarmados. Como é que Violeta Chamorro conseguirá resolver a questão?

Redacção «DL»/AFP/Lusa

NATO vai abandonar modernização de mísseis

A NATO vai abandonar os planos de modernização dos mísseis de curto alcance e, provavelmente, retirar centenas de peças de artilharia nucleares estacionadas na Europa, informaram fontes da aliança.

A decisão, que deverá ser formalmente aprovada na reunião dos ministros da Defesa da organização no Canadá em Maio, e a primeira parte da reestruturação no interior da NATO. na sequência do fim da guerra fria entre as duas superpotências. Fontes diplomáticas consideram, no entanto, existir ainda a necessidade de alguns tipos de armas nucleares - principalmente mísseis e bombas.

Unificação alemã

Por outro lado, os ministros dos Negócios Estrangeiros da aliança reúnem-se a 3 de Maio, em sessão extraordiária, para discutir a unificação alemã e os acontecimentos do Leste europeu, segundo a NATO.

Ontem, o chanceler alemão federal, Helmut Kohl, afirmou que o processo de unificação das duas Alemanhas deverá estar terminado antes do fim de 1991.

Redacção DL/Lusa

CARTA DE MOSCOVO

«Desideologizar» a economia

A economia soviética vive tempos difíceis. Mais difíceis mesmo do que nos começos da *Perestroika*, há cinco anos. O produto nacional bruto soviético desceu um por cento, nos primeiros três meses deste ano, em relação a idêntico período do ano passado, o rendimento nacional dois por cento, a produtividade do trabalho 2,2 por cento e o volume da produção industrial 1,2 por cento.

Os dados foram avançados por Vadim Kiritchenko, presidente do Departamento Central de Estatísticas da URSS, sexta-feira passada, numa reunião da comissão parlamentar para o planeamento e finanças do Soviete da União, uma das câmaras do Soviete Supremo da URSS.

Dificilmente os resultados podiam ser piores. Não só a produção continua a diminuir, como os rendimentos da população continuam a crescer (mais 13,3 por cento no primeiro trimestre), agravando o desequilíbrio no mercado de consumo. A procura de mercadorias e serviços não satisfeita cifra-se em 165 mil milhões de rublos. A emissão de moeda cresceu 26 por cento (!?) nos três primeiros meses do ano.

Com afirmava no mesmo dia, numa sessão solene alusiva ao 120º aniversário do nascimento de Lenine, o Presidente da URSS, Mikhail Gorbachev, os planos de saneamento da economia, aprovados em Dezembro passado, no Congresso dos Deputados da URSS fracassaram.

Este programa, que apostava num reforço dos mecanismos de direcção centralizada, não deu os resultados esperados, e hoje a URSS confronta-se com a necessidade de avançar mais rapidamente para uma economia de mercado do que se pensava há poucos meses atrás.

O Conselho Presidencial, desde que foi criado em Março passado, já debateu por duas vezes o projecto de dinamização da reforma económica, ou seja de criação de uma economia de mercado. Em Maio próximo, o Governo tenciona apresentar no Parlamento os respectivos projectos de lei.

Mo o que é no fundo uma economia de mercado? Não existe no mundo nenhuma economia que seja plenamente de mercado. Mas na sua variante mínima, trata-se do estabelecimento de laços económicos livres entre produtores e entre estes e os consumidores, assegurados por determinadas estruturas ou regras de mercado.

Nas condições da URSS, isso significa que a independência real das unidades de produção só é possível por meio da «desestatização» da propriedade e, se quisermos chamar as coisas pelos seus nomes, pelo restabelecimento da propriedade privada ou, noutros termos, da privatização da economia.

Guennadi Petrov

De uma maneira ou doutra, isto obrigará uma renúncia ao postulado marxista-leninista de que a colectivização, que nunca passou na URSS da estatização, quem assegura o desenvolvimento mais eficaz da economia. Trata-se de desideologizar a economia.

Ao nível do pensamento económico, a refutação da estatização é já uma realidade. Os mais importantes economistas, entre os quais se encontram o académico Stanislav Chataline, membro do Conselho Presidencial, e Nikolai Petrakov, conselheiro económico do Presidente, pronunciaram-se já por diversas vezes na Imprensa a favor da introdução, o mais rapidamente possível, de sociedades por acções, como forma de propriedade.

No entanto, esta necessidade não é assumida ainda totalmente pelo discurso oficial. O Presidente soviético, na sua primeira intervenção no Conselho Presidencial, afirmou que a propriedade estatal continuará ainda a existir durante um longo período.

Se isto acontecer, dizia há dias um outro economista, Aleksander Orfenov, surgirá uma contradição entre a manutenção da propriedade do Estado e o desejo de introduzir o mercado.

Explicava ele que com a manutenção da propriedade estatal, mesmo com regras de mercado, será o Estado que se encarregará, como no passado, dos investimentos, porque sem fontes de acumulação, ninguém estará em condições de fazer investimentos importantes.

Resultado, os laços estabelecidos no quadro do mercado acabarão por reproduzir inevitavelmente o sistema de gestão administrativa da economia. A única saída consiste pois na privatização da propriedade do Estado, defendia Orfenov, o que dependerá não só do nível da consciência social, como da correlação das forças políticas.

Se na consciência das pessoas, o advento do mercado tem cada vez melhor receptividade, é preciso não esquecer que grande parte da população soviética está pouco consciente de que a privatização levará a maior desemprego, uma diferenciação social mais acentuada e, numa primeira fase, mesmo ao prosseguimento da queda do produto. Desta forma, o Presidente e os seus partidários encontram-se numa situação embaraçante. Têm de escolher entre uma lenta e uma rápida privatização. Mas ambas as variantes terão consequências negativas. E as positivas levarão tempo a fazer-se sentir.

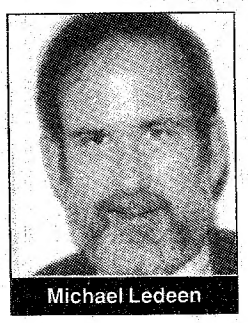
CARTA DE WASHINGTON

As *voltas* de Gorbachev

Enquanto prossegue o drama da Lituânia, os principais conselheiros do presidente Bush andam a repetir as palavras de Andrei Sakharov: Mikhail Gorbachev é um homem muito exquisito, e não é fácil compreendê-lo. De facto, não há questão que o Kremlin enfrente, nestes últimos tempos, em que se possa dizer, com segurança, o que Gorbachev pretende. Mal toma uma posição, decide abandoná-la. Anunciou que o comunismo, enquanto sistema, estava acabado; depois insistiu que o planeamento centralizado devia permanecer como base do Estado soviético. Prometeu uma grande redução de armamentos; depois enviou Shevardnadze a Washington para dizer a Bush e Baker que queria repensar toda a questão. Aceitou o princípio de uma Alemanha unida que NÃO seria neutral; na semana seguinte, anunciou que apenas aceitaria a unificação da Alemanha se viesse a ser um país neutral. Anunciou, em Outubro passado, que não havia necessidade de criar uma nova presidência na URSS; depois instituiu o cargo e decidiu, ele próprio, ocupá-lo. E, no caso da Lituânia, as reviravoltas têm sido ainda mais acentuadas.

Sabemos, através das suas próprias declarações públicas, que Gorbachev aceitou o princípio da legitimidade da secessão, semanas, ou mesmo meses, antes de os lituanos a terem proclamado. O que se soube, em Washington, nestes últimos dias, é que comunicou esta posição, directamente e em privado, aos dirigentes lituanos. Mas, quando estes avançaram e declararam a independência, Gorbachev enviou o Exército para Vilnius. Os pormenores são, se possível, ainda mais surpreendentes. Consta que, mal se tornou evidente que o Sajudis (o partido separatista lituano) iria conquistar uma grande maioria nas eleições lituanas, os seus dirigentes encontraram-se com os líderes do Partido Comunista local para estabelecerem uma estratégia comum com vista à independência. Ambos os partidos queriam evitar um confronto com a União Soviética, e o líder comunista, Brazauskas, propôs um processo demorado, que se prolongaria por cerca de cinco anos.

O plano de Brazauskas foi aceite pelo Sajudis, e estabeleceram um programa comum que adiava a declaração imediata de independência, que permitia a Gorbachev não dar parte de fraco, e que possibilitava à Lituânia ir lentamente definindo o seu próprio modelo de país independente. Uma pequena delegação, chefiada pelo leal Brazauskas, foi enviada a Moscovo para discutir o assunto com Gorbachev. Após ouvir os pormenores do plano, este disse a Brazauskas para declarar simplesmente a independência, de imediato. Nesta reunião, não deu qualquer indício de que uma declaração unilateral de independência poderia gerar um confronto sério entre a Lituânia e o Kremlin. Se a reunião demonstrou algo, foi surpresa, por parte de Gorbachev, de que os lituanos se oferecessem para negociar uma questão como esta.


Michael Ledeen

Todavia, como todos sabemos, Gorbachev não tolerou a tentativa de secessão por parte dos lituanos, ordenou ao Exército que ocupasse as principais cidades da região, e ameaçou cortar fornecimentos essenciais (como o gás natural) se os lituanos não desistirem da sua proclamação de independência. A questão que se coloca é: por que razão os encorajou, primeiro, e, depois, decidiu atacá-los?

Para encontrar uma resposta, devemos notar que, no que respeita a Gorbachev, esta atitude faz parte de um padrão. Ele - ou, pelo menos, alguns dos mais altos funcionários do seu Governo - planeou, cuidadosamente, a chacina de Tbilisi (Geórgia), há pouco mais de um ano. Mais de doze pessoas foram mortas, e o número de mortes seria mais elevado se não fosse a coragem de um cidadão, o qual informou os milhares de manifestantes, na praça central da cidade, de que forças especiais os aguardavam dentro do edifício que se preparavam para ocupar. Se tivessem entrado, ter-se-ia registado um homicídio em massa, com o gás venenoso que foi, de facto, subsequentemente utilizado, no exterior, com consequências fatais. A segunda tentativa de repressão de um movimento espontâneo, na URSS, ocorreu em Baku, onde não há dúvida de que Gorbachev aprovou planos para provocar um conflito étnico, a fim de fornecer um pretexto para a ocupação militar. Este plano resultou, mas o Exército Vermelho - e, mesmo, o KGB - está a passar um mau bocado. Para citarmos, apenas, um exemplo recente do que está a acontecer na região, recordemos que, no princípio deste mês, nacionalistas arménios destruíram a sede do KGB em Erevan, capital da República da Arménia. A Lituânia é, pois, o terceiro caso em que se pode dizer que Gorbachev provocou um conflito para, depois, enviar as tropas. Na Lituânia, encorajou, pessoalmente, o Sajudis e os líderes comunistas a declararem a independência. Mas - insistimos - por que agiu deste modo? Três respostas possíveis surgem automaticamente:

- Acredita que tem suficiente força para esmagar todos os separatismos nacionalistas e étnicos, através da União Soviética, e pretende conseguir que se exponham para, depois, os atacar;

- Está sob enormes pressões por parte de grupos que se digladiam no interior da liderança do sistema soviético. Assim, quando se mostrou generoso com Brazauskas, não teria contado com a reacção dos adversários de um tal gesto (os militares, por exemplo?), e foi, depois, forçado a recuar e a recorrer à repressão militar;

- Não sabe, simplesmente, o que está a fazer, e muda de opinião dia sim dia não, de acordo com a sua leitura dos humores políticos de Moscovo.

Qualquer que seja a explicação, tudo indica que a situação, na União Soviética, se tornou muito escorregadia. E é por isso que Bush e os seus principais conselheiros se sentem tão inquietos com a crise na Lituânia.

(Tradução de Isabel Joyce)

Atentado «de psicopata» falha por milímetros

Lafontaine está fora de perigo

Se Adelheid Streidel tivesse desviado ligeiramente a mão, o líder social-democrata da RFA, Oskar Lafontaine, teria morrido. Segundo os médicos, ele já está fora de perigo, após ter passado a noite entre a vida e a morte, devido a um atentado sofrido ontem num comício em Colónia, quando Adelheid o apunhalou na garganta. A artéria que conduz o sangue ao cérebro não foi atingida por milímetros. Se isso tivesse acontecido, o político, de 46 anos, um dos mais populares da RFA, já não estaria vivo.

Lafontaine discursava num comício integrado na campanha para eleições legislativas de Dezembro, para as quais é um dos favoritos. Sentada na segunda fila da plateia, Adelheid Streidel, uma mulher de 42 anos vestida de branco, após vários pedidos aos seguranças, conseguiu subir ao palanque. Dirigiu-se a Lafontaine com um livro de poemas e um ramo de flores na mão. Quando chegou perto dele, entregou-lhe o livro, pedindo para o autografar. Quando o líder do SPD escrevia, Adelheid tirou subitamente uma faca que trazia escondida entre as flores e cravou-a na garganta de Lafontaine, que de imediato caiu jorrando sangue.

No tumulto que se seguiu, registado pela televisão alemã, Adelheid ficou impassível, sentada no chão, recusando-se a responder a todas as perguntas. Até agora não explicou as razões do seu acto, classificado pelo porta-voz do Governo com «demencial». No entanto, há rumores que poderia pertencer ao neo-nazi Partido Republicano.

Segundo um psicólogo da polícia alemã, numa entrevista ao «Die We!t» de hoje, trata-se de uma psicopata, cujo principal objectivo era a celebridade. Porém , considerou estranho o sangue-frio demonstrado por Adelheid ao passar pela segurança e o cuidado posto na premeditação do crime.

Lafontaine já de bom humor

Durante a noite os médicos do serviço de cirugia arterial do Hospital Universitário de Colónia operaram Lafontaine, conseguindo conter a hemorragia e restabelecendo a circulação. De manhã já estava fora de perigo. O presidente do SPD, Hans-Jochen Vogel, interrogado pelos jornalistas durante uma reunião extraordinária do seu partido, confirmou a melhoria do estado de saúde de Lafontaine, embora sinta «fortes dores no braço, na orelha e no pescoço» , não adiantou nada sobre as razões do atentado e disse que o candidato retomará a campanha assim que se recuperar. «Ele levantou-se por um curto instante nesta manhã e fez algumas reflexões humorísticas, o que é bom sinal», disse Vogel.

O porta-voz da província do Sarre (governada por Lafontaine), Joachim Hofman-Goettig, confirmou aos jornalistas o bom estado de saúde e de espírito do político social-democrata, conhecido pelos seus ditos humorísticos e pela excentricidade do seu comportamento. «Ele acordou da anestesia às 5 da manhã (hora local), leu os jornais, recebeu visitas e disse mesmo algumas piadas». No entanto, continuou o porta voz, «fê-lo numa voz muito baixa, porque as suas cordas vocais estão enfraquecidas». Há esperanças que no fim-de-semana, Oskar Lafontaine possa já ter alta.

Redacção «DL»/AFP

A autora do atentado, Adelheid Streidel, já dominada pela segurança. Psicopata em busca de celebridade ou «fria premeditação»?

BREVES

Peres desiste de formar Governo

Depois de o ministro israelita da Economia, Yitzhak Modai, ter dito ontem que apoiaria o partido conservador Likud, empatando em 60 a 60 o número de deputados no parlamento, o líder trabalhista Shimon Peres anunciou esta manhã na rádio que desistia de tentar formar Governo. A decisão de Modai foi o golpe de misericórdia nas tentativas de Peres, que já duravam há 35 dias quando o presidente Chaim Herzog, o incumbiu dessa tarefa. A falta de apoio dos partidos religiosos foi os principais responsáveis pelo fracasso. Cabe agora ao actual primeiro-ministro, Yitzhak Shamir, tentar conseguir formar uma maioria parlamentar que viabilize um novo Executivo.

Reféns no Líbano

A chegada de uma delegação do Comité Internacional da Cruz Vermelha (CICV), esta manhã, à cidade libanesa de Saida, onde em Outubro passado foram sequestrados dois dos seus colaboradores, os suíços Elio Erriquez e Emanuel Christen, leva a crer que a sua libertação esteja próxima. No domingo passado o líder líbio Muammar Kadhafi apelou a que eles fossem soltos por ocasião do Eid el Fitr, a festa que marca o fim do Ramadão e que começa hoje. Entretanto, fontes palestinianas anunciaram que a qualquer momento poderão ser libertados os reféns belgas Emmanuel Hotkins, a mulher e dois filhos, que juntamente com Jacqueline Valente e a família, foram raptados de bordo do iate «Silco» há três anos.

Guiné-Bissau acusa Senegal

A Guiné-Bissau acusou ontem o Senegal de violar sistematicamente o seu território e classificou esses actos de «atentatórios à sua soberania nacional», na sequência de apresamento no passado dia 11 de um navio de pesca soviético, que operava com pavilhão guineense e licença de pesca também guineense, em águas territoriais da Guiné-Bissau. Na ocasião , uma vedeta da Marinha de Guerra senegalesa disparou diversos projécteis contra o navio de pesca, tendo 40 acertado na sua estrutura.

Lituânia quer que Moscovo a trate em «pé de igualdade»

O Presidente da Lituânia, Viftautas Landsberguis, apelou hoje à URSS para que trate os lituanos em «pé de igualdade» e como «parceiros», em lugar de prolongar a «relação senhor/escravo» entre Moscovo e Vilna, se quiser salvaguardar o êxito da Perestroika.

«Não temos nenhuma ilusão acerca da nossa dependência económica em relação a Moscovo», escreve o Presidente lituano, numa carta aberta publicada pelo jornal francês «Le Figaro», acrescentando: «Não compreendemos as razões que levam à manutenção dessa relação senhor/escravo, e porque é que certos amigos ocidentais - para grande surpresa nossa - a consideram como uma solução para o problema.

Evocando as «ameaças físicas e verbais» de Moscovo, Landsberguis diz ainda: «Se Gorbachev pretende manter cativa uma Lituânia hostil, numa relação senhor/escravo, perderá muito com isso. Será uma demonstração de que a Perestroika é uma colecção de conflitos políticos e não uma autêntica transição para a democracia».

EUA adiam sanções

De referir que os países Ocidentais decidiram nada fazer que possa agravar as dificuldades de Gorbachev no que se refere à Lituânia, cuja anexação pela União Soviética nunca reconheceram.

O Presidente norte-americano, George Bush, que consultou os aliados dos EUA, declarou ainda não ter decidido se tomará medidas para punir Moscovo pelo seu bloqueio económico à Lituânia e reiterou o seu apelo para negociações tendentes a pôr termo à crise.

«A decisão não foi tomada», disse Bush em declarações aos jornalistas, entre especulações generalizadas de que estaria para anunciar sanções económicas contra Moscovo, pelas suas medidas contra os esforços pró-independentistas da Lituânia.

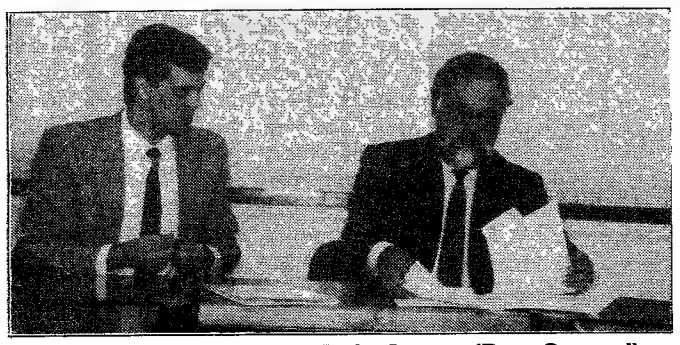
«Preocupa-me que, não inadvertidamente, façamos algo que obrigue a União Soviética a tomar uma acção que faça regredir a causa da liberdade em todo o mundo», disse Bush a um grupo de jornalistas em Washington.

Ontem, o porta-voz soviético Vadim Perfiliev havia afirmado em Moscovo que represálias norte-americanas pelo bloqueio soviético à Lituânia poderiam provocar uma fricção entre as superpotências.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

ECONOMIA

BREVES



Henrique O'Neill (SIII) e Brás Gomes (Data General) na assinatura do acordo

Data General e SIII na indústria

A Data General e a SIII (Sistemas Integrados de Informática Industrial, Lda.) assinaram um acordo que visa uma abordagem conjunta e mais abrangente do mercado da indústria. A primeira passa a aceder de forma mais dinâmica ao mercado da indústria e a segunda contribui com os seus conhecimentos nas áreas da computação gráfica e do controlo de produção.

Formação de chefias em curso específico

A formação de chefias, mediante o desenvolvimento das potencialidades do dirigente e do trabalho em grupo, com vista a uma maior produtividade, é o objectivo de um curso que vai decorrer em Lisboa, no próximo mês, destinado a quadros médios e superiores de empresas. Organizado pela Excepção, empresa que actua na formação profissional e «marketing», o curso tem as opções diurna e nocturna.

Seguro de 30 mil contos para redes de gás

Uma portaria publicada no «Diário da República» estabelece que o valor mínimo da garantia do seguro obrigatório de responsabilidade civil, a celebrar pelas entidades instaladoras de redes e aparelhos de gás, seja de 30 mil contos.

Monopólio de aguardente leva Portugal a Tribunal

Comissão das Comunidades Europeias dá razão a exportadores de vinho do Porto e Governo diz que vai resolver o diferendo

A Comissão das Comunidades Europeias vai levar o Governo português ao Tribunal de Justiça de Luxemburgo, por aquele persistir em não tomar qualquer medida tentende a pôr fim ao monopólio da adaptação das aguardentes para beneficiação do vinho do Porto. Esta intenção surge no prosseguimento de uma queixa apresentada pela AEVP, depois desta ter visto goradas diversas tentativas de negociação. Em contrapartida, o Governo diz que o diferendo está em vias de solução.

Até ao presente o Estado tem importado a aguardente em monopólio, numa situação considerada contrária às regras comunitárias. Tal situação rendeu aos cofres públicos, no ano passado, quase 1,4 milhões de contos, não aplicados na revovação do sector, conforme se queixa a Associação de Exportadores do Vinho do Porto.

O secretário de Estado da Alimentação, contactado pelo «DL», afirmou que «tem havido algum contencioso resultante da uma insuficente percepção do regime praticado em Portugal, o que já foi motivo de necessários esclarecimentos», para além de terem sido dadas respostas, há cerca de 15 dias, onde o Governo refere a formação do Agrupamento Complemetar de Empresas.

Esta questão remonta a 1986, altura em que foi feita a última tentativa de negociação com o Governo sobre o monopólio.

Nesse mesmo ano, em Novembro, foi apresentada queixa formal perante da Comissão das Comunidades. Depois de reuniões com o ministro da Agricultura e da apresentação do relatório sobre «Estratégia de Negociação», em Março de 1988, a AEVP apresentou segunda queixa.

Arrastar do processo

O processo foi-se arrastando, com o Estado português a protelar uma resposta definitiva, seguindo-se, em Setembro de 1988, uma proposta da Comissão de instauração ao Governo de um processo por não acatamento de recomendação. Posteriormente foi remetida a Lisboa uma nota de culpa, sem que tenha havido qualquer reacção.

Depois de não ter sido efectuada uma reunião proposta para debate, antes do final do prazo para resposta à nota de culpa, finalizado este prazo a Comissão retomou na íntegra, em Fevereiro do ano passado, os fundamentos avançados pela AEVP nas queixas apresentadas, tendo as autoridades portuguesas respondido afirmativamente à sugestão da Comissão apresentada na parte final da nota de culpa, onde era sugerido que funcionários desta se deslocassem a Lisboa para uma reunião técnica.

Após discussões sobre o alcance da nota de culpa e da reunião técnica, os representantes portugueses não conseguiram desmentir a existência de monopólio, tendo os serviços da Comissão dilatado o prazo para resposta à nota de culpa. Esta foi dada em Abril de 1989, mas considerada como não satisfatória, pelo que a Comissão procedeu ao envio do parecer que antecedeu a introdução no Tribunal de Justiça das Comunidades Europeias de uma acção por incumprimento contra o Estado faltoso.

Em Março deste ano continuava inalterável a posição oficial quanto ao monopólio da adaptação da aguardente para o benefício do vinho do Porto. O Governo não respondeu às notas enviadas pela Comissão e, a título oficioso, esta informou não ver outra alternativa que não fosse a introdução da acção de incumprimento no Tribunal de Justiça das Comunidades Europeias.

Agrupamento Complementar

Refira-se que recentemente, numa posição comum e solidária, na qual se integrou a Casa do Douro, foi criado o Agrupamento Complementar de Empresas, o chamado Grupo de Produtores do Vinho do Porto, (ACE), que tem o objectivo de comprar a aguardente vínica para o Porto.

Presentemente aguarda a sua formalização para assumir capacidade jurídica e operacional.

O ACE, para o qual já foi dado acordo de constituição, para além de prever a revenda das aguardentes vínicas às empresas agrupadas, quer desenvolver trabalhos de investigação científica e tecnológica, com o objectivo de melhorar a qualidade do vinho do Porto.

Segundo dados divulgados recentemente, a exportação deste produto e o seu consumo interno, devido à evolução favorável registada, deverá ter uma procura, nos próximos anos, de 150 mil pipas de mosto a ser beneficiado anualmente, para o que serão necessários mais de 247 mil hectolitros de aguardente, tendo o País capacidade actual de produção só de 64 mil.

O secretário de Estado considera, igualmente, que os direitos nivelados deverão existir sempre, independemente de haver ou não monopólio, embora seja de opinião que deverão ser os directamente interessados a fazer os negócios do sector.

A.H.

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

	(Por Unidade)	
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	46$20	52$20
ALEMANHA FED. (marco)	87$30	88$50
ÁUSTRIA (xelim)	12$40	12$60
BÉLGICA (franco)	4$035	4$285
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	126$75	129$25
(notas de 5 a 1000)	127$25	129$75
DINAMARCA (coroa)	22$95	23$35
ESPANHA (peseta)	1$348	1$468
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	147$35	150$85
(notas de 5 a 1000)	147$85	151$35
FINLÂNDIA (marka)	37$05	37$65
FRANÇA (franco)	26$00	26$70
HOLANDA (florim)	77$65	78$75
IRLANDA (libra)	235$50	239$50
ITÁLIA (lira)	$108	$123
JAPÃO (iene)	$893	$948
NORUEGA (coroa)	22$55	23$05
REINO UNIDO (libra)	242$00	246$50
SUÉCIA (coroa)	24$15	24$65
SUÍÇA (franco)	99$35	100$85
VENEZUELA (bolívar)	2$618	3$418

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

UEM: mais apologistas da adesão imediata

Quanto mais tarde o escudo entrar no Sistema Monetário Europeu (SME) mais sofrerá a economia portuguesa, concluíram os parlamentares da Comissão de Economia, Finanças e Plano após auscultarem as opiniões de vários especialistas.

Vários responsáveis consideram, inclusive, que o escudo já devia ter aderido ao SME, entre os quais o actual ministro das Finanças, Miguel Beleza, e os ex-ministros João Salgueiro e Ernâni Lopes.

O ministro Beleza afirmou que «Portugal deve aderir o mais depressa possível ao mecanismo de taxas de câmbio do SME, nomeadamente, porque possui um elevado grau de abertura económica (cerca de 80 por cento) comparativamente ao da comunidade europeia (que ronda os 70 por cento)».

Contudo, para o ministro, «seria imprudente a adesão plena de Portugal ao SME antes de se proceder a uma redução do diferencial de inflação e a algum ajustamento orçamental adicional».

Opinião diferente é manifestada pelo professor Francesco Jiavazzi, da Universidade de Bolonha, que considerou que «não se deve esperar pela baixa da inflação para aderir ao SME».

Vítor Constâncio entende mesmo que Portugal deve manifestar a sua intenção de aderir ao SME até ao final do ano corrente, para que a integração seja uma realidade no decorrer do próximo ano. A adesão ao SME deverá ser precedida da obtenção de algumas garantias por parte de Portugal: salvaguarda da entrada do escudo na banda larga, que poderia ser de seis a quatro por cento; não aprovação no "relatório Delors" dos limites obrigatórios nos défices orçamentais; negociação da política regional, que assegure um nível de transferências financeiras «suficientemente significativo».

Mendonça Pinto, por seu turno, aponta como ganhos da adesão a redução da instabilidade cambial e a maior credibilidade e eficácia da política de combate à inflação. Como contrapartida, o Governo perderá autonomia na condução da política macro-económica e o País verificará um menor ritmo de crescimento económico. Outro efeito da adesão ao SME será a alteração das expectativas dos agentes económicos, que deixam de estar pendentes da gestão da conjuntura para saber com que câmbios contam.

Enquanto Carlos Tavares, secretário de Estado do Tesouro, admite a adesão para a banda larga - onde as moedas podem variar acima dos 2,25 por cento que constituem a banda estreita - «nos próximos anos» com a prossecução, até então, do «esforço de consolidação orçamental e redução da inflação», Ernâni Lopes considera a discussão da adesão «um semifalso problema».

Muito mais importante, diz, é «saber em que condições e de que modo se avança na união económica e monetária», para acrescentar que importa «saber se Portugal tem ou não uma política de inserção na vida económica comunitária».

Redacção «DL»

Maquinistas ferroviários recusam serviços mínimos

A greve na CP recomeçou hoje, em ritmo diferente ao das paralisações anteriores. Apesar de tudo, o sindicato ainda tem esperanças na intervenção do novo ministro

A greve dos maquinistas da CP, iniciada às 5 horas da madrugada de hoje, foi «cumprida na globabilidade», afirmou ao «DL» Castelo Lopes, dirigente do Sindicato Nacional dos Maquinistas dos Caminhos de Ferro Portugueses (SMAQ). Este responsável acrescentou que «as anomalias que se verificaram esta manhã corresponderam ao previsto, dada a paralisação».

Apesar do Conselho de Gerência da CP ter emitido uma ordem de serviço exigindo aos maquinistas o cumprimento dos «serviços mínimos», a direcção do respectivo sindicato não a atendeu. Segundo Castelo Lopes, «essa ordem de serviço nunca foi cumprida, nem tencionamos cumpri-la agora. O tipo de greve que fazemos garante 50 por cento dos trabalhadores no activo». No entanto, caso o Governo decrete a requisição civil «seria um caso a estudar», disse ainda o referido dirigente. Acrescentou: Esperamos que o ministro dos Transportes se exponha e se mostre disposto a dialogar connosco e a resolver a situação».

A paralisação hoje iniciada realizar-se somente nos dias pares, o que constitui uma novidade, até 10 de Maio. Os maquinistas decidiram reiniciar a greve parcial depois de terem dado «um voto de confiança» ao novo ministro das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, Ferreira do Amaral, empossado terça-feira, para resolver o conflito. A partir de hoje, cada maquinista paralisará quatro horas e meia por turno e recusar-se-á a fazer qualquer trabalho extraordinário e a conduzir os comboios Alfa e Intercidades.

A CP, prevendo «perturbações que afectarão gravemente a normalidade do serviço ferroviário», programou a realização de comboios especiais entre Lisboa, Porto e Braga, Lisboa e Guarda, Lisboa e Covilhã e ainda Lisboa e Faro, durante os dias da greve.

O serviço internacional foi programado para ser cumprido de acordo com os horários normais, exceptuando a ligação Porto-Vigo, que foi suprimida.

Na linha suburbana de Sintra, a empresa prevê que sejam suprimidos alguns comboios com origem e destino nas estações de Sintra e Cacém. Os comboios da linha de Cascais poderão circular de acordo com o horário de domingo, «com algumas supressões pontuais».

O serviço ferroviário de ambas as linhas suburbanas foram reforçados com autocarros alternativos que funcionarão entre as 6 e as 21 horas.

A CP prevê a realização do «serviço normal» na linha da Azambuja.

A Associação Independente dos Maquinistas Europeus enviou uma delegação a Portugal para «demonstrar a sua solidariedade» para com os maquinistas portugueses. Um dos representantes da associação, o secretário-geral do Sindicato dos Maquinistas Espanhóis, Juan Barrancos, disse aos jornalistas que vieram dar ajuda económica aos maquinistas portugueses, «para que possam continuar a greve durante quanto tempo for preciso».

Rui Pacheco

Ruína anunciada O prédio da Calçada do Combro que há três semanas ameçava cair ruiu esta madrugada, pelas duas horas, não causando danos pessoais por já se encontrar desabitado e ter sido vedado ao trânsito parte da faixa de rodagem, bem como protegida, com tapumes, a zona de perigo. Abateu a ala direita do edifício apalacetado dos fins do Século XVIII, deixando de pé a capela e toda a restante fachada que inclui, ainda, mais sete janelas em cada um dos três andares.

Bispos querem preservar património cultural

Os bispos participantes na Conferência Episcopal Portuguesa, que termina hoje em Fátima, criaram, com a aprovação dos estatutos, um centro nacional de pastoral litúrgica e sugeriram uma maior preservação do património cultural.

O centro será instalado do edifício do antigo Seminário Menor de Leiria, junto ao santuário.

De âmbito nacional, este centro terá como objectivo, segundo a proposta apresentada pela Comissão Episcopal de Liturgia, «a formação dos agentes da pastoral e de todo o povo de Deus, de uma forma sistemática e contínua».

Patrocinado pela Conferência Episcopal, Universidade Católica Portuguesa e Santuário de Fátima, o centro terá alunos «simples ouvintes ou alunos ordinários», entre «sacerdotes, religiosos e leigos» e a sua programação proporcionará conhecimentos doutrinais, técnicos e artísticos.

Os bispos consideraram que a Igreja é o principal mecenas colectivo da comunidade nacional.

Num documento intitulado «Nota sobre o património histórico ou cultural da Igreja», aprovado nesta conferência, e que será editado em opúsculo, refere-se que o património da Igreja é mais que um objecto de exercício do direito de propriedade, representando um instrumento necessário ao desempenho da sua missão.

O secretário da Conferência Episcopal Portuguesa, D. Albino Cleto, admitiu existir uma diferença de sensibilidade em matéria de defesa do património entre Igreja e o Instituto Português do Património Cultural (IPPC).

Muçulmanos da função pública têm dispensa amanhã

Os membros da comunidade islâmica que trabalham na função pública estão dispensados de trabalhar amanhã, dia em que comemoram o fim do Ramadão, anunciou o Ministério das Finanças. A decisão baseia-se no direito de liberdade religiosa e de culto, consagrado na Constituição Portuguesa. A 27 de Abril os mulçumanos realizam a festa do fim do Ramadão, denominada «Id-Ul-Fitre»

câmara municipal amadora

CIDADE DA PAZ
zona livre de armas nucleares

Informação

MUNICÍPIO DE LISBOA

EDITAL

N.º 37/90

REPARAÇÃO DAS CANALIZAÇÕES

Faço saber que correm éditos de 30 dias, contados da data da segunda publicação deste edital intimando nos termos do artigo 12.º do Regulamento Geral das Edificações Urbanas e por meu despacho de 27 de Dezembro de 1989 e por delegação de competência de Sua Ex.ª O Presidente (Despacho 62/P de 10 de Janeiro de 1986), LUÍS HENRIQUE AMADO DE FREITAS, ausente em parte incerta, na qualidade de proprietário do 3.º andar letra C e condomínio do prédio situado na Rua Alexandre O'Neil, n.º 20/20-A, em Lisboa a proceder à reparação das canalizações do referido andar, por forma a eliminar as intenças infaltrações que se notam no andar inferior (2.º andar-letra C). Fica ainda intimado a proceder na parte que lhe diz respeito à reparação geral da canalizações comuns do prédio, nomeadamente prumadas de esgotos, de modo a ficarem sem rutoras e em condições normais de funcionamento.

As obras deverão ser iniciadas no prazo de 8 dias, findo o dos éditos e concluídas nos 30 dias seguintes.

NOTA: Obras isentas de licença nos termos da alínea a) do n.º 2 do artigo 1.º do Decreto-Lei n.º 166/70.

Paços do Concelho de Lisboa, em 9 de Abril de 1990.

O Vereador,
Vasco Franco

Prémio melhor Reportagem Amadora/90

CÂMARA MUNICIPAL DA AMADORA

VISITA DE JORNALISTAS

Para apresentação do Prémio

28 DE ABRIL

Programa:

15.30 h. — Porto de Honra, nos Paços do Concelho com a presença do Dr. Fernando Piteira Santos.

16.30 h. — Visita guiada ao Município.

19.30 h. — Jantar no Refeitório Municipal
Prato: «Coelho à Pedro dos Coelhos», pelo vencedor do Concurso Gastronómico.

21.30 h. — Convite para assistir ao 3.º Festival de Música Popular portuguesa e à entrega do Prémio José Afonso a Sérgio Godinho.

GIRP GABINETE DE IMPRENSA E RELAÇÕES PÚBLICAS

amadora

3.º FESTIVAL DE MÚSICA POPULAR PORTUGUESA
SALA D. JOÃO V — DAMAIA

Dia 27 de Abril, às 21.30 h — Madredeus
Lua Extravagante com:
Janita, Vitorino, Filipa Pais
e Pedro Caldeira Cabral.

Dia 28 de Abril, às 21.30 h — Brigada Victor Jara
La Musgaña
Júlio Pereira

Entrega do Prémio José Afonso / 1990 a Sérgio Godinho

* * *

Bilhetes à Venda: CMA, D. João V, Livraria Abril.Abril

CÂMARA MUNICIPAL DA AMADORA

QUOTIDIANO

Nos anos 80 o País evoluiu demograficamente. Baixou a taxa de crescimento natural e registou números inferiores à França e à Grã-Bretanha em relação à fecundidade

Portugal com menos gente

Na década de oitenta, Portugal registou uma evolução demográfica em resultado de um forte declínio do crescimento natural, revela um estudo do Instituto Nacional de Estatística (INE).

Entre 1980 e 1988 o saldo natural diminuiu 62 por cento, passando de 63 500 para 24 200 indivíduos.

Relativamente à taxa de mortalidade infantil, nesta mesma década, assistiu-se a um decréscimo de 47 por cento. Mas, apesar desta percentagem, o INE considera o nível actual elevado.

Comparativamente com os países da Comunidade Económica Europeia, Portugal e Grécia são os únicos que registam taxas de mortalidade infantil superiores a 10 por cento.

Segundo o INE, a análise da mortalidade não pode ser dissociada da repartição por causas, dado que doenças como as cerebrovasculares, arteroescloroses e pneumonias estão fortemente ligadas à idade.

Assim, o número de óbitos observados em 1988, tendo como causas aquelas três doenças, não significa um retrocesso no campo da saúde, mas sim a consequência do processo de envelhecimento que a população portuguesa entretanto iniciou. De 1980 a 1988, salienta ainda o INE, verificou-se ainda uma queda da fecundidade em Portugal, acompanhada por um aumento da fecundidade fora do casamento.

Quanto ao primeiro aspecto, ele deve-se ao progresso no campo da mortalidade, especialmente da infantil; ao retardamento do casamento e, consequentemente, da idade média da mulher em relação ao primeiro filho; à atitude dos jovens face ao casamento como instituição; à difusão dos métodos modernos de contracepção; à dificuldade do acesso à habitação; ao prolongamento da escolaridade obrigatória; ao nível de emprego; ao grau de instrução e a actividade profissional da mulher; e ao processo de urbanização e as correntes migratórias.

Portugal, que em 1982 se juntou aos países da Europa com baixa fecundidade, regista, de momento, níveis inferiores a alguns deles, como a França ou a Grã-Bretanha.

O fenómeno migratório

A emigração e a migração continuam a ocupar um lugar de destaque em Portugal, refere o INE. Os indivíduos continuam a abandonar as suas terras para procurarem uma actividade profissional ou para constituírem família.

Neste sentido, a emigração traduz uma potencial transferência de nascimentos.

A emigração permanente subiu 17 por cento, em relação a 1987. Os fluxos emigratórios permanetes prosseguiram em 1988 e a emigração temporária foi inferior à permanente.

O Canadá e os Estados Unidos continuam a ser os países preferidos pelos emigrantes permanentes. Quanto aos indivíduos que optam pela Europa, apenas se registam seis por cento.

O crescimento demográfico português tem vindo a depender predominantemente do crescimento natural.

Portugal de lés a lés

O crescimento demográfico de norte a sul de Portugal não é homogéneo.

Há distritos que têm um saldo natural negativo, como Beja, Castelo Branco, Coimbra, Évora, Faro, Guarda, Portalegre e Santarém, enquanto outros detêm uma taxa de natalidade elevada, como o do Braga (15 por cento).

Outros distritos, como Beja, Bragança, Castelo Branco, Vila Real ou Viseu, registam um negativo crescimento efectivo.

O INE diz ainda que os distritos do Alentejo, acrescidos de Castelo Branco e Guarda formam um conjunto cujo crescimento nos anos 80 se tem processado negativamente.

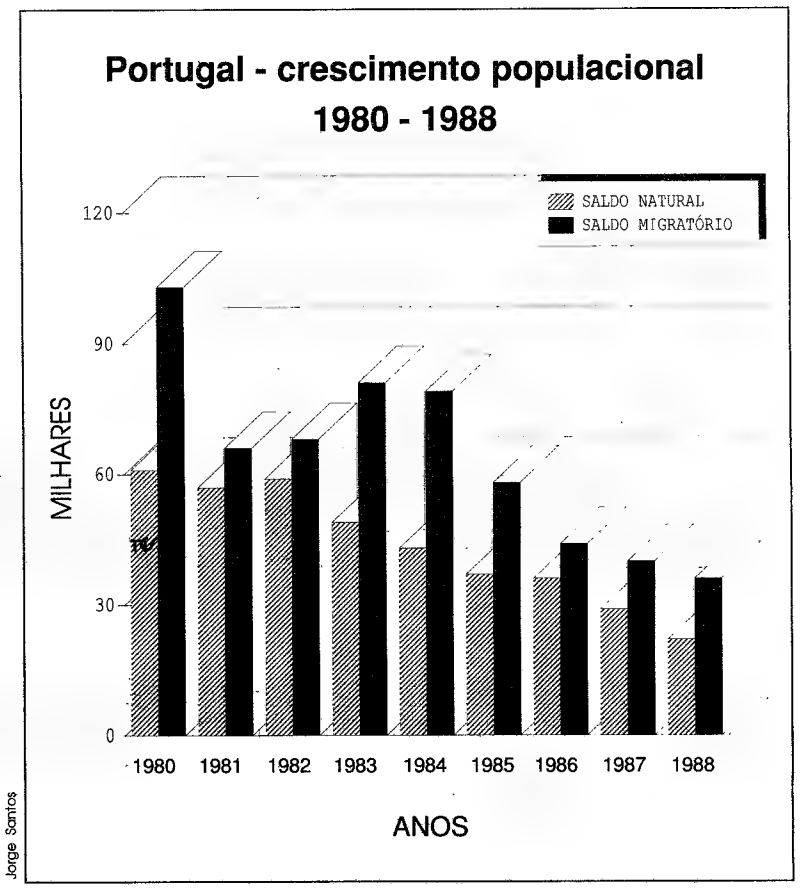
Segundo dado do recenseamento de 1981, estes distritos caracterizam-se por uma estrutura etária envelhecida e apresentam saldos migratórios internos negativos.

Mais tarde, os distritos de Vila Real e Viseu, e em 1987 o de Santarém, passaram a incluir o grupo dos distritos com crescimento negativo.

Portalegre é o distrito que possui a taxa de mortalidade mais elevada.

A razão está no índice de envelhecimento mais elevado do país: por cada cem jovens com menos de quinze anos, detém 115 indivíduos com 65 anos, pelo menos.

Neste distrito verifica-se ainda uma reduzida taxa de população feminina dos 15 aos 49 anos (41 por cento da população total).



BREVES

Reabilitação profissional tem um centro em Peniche

Abriu hoje, em Peniche, um centro de reabilitação profissional promovido pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional e pela Cooperativa de Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas (CERCI). O novo centro visa, entre outros objectivos, preparar pré-profissionalmente jovens portadores de deficiências mentais e desenvolver programas de formação profissional para deficientes. O acompanhamento dos jovens integrados ou por integrar, quer a nível da orientação profissional, quer da integração sócio-profissional, é outra das tarefas do centro.

Associativistas debatem «Os jovens e o sexo»

O padre João Seabra é um dos oradores convidados pela Associação Académica de Lisboa para um debate sobre «Os jovens e o sexo», que se realiza amanhã, também com a participação do jovem escritor Manuel Arouca. Esta iniciativa integra-se num ciclo de debates sobre a juventude. O segundo debate, subordinado ao tema «Os jovens e o Serviço Militar Obrigatório», terá como convidados Ângelo Correia e Aventino Teixeira. Depois, para expor o tema «Os jovens e a política», a Associação Académica de Lisboa convidou Manuel Monteiro (CDS), Pedro Pinto (PSD) e António Costa (PS).

Atuneiros da Madeira entraram em greve

Os pescadores de atum da Madeira, em greve desde terça-feira, reivindicam uma imediata actualização das tabelas dos preços mínimos para a indústria conserveira e a redução do preço de venda do atum ao consumidor. Os pescadores alegam, também, que os descontos efectuados para a Previdência não estão actualizados, para além de reivindicarem melhores condições de apoio em terra.

Excrementos de galinha valem tanto como os ovos

O Caramulo vai produzir biogás a partir de detritos avícolas e espera um futuro risonho

As galinhas não servem apenas para pôr ovos ou nos oferecerem a sua carne de discreto sabor: os seus excrementos também possuem um considerável valor económico que uma sociedade nascente no Caramulo pretende vir a explorar.

Aquela área é conhecida pela densidade dos aviários ali localizados, mas os produtores de ovos e de frangos enfrentam um sério problema: a natureza dos dejectos das galinhas poedeiras é demasiado líquida e nem mesmo podem ser utilizados nas fábricas de rações. Solução habitual é lançá-los nos pinhais da região, mas os inconvenientes têm sido maiores do que os benefícios.

Daí que tenha surgido um projecto para o seu aproveitamento transformado em biogás. A iniciativa coube à Associação de Defesa do Ambiente da Serra do Caramulo e obteve já o apoio dos avicultores locais, da Câmara de Tondela e das autoridades sanitárias de Viseu, entre outras entidades.

O investimento para a produção de biogás poderá ser recuperado em 10 anos

O projecto consistirá na instalação e exploração de uma unidade fabril que se propõe transformar os detritos avícolas em biogás e esperam os promotores que, dada a sua natureza, possa vir a beneficiar de subsídios comunitários ao abrigo do Programa Valorem, especialmente dirigido ao apoio e desenvolvimento de energias alternativas. De acordo com os responsáveis, o investimento inicial poderá ser recuperado em 10 anos, destinando-se o biogás produzido a abastecer uma unidade industrial da região. A sua concretização levará, igualmente, à solução do problema muito sensível da poluição provocada pelos aviários e que, de resto, foi o ponto de partida para a movimentação da Associação de Defesa do Ambiente da Serra do Caramulo.

Para a concretização da futura sociedade anónima aguarda-se apenas a assinatura de um protocolo entre a Câmara de Tondela e a Secretaria de Estado do Ambiente e Recursos Naturais.

Projectos idênticos estão já em preparação por parte de outros grupos interessados.

QUOTIDIANO

Região do Alto Tâmega renasce para o termalismo

Chaves, Vidago, Pedras Salgadas e Carvalhelhos, adormecidas desde a belle époque preparam aberta recuperação

A perdida pujança termal do Alto Tâmega, que se revelou especialmente no princípio do século, parece entrar num período de recuperação, após um longo período de marasmo. Pedras Salgadas, Vidago, Chaves e Carvalhelhos estão a recuperar a sua pujança termal perdida, depois de terem sido termas de imperadores romanos e de terem tido, no princípio do século, visitas frequentes da família real portuguesa.

Estão criados um Programa de Renovação Termal e um Sistema de Incentivos Financeiros à Indústria Turística (SIFIT) e Santos Silva, vice-presidente da Comissão de Turismo do Alto Tâmega (que abrange os concelhos de Chaves, Boticas, Valpaços, Vidago, Pedras Salgadas, Vila Pouca de Aguiar e Ribeira de Pena) afirma «acreditar novamente no termalismo», opinião compartilhada pelos responsáveis nacionais pelo turismo, que consideram as estâncias termais pólos de desenvolvimento do turismo no interior do país.

Vários projectos avançam para melhorar a oferta, não só no plano termal, como a nível da capacidade turística global da região do Alto Tâmega, muito embora a Comissão de Turismo não tenha apresentado quaisquer projectos de candidatura ás verbas a atribuir no âmbito do Ano Europeu de Turismo, que este ano se celebra e privilegia o turismo rural e social.

Recuperar, ampliar, promover

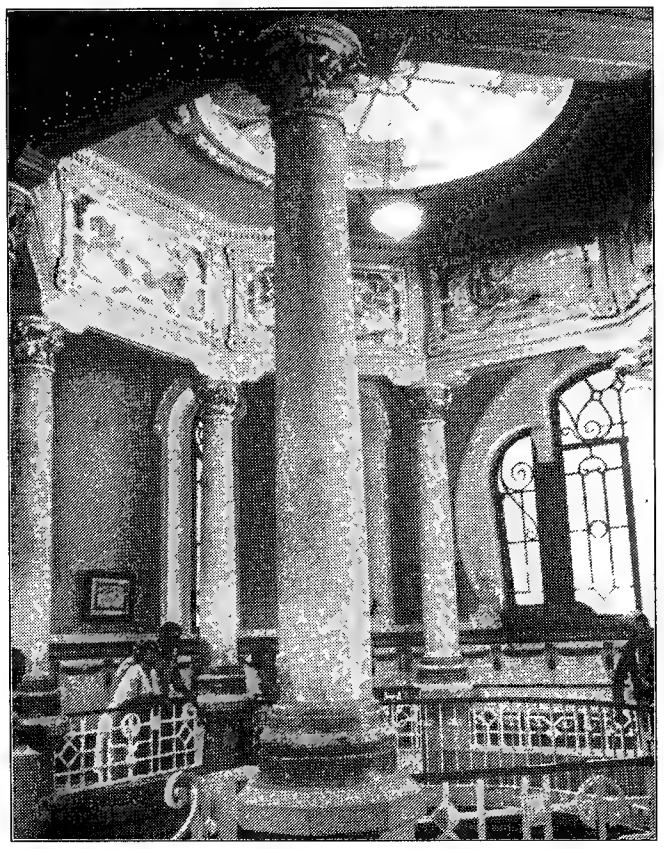
A recuperação de antigas unidades hoteleiras, degradadas pelo tempo e pelo abandono, a construção de novos edifícios e o aproveitamento de velhos solares para o turismo rural, são projectos em marcha para a região poder responder eficazmente e com qualidade aos milhares de aquistas e turistas que anualmente visitam o Alto Tâmega.

A Câmara Municipal de Chaves, por exemplo, tem entre mãos planos de ampliação dos balneários termais e da utilização múltipla das águas, cuja temperatura, à superfície, atinge os 70 graus centígrados, e que deverá servir para o aquecimento de toda a cidade. Estes projectos serão realizados no âmbito do Programa Operacional Integrado de Trás-os-Montes e Alto Douro (PROITAD). Aquele município vai, igualmente, promover, em Maio, uma campanha de promoção das suas águas na Galiza para «seduzir» os aquistas vizinhos, aproveitando a situação fronteiriça.

Segundo dados oficiais, o número de pessoas que procuram «a paz das termas» tem vindo a aumentar (foram 10 mil no ano passado, metade dos quais preferindo as águas quentes de Chaves), mas «a região carece de uma autêntica capacidade hoteleira, que começa, agora, a ser suprida».

Duplicar a oferta

Santos Silva espera que o número de camas para oferta turística duplique durante este ano, embora a maioria seja clandestina e sem qualidade. A situação está em vias de alteração. Um novo hotel, o «Aquae Flaviae», com capacidade de 320 camas vai abrir ainda este mês; para o próximo Maio está projectada a abertura da primeira casa solarenga, em Nantes, prevendo-se a rápida recuperação de 15 outros solares na região.



Nascente das Pedras Salgadas: o ambiente «fin de siècle» que apenas espera ser recuperado

Tradicionalmente, às termas estão associadas infra-estruturas para a prática de golfe, ténis, mini-golfe, equitação, remo, pesca e caça desportivas. Quanto a estes atractivos, Vidago e Pedras Salgadas são terras de eleição, mas para Carvalhelhos, com características mais rurais, as condições são diferentes. É uma zona considerada com qualidades invulgares para o «turismo de espaço rural».

Relativamente aos melhoramentos projectados para Vidago, o alargamento e o aumento do campo de golfe, de 9 para 18 buracos, está já na forja, falando-se, ainda, na criação da zona de jogo Vidago-Pedras Salgadas e na reabertura do casino das Pedras.

Para as autoridades turísticas locais, a construção de um pequeno aeroporto em Campinas, nas vizinhanças de Chaves, é «fundamental» para o desenvolvimento da região, carenciada de ligações rodoviárias e que continua a aguardar o início da construção da IP3, via rápida que ligará Vila Verde da Raia com a Figueira da Foz.

Redacção «DL»/ Lusa

Palace Hotel de Vidago: provavelmente o mais belo exemplar da arquitectura da «belle époque» portuguesa

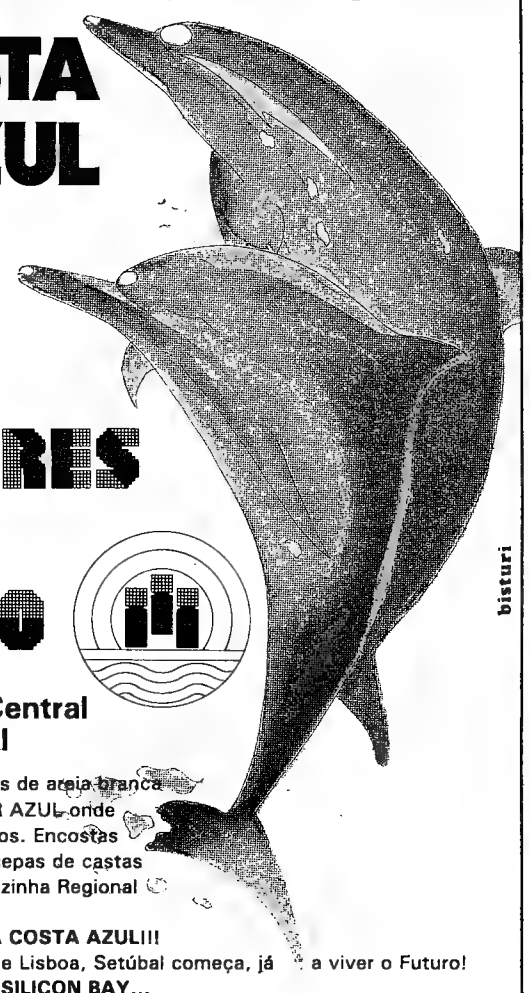
Candidatura de Macau a património mundial

Os arquitectos Siza Vieira e Fernando Távora foram convidados pelo Instituto Cultural de Macau (ICM) para consultores do projecto de estudo da candidatura de zonas patrimoniais de Macau à declaração de património mundial pela UNESCO.

O estudo do processo de candidatura ficará a cargo do gabinete do património cultural da instituição, contando com a colaboração de arquitectos locais e da China.

Recorde-se que o processo de elaboração de um estudo encomendado, em 1984, pelo governador Almeida e Costa a Tomás Taveira e à empresa Partex, para eventual candidatura de Macau à declaração como património cultural mundial é, presentemente, alvo de investigação judicial por alegações de corrupção das partes intervenientes.

COMPRE APARTAMENTOS NA COSTA AZUL

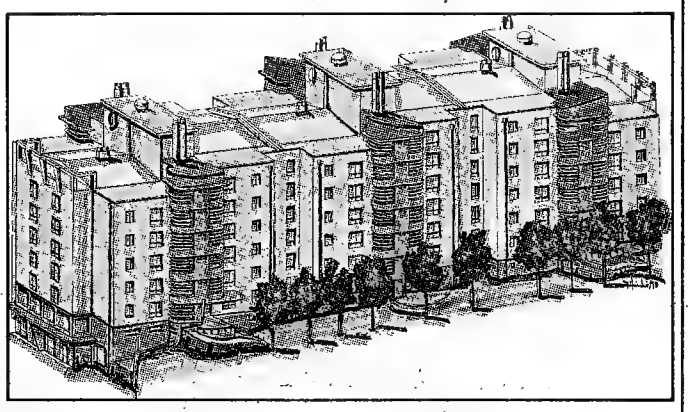


bisturi

TORRES DO SADO

Na zona Central de Setúbal

Praias oceânicas de areia branca e fina. Um MAR AZUL onde brincam golfinhos. Encostas atapetadas de cepas de castas únicas. Uma Cozinha Regional incomparável...
TUDO ISTO É A COSTA AZUL!!!
A dois passos de Lisboa, Setúbal começa, já a viver o Futuro!
Já lhe chamam SILICON BAY...
E com razão! Os Grandes Projectos começaram a arrancar.
Setúbal é um caso muito sério para os INVESTIDORES AVISADOS...
As TORRES DO SADO — BEM NO CENTRO DA CIDADE — são um INVESTIMENTO CERTO COM VALORIZAÇÃO GARANTIDA!!



Apartamentos T2 e T3.

Há várias maneiras de contactar connosco.
Por telefone, Telex ou Fax.
Ou, porque não, fazendo-nos uma visita em Setúbal, MESMO NO — CORAÇÃO — DA CIDADE!

ANDAR MODELO EM SETÚBAL:
Av. Bento Jesus Caraça - defronte do posto mobil
Telefone 065/721144
Telex 63810 ARTET P.

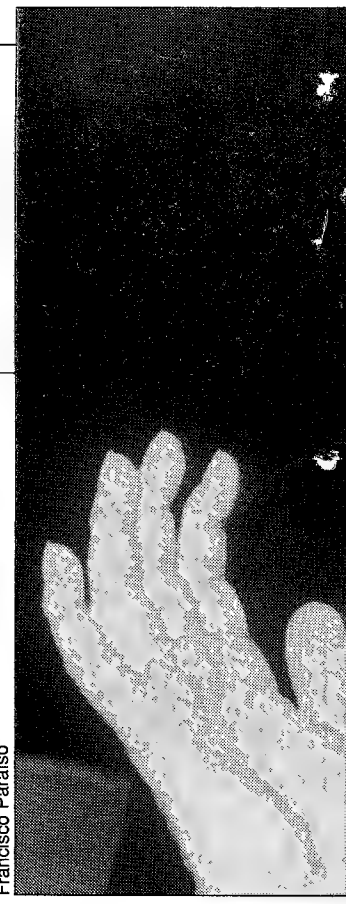
Sede: Av. Defensores de Chaves, 27 - 1.º Esq. — 1000 LISBOA
Telefone 54 10 10 (rede de Lisboa) Telex 13012 ESTIL P. Fax 352 63 71

Dificilmente se encontrará na Europa um jornalista que esteja tão à vontade para explicar o que se passa na América Latina, com o conhecimento de causa de alguém que assiste in loco aos acontecimentos, como o francês Marcel Niedergang. Quando há 30 anos entrou para o «Le Monde», deram-lhe os latinos-americanos e os ibéricos para se ocupar. Esta divisão regional, talvez por motivos linguísticos, talvez histórico-culturais, talvez pelas características autoritárias dos regimes de então, permitiu-lhe estar em Portugal em 1974, de onde teve que sair apressado quando Franco morreu. Retornou agora a Lisboa para participar no colóquio «O 25 de Abril revisitado pelos media internacionais» que o «DL» promoveu na semana passada. Entretanto muita coisa mudou.

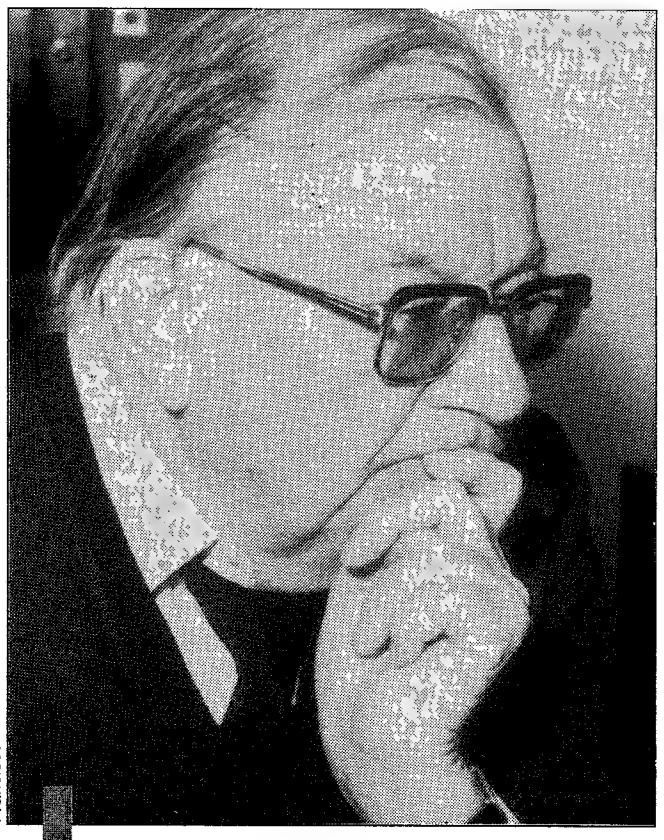
A Península Ibérica vive tranquilamente em democracia e a América Latina...Bem, sobre a América Latina é melhor deixar a palavra a Marcel Niedergang.

Marcel Niedergang em entrevista ao «DL»:

«Recuo da esquerda na América Latina é incontestável»



Francisco Paraíso



Francisco Paraíso

«Não há uma vaga de conservadorismo na América Latina. Há é uma moda de liberalismo na economia»

«Diário de Lisboa» - *Dezasseis anos depois do 25 de Abril volta a Lisboa para falar da revolução. Para si é importante que os portugueses e os jornalistas estrangeiros falem do 25 de Abril tanto tempo depois?*

Marcel Niedergang - Desde que cheguei a Lisboa, onde já não vinha desde essa altura, confirmei a impressão de que este tema do 25 de Abril não é mais em 1990 um tema de debate passional. É normal. No entanto, acredito que o 25 de Abril não é muito conhecido entre os jovens portugueses o que é grave. Por isso, é uma boa ideia fazer este colóquio porque permite relançar o interesse pelo assunto, para além de ser uma boa oportunidade de rever esta cidade, de que gosto muito, e voltar a encontrar camaradas meus, também aqui presentes nessa altura.

«DL» - *Era então evidente que Portugal se iria tornar numa democracia?*

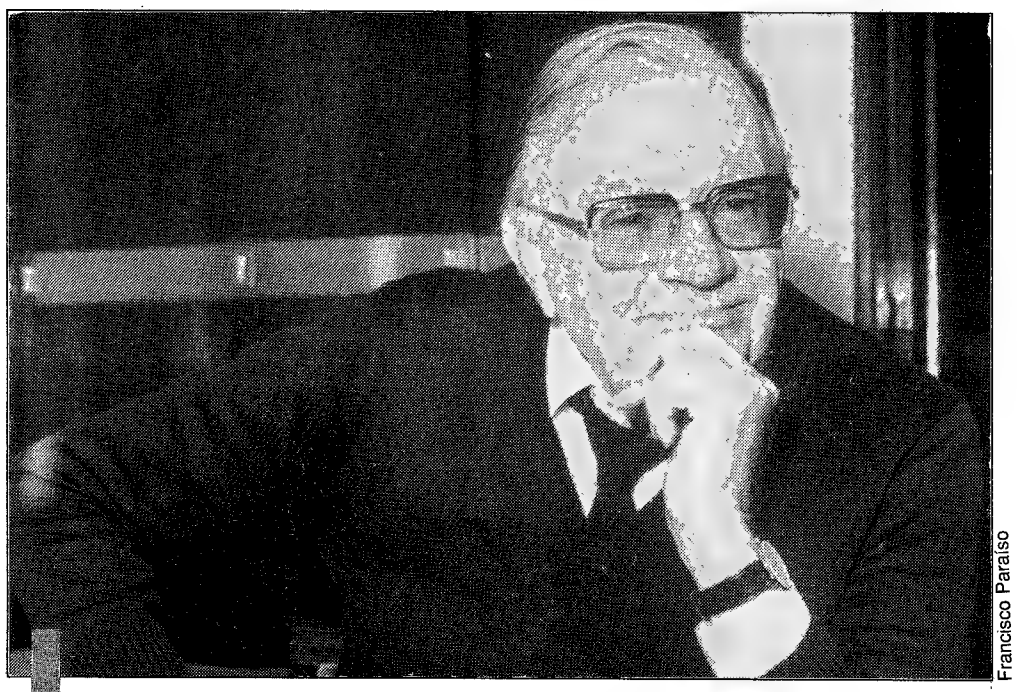
MN - Não era evidente nem em Portugal, nem em Espanha. É evidente hoje, porque é fácil fazer previsões à posteriori. Eu diria que a revolução portuguesa surpreendeu a opinião internacional. Por um lado efervescente, complicada, como uma peça de teatro de suspense e de múltiplas peripécias que no estrangeiro, e se calhar em Portugal, não foi fácil de seguir. Daí que a luta pelo poder, os conflitos entre vários projectos políticos - militares e civis, não deixava advinhar, sobretudo nos primeiros meses, que haveria uma democracia como a que há hoje. Mas felizmente para Portugal foi isso que aconteceu.

«DL» - *Disse que a revolução parecia uma peça de teatro. Conseguia-se então identificar quais eram as principais personagens e qual o rumo que tomariam?*

MN - Não. Parecia uma peça, mas com diversas e imprevisíveis possibilidades para o final. Podíamos, no entanto, imaginar que certas figuras, como é o caso de Mário Soares, iriam desempenhar papéis importantes num Portugal democrático e até chegar a Presidente da República. Mário Soares já era conhecido como o advogado corajoso do caso Delgado (encontrei-me com ele nessa altura, em 1965) e depois como fundador do Partido Socialista.

«DL» - *A revolução portuguesa foi importante para o processo democrático em Espanha?*

MN - Aparentemente os dois processos são paralelos, coincidentes no tempo, mas não há grande relação entre o que se passa em Abril de 74 em Portugal e a transição democrática em Espanha que começou com a morte de Franco. Claro que esta morte era esperada, mas é a linha de demarcação entre a ditadura e o começo da transição. Porém o que se passava em Portugal era seguido com atenção pelos espanhóis, sobretudo pelos mais ligados ao regime franquista. Por exemplo, o chefe dos antigos combatentes da Divisão Azul, que era o porta-voz dos ultrafranquistas, inquietou-se com o movimento de Abril e lançou o aviso: «Atenção, atenção, o que se passa em Lisboa é preocupante para nós». Assim havia uma interligação a nível político, incluindo também amizades entre aqueles que combatiam os dois regimes.



Francisco Paraíso

«Por razões sentimentais e políticas é difícil para a esquerda latino-americana analisar o que se está a passar nos países de Leste»

«DL» - *Passando da Península Ibérica em 1974 para a América Latina em 1990. Há neste momento uma onda de conservadorismo na região?*

MN - É difícil falar sobre uma região tão diversa, mas eu diria antes que há um recuo da esquerda, que não consegue fazer uma boa análise da queda dos regimes de Leste e da *perestroika*. Esta dificuldade de análise da esquerda latino-americana é compreensível e deve-se a razões sentimentais, políticas, pelo que representa a revolução cubana para os intelectuais e os dirigentes, etc. É-lhes difícil fazer uma rápida revisão de tudo isso, embora haja alguns sinais. Contudo não muito numerosos.

Mas este recuo da esquerda é incontestável. Há uma vaga neste momento, mas não necessariamente conservadora. É a moda do liberalismo na Economia. Passou-se para isso depois do chamado «projecto CEPAL»(onde avultavam nomes de economistas como o argentino Raul Prebbisch, o brasileiro Celso Furtado ou o egípcio Samir Amin), que preconizava, entre outras coisas, a substituição das importações, a criação de mercados internos e uma menor dependência do sector de exportações, propostas dos anos 60, terem levado a desaires económicos em diversos lugares. Assim tenta-se agora o modelo liberal em países como o Chile, a Bolívia, a Argentina (embora com a particularidade do pragmatismo dos peronistas), do Brasil, da Venezuela, onde o antigo e de novo presidente, Carlos Andres Peres, de tendência social-democrata, anuncia que também fará privatizações, a política de menos Estado.

Creio que é compreensível, na medida em que a América Latina, vista globalmente, sofre desde há mais de dez anos de uma crise económica dramática, de uma recessão total, além de outros problemas como o terrorismo e o tráfico de drogas. Não é fácil nestas condições definir novas políticas. Em todo o caso, há neste momento uma orientação neoliberal na Economia e uma procura de projectos políticos mais desligados da ideologia e mais funcionais, modernos e eficazes.

«DL» - *Mas não é contraditório que a aplicação deste modelo liberal seja promovido pelo próprio Estado, que se quer menos interveniente?*

MN - Em quase todos os países da América Latina o Estado é enorme, ineficaz e, infelizmente, em muitos casos corrupto. É normal que haja uma reacção, pondo em causa esse Estado pela modernização, eficácia e, nos projectos ultraliberais, por uma redução considerável nos impostos. A contradição é que os problemas nestes países são de tal envergadura que o Estado deve manter-se presente. Não pode fechar a porta e dizer o Estado é inútil é ineficaz, vamos privatizar. Há uma contradição, mas temos que admitir que é lógica.

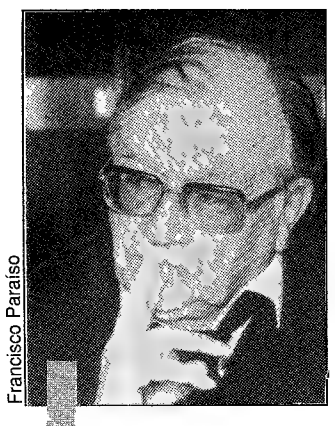
É verdade que muitos projectos liberais na América Latina esbarram neste obstáculo que consiste em cobrar do Estado o fazer o liberalismo e de apresentá-lo como uma forma quase miraculosa que vai resolver tudo. É normal que povos que estão a conhecer situações dificílimas e estão desiludidos com as experiências anteriores, procurem por um lado homens

A.M.A. ®
Auto Monumental do Areeiro S.A.
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

«Os problemas nos países latino-americanos são de tal envergadura que o Estado tem que manter-se presente»

providenciais e, por outro, uma fórmula nova.

O que é interessante é analisar os diferentes projectos em prática e ver se resultam ou não. Essencialmente há o exemplo do Chile e os exemplos da Bolívia em 1985, com êxito, da Argentina e do Brasil. O exemplo chileno não é válido para todos, devido ao regime ditatorial que impedia a oposição política e sindical. Em termos económicos, sobretudo macroeconómicos, é dos raros casos de boa saúde dos países da região. O que não quer dizer que a a distribuição de



Francisco Paraíso

«O 25 de Abril parecia uma peça de teatro de suspense, com final imprevisível»

riqueza esteja feita de forma justa.

Para um Governo autoritário é mais fácil impôr uma política liberal. Os democráticos têm que enfrentar as greves, as reinvidicações salariais, sociais e políticas. É por isso que não acredito que o projecto de Vargas Llosa (supondo que ele ganhe as eleições o que parece quase impossível) resulte quando tiver que fazer face a este tipo de oposição.

Evidentemente que o caso chileno não é conveniente nem aplicável para todo o mundo. Parece mais conveniente o do Brasil porque se Collor de Mello conseguir provar que se reduz uma hiper-inflação, diminui a presença do Estado e relança a máquina económica com o seu Plano, então outros Governos tentarão imitá-lo.

«DL» - *Voltando ao tal «recuo da esquerda». Que influência tem ainda o exemplo cubano?*

MN- É evidente que a imagem da revolução cubana, depois de 30 anos, não é a mesma. Mudou, enfraqueceu, foi posta em causa. Mas é verdade que grupos de esquerda continuam a sonhar com a revolução pela luta armada, em alguns países latino-americanos.

No entanto, ultimamente vários deles evoluíram para posições mais reformistas. Na Colômbia, por exemplo, o M-19 - um dos movimentos de guerrilha mais antigos, embora não necessariamente um dos mais representatívos - decidiu depor as armas, fazer um acordo com o Governo, legalizar-se, participar na luta eleitoral e apresentar candidatos a presidente. Temos aqui um movimento que descobre que a via legal não é a pior.

Já tínhamos assistido a isso na Venezuela, durante o mandato dos presidentes Betancourt e Leoni que decidiram lutar e depois pacificar o país convencendo os dirigentes da guerrilha a participar na luta legal. Hoje temos um velho guerrilheiro, Petkof, que se tornou num dirigente político importante, do Movimento de Acção Socialista, que teve entre oito e dez por cento dos votos e é a terceira força política da Venezuela.

Na Guatemala temos conversações discretas entre o Governo e a guerrilha. Em El Salvador a Frente Farabundo Marti parece querer negociar uma forma de participação política com o presidente Cristiani.

Há indícios de que a guerrilha de uma maneira geral está a desistir da luta armada. Isso com a excepção de alguns movimentos tradicionais ou mais atípicos, caso do Sendero Luminoso, no Peru.

«DL» - *A derrota dos sandinistas na Nicarágua foi importante para este processo?*

MN - Foi importante, porque foi uma surpresa; foi importante porque na perspectiva de uma pacificação em toda a América Central, pode servir como factor positivo na procura de uma solução política democrática na região.

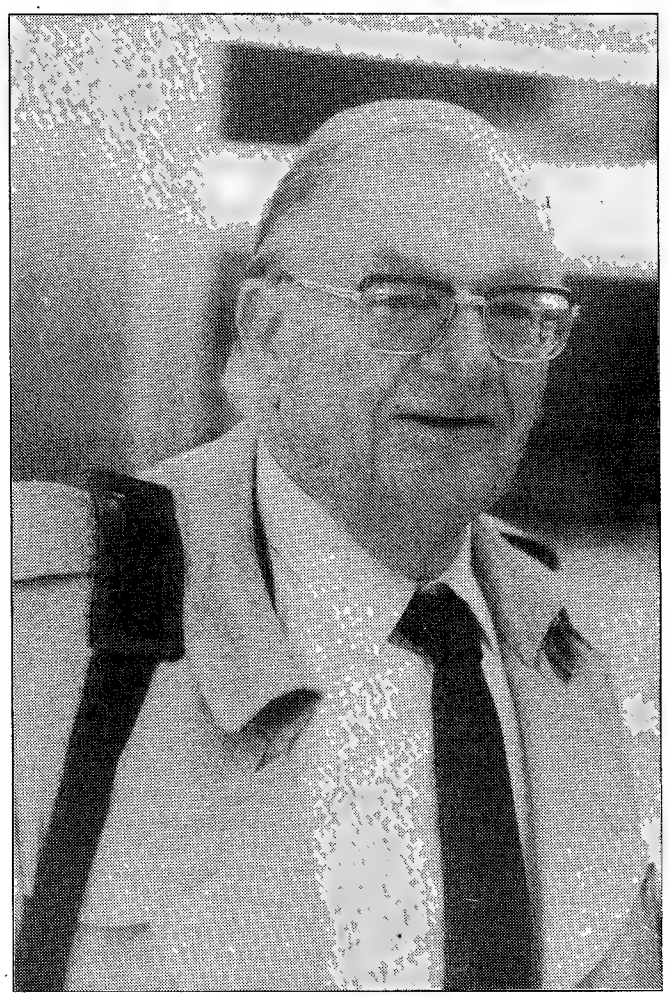
Resta saber como os sandinistas vão coabitar com o Governo de Violeta Chamorro, como se vão articular certos grupos de pressão e poder na Nicarágua, depois da posse da nova presidente.

António Ribeiro Ferreira
e Duarte Calvão

Marcel Niedergang o jornalista sem gabinete

Na galeria dos grandes repórteres mundiais, Marcel Niedergang ocupa lugar de destaque. Detesta o gabinete: quinze dias fechado na sede do jornal e eilo intratável. Resmungão. Quezilento. Mas desde que parte em reportagem transfigura-se. E surge, então, o velho Marcel. Esfusiante. Comunicativo. Infatigável e insaciavelmente curioso.

Entrou no «Le Monde» em 1952 para se ocupar dos países ibéricos e latino-americanos. Uma paixão. Ao longo dos anos acumulou amizades à esquerda e à direita. De chefes de Estado e de dirigentes de guerrilha. Porque, politicamente, Marcel é inclassificável. Às grandes análises teóricas prefere os textos incisivos e impressivos onde conta o que vê, como vê e, sobretudo, como sente aquilo que vê. Empírico? Talvez. Contraditório? Porque não? Nada o identifica com o jornalismo frio, distante, calculista, da escola anglo-saxónica.



Rui Vasco

Marcel Niedergang: uma insaciável e infatigável curiosidade

Os seus primeiros escritos sobre Portugal datam de 1965. Mas é depois do 25 de abril que, aqui, assenta arraiais. Percorre o país de lés a lés. Chega a Beja no dia em que se dá a primeira ocupação: a de uma casa senhorial, no jardim do Bacalhau. Há bandeiras vermelhas nas varandas, magotes de sindicalistas à porta e muitos, muitos trabalhadores agrícolas que, de punho erguido, exigem «a terra para quem a trabalha». Marcel observa, impávido, durante alguns instantes. Depois, alisa os cabelos ralos. Esfrega o nariz grosso e vermelhudo. Aviva-se o azul matreiro dos olhos. «Alto lá, que isto, agora, muda de figura!», conclui. Calcorreia a planície alentejana. Conhece tudo e todos. «Hoje cobrimos o clero, a nobreza e o povo» exclama, eufórico, após mais uma longa jornada em que partilháramos pão com chouriço com o Manuel do Rosário da unidade colectiva de produção «A esquerda vencerá»; beberamos chá com os marqueses de Ficalho, no castelo de Serpa; ouvíramos a palavra culta e ponderada do bispo Falcão na sua pequena residência de Moura.

Mas, mudam-se os tempos e mudam-se as vontades. Amante das sensações fortes, Marcel já não vibra, hoje, com Portugal. Entretanto reformou-se do «Le Monde» e libertou-se, assim, definitivamente, daquele estreito gabinete do quarto andar da *Rue des Italiens*. Nada mais o impede de errar, constantemente, por essas paragens distantes onde tudo mexe. Abriu uma pausa, de uma semana, para participar, em Lisboa, no colóquio organizado pelo «DL». Mas quem o quiser encontrar, de novo, terá de vasculhar nas ruas da Cidade do México, de Bogotá ou de Lima.

José Rebelo,
correspondente
do «Le Monde» em Portugal

ESPECIAL FÉRIAS/90
no HOTEL DO PARQUE
VIANA DO CASTELO
COSTA VERDE

O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um atractivo programa especial «Férias 90» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, Sala de Jogos, etc. Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço incluído.

		MAI.JUN.OUT.	JUL.AGO.SET.
PROGRAMA 1 6 noites 7 dias	Entrada domingos Saída sábados	15 900$00	18 975$00
PROGRAMA 2 7 noites 8 dias	Entrada qualquer dia	19 950$00	22 925$00

• Peq. Suplemento p/ocupação single.
• 1 a 31 de Agosto supl.: 1250$00/dia/quarto, em qualquer modalidade.
Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 90», por Telef. (058)82 86 05, Telex 32511 HOPARC P, Fax 82 86 12 ou no seu AGENTE DE VIAGENS.

CULTURA

Hoje à noite, volta a haver teatro no Clube Estefânia. Mas não é uma peça como as outras. É « Os Inimigos» de Nigel Williams que José Wallenstein encena para falar do que é ser jovem, na cidade, a uma década do ano 2000

Nascidos a 25 de Abril

Lembram-se do Cat Stevens? O pai dizia para o filho que estava velho, mas feliz, e o filho só pensava que tinha de soltar amarras para fugir quanto antes àquela dourada mediocridade. Foi há vinte anos, claro, no tempo em que os filhos acreditavam que o mundo ia mudar porque era para isso mesmo que eles cá estavam. Hoje, Cat Stevens é um integralista islâmico do maior radicalismo e os jo-vens estão convencidos que o mundo está suficientemente mudado para que alguém ainda possa fazer alguma coisa por ele. E, de quando em quando, sentem que já não há idéias originais. É deste mau estar que nos fala «Inimigos», a peça de Nigel Williams que estreia esta noite no Clube Estefânia; primeira encenação de José Wallenstein, um jovem actor que, como as personagens do texto, «nasceu» a 25 de Abril. Foi com ele e com o produtor da Pró Tea, Mário Carneiro, que o DL falou para saber o que se vai passar no palco do Clube Estefânia.

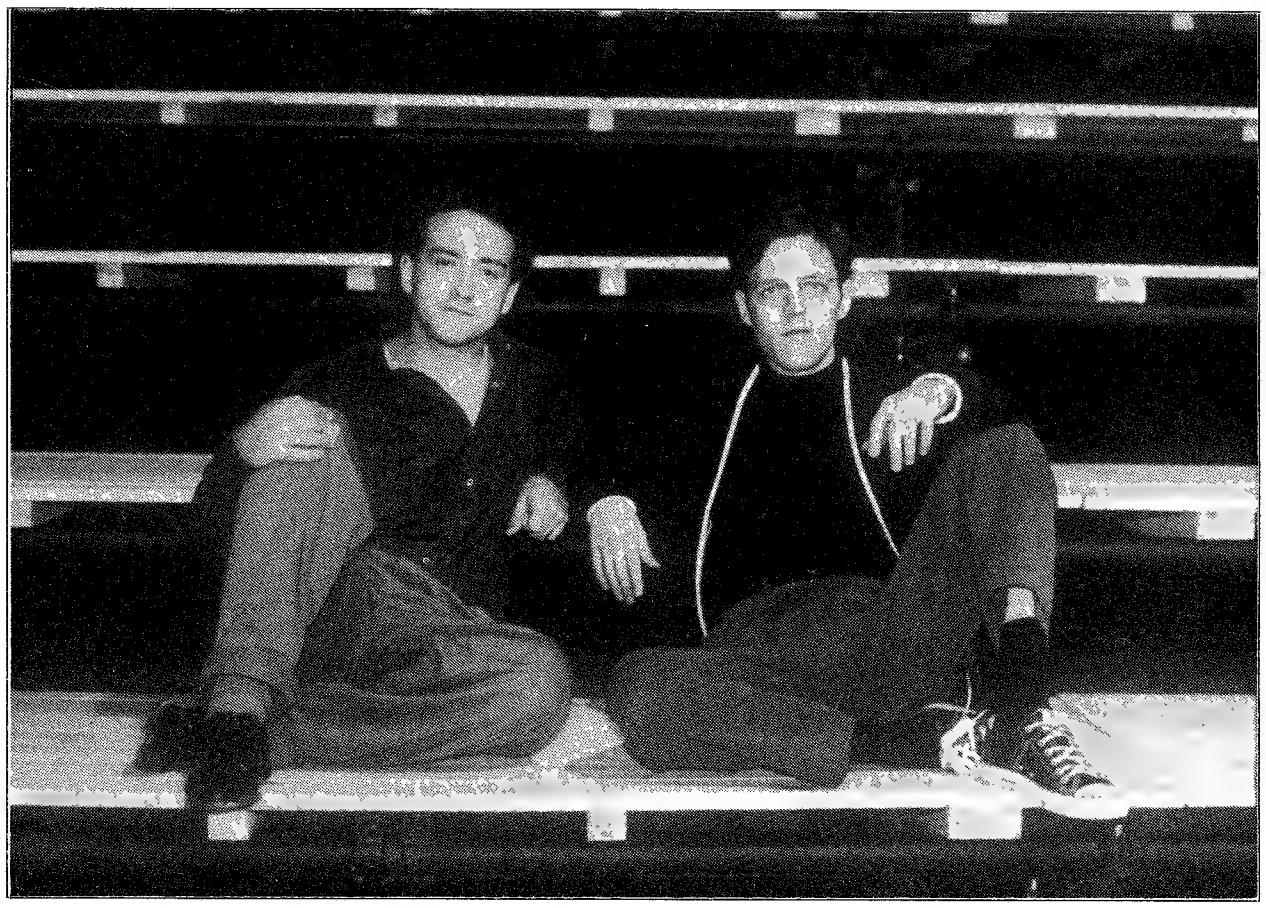
D.L.: *Afinal, porque é que estás a encenar « Inimigos» ?*

J.W.: Porque é uma peça de enorme contemporaneidade. O Nigel Williams escreveu-a no período pré-thatcheriano, mas penso que é perfeitamente possível estabelecer a ponte com a situação que vivemos agora. O texto relaciona-se muito com o imaginário político dos portugueses no tempo do cavaquismo.

Por outro lado, esta é também uma peça sobre as novas gerações, os filhos da democracia e aquilo que lhes foi deixado. Aborda a falta de perspectivas e a própria qualidade de vida desses jovens na urbanidade.

Há ainda uma terceira vertente que tem a ver com a temática escolar e com os vários problemas que ela levanta: desde a inadaptação a um desencontro, cheio de conflitos...

D.L.: *Disseste que há uma possível ponte entre «Inimigos» e o imaginário político português. Como é que é isso?*



Rui Pacheco

Mário Carneiro e José Wallenstein, produtor e encenador da peça que esta noite estreia no Clube Estefânia

J.W.: Em 78 não faria sentido encenar esta peça em Portugal. Faltava a ressaca, faltava a normalização da democracia que actualmente se vive. Hoje, as pessoas votam, estão habituadas às instituições. É um pouco a situação de morte de que fala o texto.

D.L.: *Mário, porque é que um produtor aposta nesta peça?*

M.C.: Porque acredito que aquilo que as pessoas querem, ao chegar ao teatro, é que se fale delas. Para além deste ser um projecto recheado de condições estéticas, de referências e de um «naipe» de actores muito bom...

J.W.: Aliás, este projecto também atraiu-me pelo facto de poder trabalhar com actores muito jovens. Pus várias hipóteses para a primeira encenação, mas optei por esta até porque me permitiu trabalhar com pessoas com códigos comuns ao meus e aos de toda a gente com menos de trinta anos. É um aspecto importante porque este é um trabalho muito dirigido aos actores. O que as pessoas vão ver é sobretudo este jogo e não grandes cenários.

D.L.: *O Mário falou há pouco de textos teatrais que falam da vida das pessoas. Pensam que o teatro português tem pecado por defeito neste aspecto?*

M.C.: Sim, pode haver um desfazamento entre o acto teatral e o público quando os artistas não passam a este o que têm a dizer. No movimento teatral português há muito este hiato. É por isso que a Pró Tea tem trabalhado textos e espectáculos para chegar ao público, sem referenciais populistas e sem explorar o lado sórdido das coisas. Hoje já se fala muito da superação da crise no teatro. Duvido que estejamos a esgotar possibilidades. A recuperação, se a há, está apenas no início e tem que passar pela contemporaneidade dos textos.

D.L.: *Este trabalho tem alguma relação com outros já realizados?*

M.C.: Sim, na medida em que temos trabalhado sempre com jovens. «Inimigos» é a primeira encenação do José, tal como «As Perversões» foi a primeira do Miguel Guilherme. Depois, trabalhamos com actores praticamente desconhecidos. Sinto mais esta linha do que a eventual procura de uma linha estética.

D.L.: *E para ti, José, esta encenação tem alguma coisa a ver com o que fizeste como actor?*

J.W.: Fiz espectáculos de grande contemporaneidade como «A Grande Paz» que,se se quiser, também se enquadra numa estética realista.

Mas grande parte do teatro que fiz era clássico. E sinto que não tenho capacidade de comunicação com o público. O Mário falava há pouco de crescimento, mas falta ainda o lado educacional. Isto é terrível de dizer, mas continuamos muito ligados à marca do fascismo de que o teatro também foi vítima. O público ainda não tem capacidade de leitura, precisa de apreender para fruir. Enquanto isso não acontecer, haverá uma tragédia de comunicação. Por outro lado, eu sinto que comunico sempre com os mesmos e que comunico pouco.

Quanto aos «Inimigos» é uma peça que fala da vida, das pessoas, de que o tema central é a urbanidade. Isto também se liga muito comigo porque sou um animal da cidade (nem sei como se planta uma batata...)

De resto, nunca fiz qualquer peça que tivesse uma relação concreta com a minha geração, com os filhos do 25 de Abril, com a morte da ideologia, o sentido da revolta, da violência constante do quotidiano.

D.L.: *«Inimigos» ofereceu dificuldades particulares de encenação?*

J.W.: É um texto muito dificíl de encenar. Decorre num espaço fechado, onde estão seis personagens que estabelecem relações complicadas entre si. Mas foi a minha opção. Quis testar-me a mim próprio, depois de ter trabalhado com os encenadores mais diversos.

D.L.: *Quem são os inimigos e de quem são eles inimigos?*

J.W.: Não respondo a isso. As pessoas que digam. «Inimigos» é uma peça sobre o conflito. Não sei se os inimigos são os alunos uns dos outros, se são professores, se é quem está de fora...

M.C.: Talvez as personagens respondam...

J.W.: Há uma personagem, o Ferro, que diz a determinada altura: «A culpa não é dos pretos(...) É mas é dos c... que nos atiraram para esta m... Não vale a pena discutir de quem é a culpa. Eu digo-lhes de quem é. De todos os filhos da p... do mundo inteiro, tirando a gente».

D. L. : *O Jorge Silva Melo queixava-se na última edição de «A Mosca» da alteração aplicada ao título original. De «Class Enemy» para «Inimigos». Porquê a supressão da palavra «class»?*

J.W.: Foi uma escolha da tradução. Porque «Inimigos de Classe» é uma expressão dúbia. Em inglês «class» pode significar classe social ou turma e em português pode querer dizer «pintarola». É ambíguo. Preferimos fechar o nome.

D.L.: *Ele também diz que «Inimigos» é uma pecita de Nigel Williams, um sucesso de circunstância...*

M.C.: Pelos vistos, é um sucesso de circunstância em todo o mundo.

J. W. : E foi o Jorge que me incitou a fazer esta encenação.

D.L .: *O que é que a Pró Tea vai produzir nos tempos mais próximos?*

M.C.: «Malaquias ou a história de um homem barbaramente agredido», um texto de Manuel de Lima e encenação de João Carreta.

Depois, produziremos «Os Gatilhos» do autor brasileiro Nelson Rodrigues, com encenação de José Wilker. Estamos ainda a preparar um serviço de agenciamento de espectáculos de que já está previsto «Bimarginário», um trabalho de dança com Mónica Lapa e Francisco Camacho. Agenciaremos ainda «In Extremis», trabalho de contrabaixo e soprano com Pedro Wallestein e Lúcia Lemos e o café-teatro «Klassikus Kabaret» com encenação de Fernando Gomes. Haverá ainda uma peça, mas não sabemos qual.

J.W.: Vou fazer um Shakespeare com o Luís Miguel Cintra.

D. L.: *Que Shakespeare?*

J. W.: Não posso dizer.

D.L.: *É uma coisa diferente...*

J.W. : Muito!

Maria João Martins

Programa de extensão universitária

CURSO
DE CURTA
DURAÇÃO

HISTÓRIA
DOS
MEDIA

de 7 a 30 de Maio de 1990
(2.as e 4.as feiras)

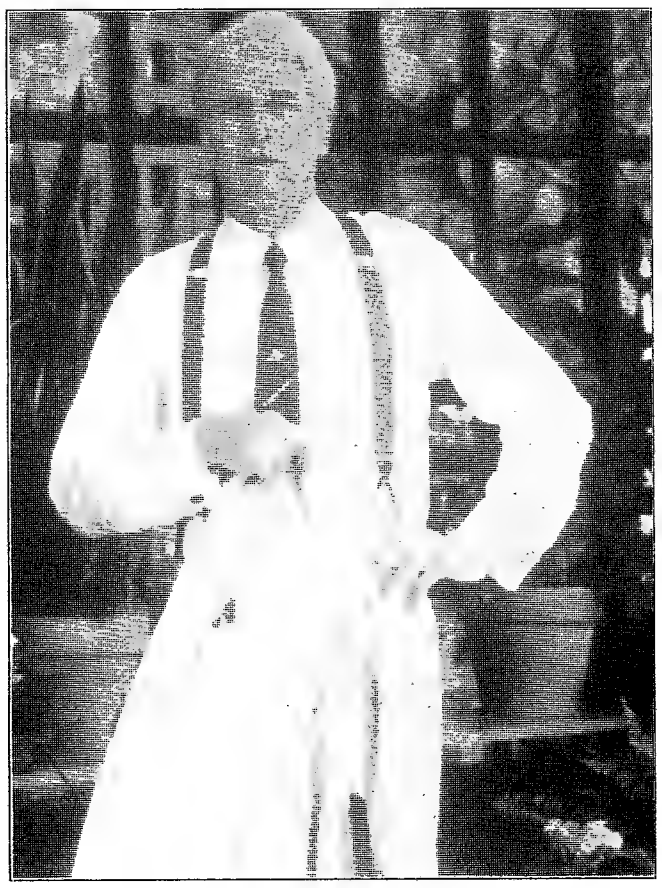
Sindicato dos Jornalistas
Rua dos Duques de Bragança, 7, 2.º — Lisboa

Departamento de Comunicação Social-UNL
Sindicato dos Jornalistas

CINEMA

Nada de novo nesta frente ocidental quanto a estreias, que as duas últimas («Blaze» e «A Última Saída para Brooklyn») são para esquecer. Antes que por aí reapareça o Stallone, revejam o que de bom há para ver e - felizmente - se mantém em cartaz

Um mal nunca vem só



Paul Newman em «Blaze»: só ele se salva

Os maus filmes são como as mortes das estrelas: vêm aos pares. A Garbo e a Paulette Goddard foram-se para outras galáxias, da galáxia do cinema para esquecer eis que por cá aportaram não um, mas dois filmes, logo por azar. Chamam-se «Blaze» e «A Última Saída para Brooklyn», datam de 1989 e remetem-nos ambos para os States, anos 50. Vêem-se e não fica nada, salvo (no primeiro) Paul Newman, irreconhecível pelo estilo de interpretação e também pelo surpreendente envelhecimento. Um envelhecimento tal que ninguém diria ser este Paul Newman o mesmo actor que fez «A Cor do Dinheiro» e «Algemas de Cristal», últimos filmes que interpretou, em 1986 e 1987.

Agora, neste «Blaze», de início até custa a identificá-lo. Depois, claro que sim, é sempre ele, um mestre, aqui em mais uma lição de bem representar. O papel é tudo menos à sua medida. Newman mete-se na pele de um político sulista, caciqueiro e vagamente liberal, velho e femeeiro. O filme é por este lado que pega, pela relação entre o cacique provinciano e uma rapariga tão provinciana como ele que ganha a vida no «striptease».

A his'ória baseia-se em factos reais, mas isso pouco importa. O que importa é que este filme nunca consegue (com excepção de Newman) o golpe de asa que o eleve acima do «Kitsh». Qualquer coisa como se a história, por um estranho mimetismo, se tivesse colado à câmara, incapaz de nos emocionar, nem quando o velho político morre nos braços da amada, enquanto é eleito senador.

*

«A Última Saída para Brooklyn» ainda é pior. A esta estranha produção alemã distribuída pelo circuito americano, sobra-lhe em efeitos realistas o que lhe falta em interioridade. O filme adapta o romance de Hubert Selby Jr, transferindo temporalmente a acção da II Guerra para a Guerra da Coreia, talvez para criar um clima mais depressivo, onde a prostituição, o crime e a droga se misturam com uma greve americana que acaba por sair vitoriosa.

É a única vitória, se assim se lhe quiser chamar, já que no filme ela cola mal, como tudo o resto,aliás. Cola assim: com um "happy-end" no mais puro estilo populo-realista, com o proletariado a vencer o "lumpen", a prostituta redimida pelo amor do bom rapaz, há muito que um moralismo tão serôdio não se via nos ecrã um desastre.

Espantosamente (ou talvez não...) enquanto este produto inferior passa em algumas salas de médio prestígio, «Campo de Sonhos», um dos melhores filmes da temporada, foi atirado para a zona periférica de exibição. Qualquer coisa como se o apelo ao sonho (e ao sonho do próprio cinema) fosse preterido por um quase pesadelo.

Rodrigues da Silva

A Ver

Dos filmes em exibição comercial em Lisboa, eis uma lista elaborada por ordem decrescente de qualidade e interesse, de acordo com um critério obviamente pessoal.

Em estreia

- «O Cozinheiro, o Ladrão, a Sua Mulher e o Amante Dela», Peter Greenaway (1989)
- «Campo de Sonhos», Phil Alden Robinson (1989)
- «O Filósofo», Rudolph Thome (1988)
- «Sempre», Steven Spielberg (1989)
- «O Meu Pé Esquerdo», Jim Sheridan (1989)
- «Tempo de Glória», Edward Zwick (1989)
- «Um Amor Inevitável», Rob Reiner (1989)
- «A Guerra das Rosas», Danny De Vito (1989)
- «Os Fabulosos Irmãos Baker», Steve Kloves (1989)
- «O Clube dos Poetas Mortos», Peter Weir (1989)
- «Demónio de Saias», Susan Seidelman (1989)
- «Miss Daisy», bruce Beresford (1989)
- «Nascido a 4 de Julho», Oliver Stone (1989)
- «Blaze, Um Amor Proibido», Ron Shelton (1989)
- «A Última Saída para Brooklyn», Uli Edel (1989)
- «Querida eu Encolhi os Miúdos», Joe Johnston (1989)
- «Os Deuses Devem Estar Loucos, II», Jamie Uys (1989)

Em reposição

- «Cinema Paraíso», Giuseppe Tornatore (1989)

R. da S.

"Conserva Acabada": Pessoa, segundo César...

"Conserva Acabada" (assim mesmo ...) é o título do próximo filme de João César Monteiro, com rodagem marcada para finais de Maio. "Conserva Acabada" é financiado no âmbito do acordo SEC/RTP. A encomenda foi feita ao realizador de "Recordações da Casa Amarela", que, mais uma vez, participará também como intérprete.

O filme tem uma duração de cinco minutos apenas. A produção é de Rita Filmes, de Artur Castro Neves, com João Pedro Bénard como produtor executivo. A fotografia é de José António Loureiro e o som de Vasco Pimentel.

As filmagens de "Conserva Acabada" decorrem no Chiado, no Hotel do Mar, em Sesimbra,na praia do Meco, numa fábrica de papel higiénico e numa coelheira cheia de láparos bem instalados.

Esta dos láparos foi-nos dita pelo próprio César que, a seguir, enuncia e caracteriza intérpretes e personagens do seu novo filme. Assim: Karolina Olsson, no papel da "bela turista sueca que tem o garbo da Greta mas não tem a greta de Garbo"; João Bénard da Costa, no papel de "Federico Montefeltro, duque de Ubelino e da aldeia do Meco"; João César Monteiro, no papel de "Alvarinho, o jovem exterminador, enteado de Pessoa"; Silva,"a arara que recita "A Arara de Sua Mãe", o poema de Fernando Pessoa; e Cavaco, "o camelo irredutível".

Silva e Cavaco são, respectivamente, uma arara e um camelo emprestados pelo Jardim Zoológico de Lisboa para as filmagens que devem durar de quatro a cinco dias.

Como já se percebeu, "Conserva Acabada" é sobre Fernando Pessoa. O primeiro filme português que abordou o poeta chamou-se "Conversa Acabada" e teve como autor João Botelho.

Sessões especiais na Cinemateca

"Henrique V" em antestreia hoje Ciclo Frank Borzage até Junho

O acontecimento é já hoje e na Cinemateca: a antestreia de "Henrique V", com a presença do realizador, Kenneth Branagh. O filme corre com legendas (sinal de que vai ser em breve exibido no circuito comercial português) e Branagh está entre nós, como se sabe, não tanto pelça antestreia do seu filme (um "oscar" pelo guarda-roupa em Hollywood) mas pela vinda a Portugal da sua companhia, Renaissance Theatre Company.

Se Branagh e o seu "Henrique V" são o acontecimento, a semana de Sessões Especiais que hoje (cinematograficamente) começa tem um segundo destaque: o início do ciclo Frank Borzage, na Cinemateca.

Borzage (1893-1961) foi o primeiro cineasta a ganhar um "oscar", fez 102 filmes (dos quais subsistem 64) e hoje está algo esquecido. Esta retrospectiva, a maior de sempre que lhe é dedicada, decorre simultaneamente em Lisboa e em Madrid, numa realização conjunta das Cinematecas portuguesa e espanhola.

Em Lisboa, o ciclo começa com o primeiro dos primeiros dos "oscares", "Seventh Heaven"("A Hora Suprema",1927), um melodrama sobre um amor a que a I Guerra vai pôr termo.

Seguem-se, em exibição na Cinemateca, vários filmes de Borzage do período de 1927-34 e, depois, os restantes por ordem cronológica, até ao fim do ciclo, em 29 de Junho.

Esta semana, ainda quanto a Borzage, destaque para "Secrets" (1933), com Mary Pickford e Leslie Howard, "Adeus às Armas" (1932),a primeira adaptação cinematográfica do romance, com Gary Cooper no protagonista, e "A Vida É Um Sonho"(1933), com Spencer Tracy e Loretta Young (1933).

"O Mal Amado", no Teatro da Malaposta

Na Cinemateca ainda,prossegue o ciclo dedicado a Isabel de Castro, mas o mais importante, quanto a cinema português, passa no Teatro da Malaposta. Aqui, em três dias seguidos, exibe-se o primeiro filme português a surgir à luz do dia após o 25 de Abril:"O Mal Amado", a estreia de Fernando Matos Silva como realiazador, uma boa estreia. Com João Mota e Maria do Céu Guerra como protagonistas, este filme, realizado em 1972, é a obra emblemática de um Portugal no fim do fascismo, quando uma certa esquerda urbana, ciente de que esse fim havia de vir (e em breve) se propunha já "Pensar Portugal Hoje".

"Pensar Portugal hoje", assim com aspas e tudo, porque este é o título de um livro de João Martins Pereira, muito lido na época e com o qual João Mota no filme se passeia nas suas deambulações por Campo de Ourique.

Numa semana marcada pela antestreia de "Henrique V", de Branagh, e o início da retrospectiva de Borzage, vale a pena ir até Olival Basto para a gente se lembrar como era uma certa Lisboa um pouco antes do 25 de Abril.

Calendário das sessões

Hoje, dia 26

Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): "Forbidden Planet", de Fred M. Wilcor; e "Henrique V", de Kenneth Branagh.

Amanhã, dia 27

Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): "As Pupilas do sr. Reitor", de Perdigão Queiroga; e "Seventh Heaven", de Frank Borzage. Teatro da Malaposta (em Olival Basto, às 21 e 30): "O Mal Amado", de Fernando Matos Silva.

Depois de amanhã, dia 28

Cinemateca (respectivamente, às 15 e 30, 18 e 30 e 21 e 30): "Secrets", de 1924; "Secrets", de 1933; e "A Farewell to Arms", todos de Frank Borzage. Teatro da Malaposta (em Olival Basto, às 21 e 30): o mesmo programa do dia 27.

Domingo, dia 29

Teatro da Malaposta (em Olival Basto, às 17): o mesmo programa do dia 27.

Segunda, dia 30

Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): "Fado Corrido", de Jorge Brun do Canto; e "A Man's Castle", de Frank Borzage.

Quarta, dia 2

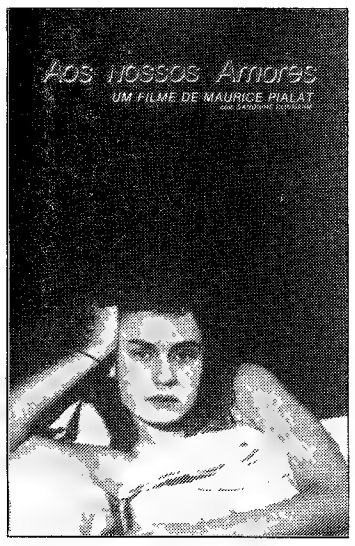
Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): "Little Man What No ?" e "A Tempestade Mortal", ambos de Frank Borzage. Instituto Britânico (às 18): "The Third Man", de Carol Reed.

R. da S.

VIDEO CATÁLOGO

Aos Nossos Amores

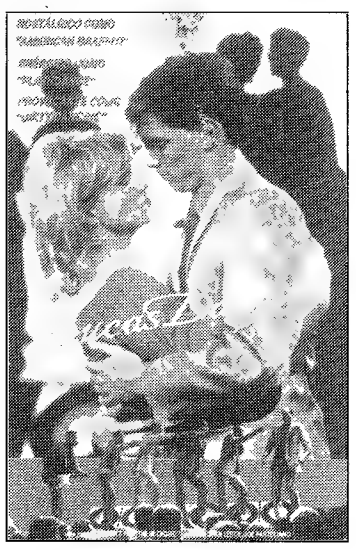
Não há nada como uma bela polémica para agitar um determinado meio cinematográfico. O cinema francês, por exemplo. Esquecido do grande público em proveito da grande máquina norte-americana,ele tem conhecido algumas saudáveis polémicas, em parte devidas à obra subversiva de Maurice Pialat. Todos se recordam a propósito do que aconteceu com «Sous le Soleil de Satan» em 1987. Anos antes, a polémica recaíra sobre «Aos Nossos Amores», filme que retrara os efeitos que a libertação sexual exerce sobre uma jovem do nosso tempo. A jovem é a mesma «bad girl» que contracenava com Dépardieu em «Sous le Soleil»: Sandrine Bonnaire, uma excelente actriz que, no entanto, não sabemos se resistirá à maturidade. Como Jimmy Dean...



«A nos amours».
(França- 1987).
Intérpretes: Sandrine Bonnaire, Maurice Pialat, Everlyne Ker. Cor.
99 minutos. Drama.
Para maiores de 16 anos.
Música de Klaus Nomi.
Edição Vídeo Time.

Loucas Danças

No final do século quase todos os filmes que tomam a irreverência juvenil como tema, fazem ainda remontar a sua acção às décadas de 50 e 60. O que não sabemos é se tal fascínio se deve ao prestígio dos «amigos de Alex» ou se à insuperável beleza dos temas musicais então compostos. No caso de «Loucas Danças», a segunda hipótese parece ser a mais viável.Aproveitando-se do sucesso obtido por «Dirty Dancing», o filme editado pela Vídeo Time conta-nos a história de dois jovens bailarinos de televisão que, apesar do sucesso conjunto, não morrem de amores um pelo outro. A vulgaridade do filme, muito à moda de «Grease», não é obstáculo à existência de pormenores interessantes como o da idolatração de Natalie Wood pelas «teen-agers» de Filadélfia.



«The in Crowd».
Realização: Mark Rosenthal. (E.U.A - 1988).
Intérpretes: Donovan Leitch, Joe Pantoliano, Jennifer Runnyon. Cor.
92 minutos. Musical.
Para maiores de 12 anos.
Música de Mark Snow.
Edição Vídeo Time.

(A) Praga dos Deuses

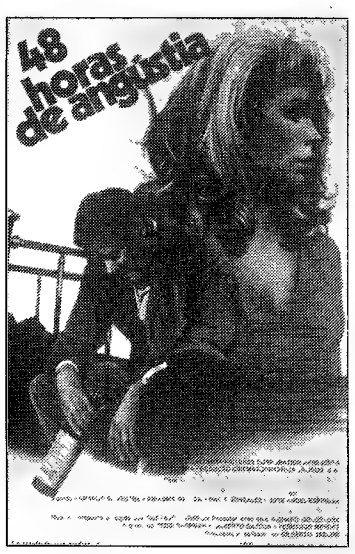
Há surpresas abomináveis. Misturar Ida Lupino, uma «must» do cinema dos anos 40, e um autor como H.G.Wells, com uma produção de nível inferioríssimo como «A Praga dos Deuses» é infelizmente uma delas.

O produto em questão é uma «coisa» que nos fala de ratos gigantes, cujo principal pitéu são seres humanos. Que pena o feitiço não se ter virado contra o feiticeiro e os animaizinhos não terem devorado todos os responsáveis pelo filme.

«The Food of the Gods».
Realização: Bert I. Gordon. (E.U.A - 1976).
Intérpretes: Marjoe Gortner, Pamela Franklin, Ralph Meeker, Ida Lupino.
Cor. 88 minutos. Terror.
Para maiores de 12 anos.
Edição Vídeo Time.

48 horas de angústia

Glenn Ford, o homem mais atormentado de Hollywood, conheceu melhores dias que os deste filme lançado no mercado videográfico pela Publivídeo. Como aconteceu noutros títulos mais importantes (quem não se lembra de «Gilda»?), Glenn Ford encarna também aqui o papel de um homem mal tratado pela vida. Como noutras ocasiões, de tão magoado pelas mulheres, não se reconhece a grande oportunidade da sua vida quando dá de caras com ela. Confessemos que em «48 horas de angústia» era difícil. A chamada «grande oprtunidade» respondia pelo nome de Perla, era prostituta e tinha mais tinta na cara que um «travesti». Paralelamente a estas atracções fatais, decorre a acção propriamente dita: Ford é mordido por um cão raivoso e não dispõe de cuidados médicos no estaleiro onde vive.



«Rage».
Realização: Gilberto Gazcon (E.U.A- 1962).
Intérpretes: Glenn Ford, Stella Stevens, David Reynolds.
Para maiores de 12 anos.
Música
de Gustavo Carreon. Edição RCA Columbia/Publivídeo.

CINCO ESTRELAS

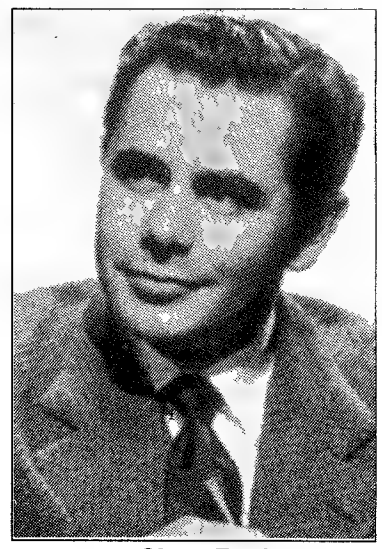
A Mulher e o Fantoche

Há muitos anos, um tal de Pierre Louys, escreveu um livro com este título que, como de costume, acabaria por passar a ser também um filme. A mulher era B.B e o fantoche era (imagine-se só) o nosso galã privativo António Vilar.

A história que os juntou sob o tecto do mesmo estúdio era a mais convencional possível: um jovem francês perde a cabeça por uma deslumbrante andaluza, mas não tarda que do sétimo céu ele transite para o mais infernal subterrâneo de Belzebu. É que Conchita, assim se chamava a tentadora, não era mulher de grandes escrupúlos e tanto lhe declarava o seu amor, como lhe votava a mais desesperante indiferença.

Em Hollywood, Glenn Ford era o preferido dos realizadores para encarnar o fantoche , o homem que nas mãos das mulheres, era perversamente utilizado. Não se sabe ao certo porquê. Só se sabe que sim.

A primeira vez foi sublime. Estava-se em 1946, a mulher chamava-se Rita Hayworth, mas o mundo proclamou-a como Gilda, quando no filme do mesmo nome, ele canta «Put the Blame on Mame» e esboça um «strip-tease» que, em 1988, ainda inspirou Zemeckis para a criação da «sexual bomb» de «Quem Tramou Roger Rabbit?». A tensão que Glenn Ford vive, durante todo o filme, desde o momento em que o melhor amigo apresenta Gilda como a sua esposa, foi, de resto, um dos trunfos de que ele se serviu para encetar uma carreira na «Meca» e de que os homens fortes da Columbia se serviram também para lhe granjear a imagem pouco lisongeira de homem enganado que não parte para outra. A obsessão persegue-o. Em «Jubal», a história repete-se, sem tanto brilho, claro, mas repete-se. O melhor amigo é, como em «Gilda», o patrão que o segurou na queda. Mas em casa desse mesmo patrão havia uma mulher voluptuosa, ávida de lhe experimentar os dotes afectivos. Perante a resistência de Ford, ela comportava-se como a egípcia aos olhos de José, armava-lhe ciladas a que ele ia sobrevivendo como podia até que, ao contrário de José soçobra aos esforços da mulher e desencadeia a tragédia.



Glenn Ford

A não resistência aos encantos de mulheres que lhe são proibidas é, de resto, uma característica das personagens interpretadas por Glenn Ford. Em «48 horas de angústia», ele vive atormentado pela culpa. Diz-se responsável pela morte da esposa, ao mesmo tempo que nele cresce a paixão por uma mulher grosseira, de profissão duvidosa. Sabe, no entanto, que esse sentimento é também um sintoma de decadência moral. Já era sina. Quando os patrões de Hollywood metiam na cabeça que um homem havia de ser sempre um fantoche não se podia fazer o que quer que fosse. A não ser que se prescindisse do sucesso.

Maria João Martins

CLUBES DE VIDEO

vídeo 100

AGORA TAMBÉM EM VENDA DIRECTA

ALUGUERES DESDE 100.00

Loja 1 — R. Barão de Sabrosa, 78-A • Tel.: 83 83 03 • LISBOA
Loja 2 — R. Barão de Sabrosa, 35-A • Tel.: 83 83 03 • LISBOA
Loja 3 — C. do Monte (à Graça) • Tel.: 87 82 78 • LISBOA
Loja 4 — Av. de Madrid, 14-B (ao Areeiro) • Tel.: 848 89 37 • LISBOA
Loja 5 — R. José Galhardo, 7-A (Quinta do Lambert) • Tel.: 758 18 51 • LISBOA
Loja 6 — R. Nova (Pederneira) • Tel.: (062) 537 18 • NAZARÉ
Loja 7 — R. Adolfo Coelho, 12 (Alto de S. João) • Tel.: 82 12 42 • LISBOA

SISTEMA INÉDITO • **SEM JÓIA** • 4.AS FEIRAS 1 ALUGUER GRÁTIS

CRÓNICA DE TOUROS

Dona Angustias e os «alguacilillos»

Praça de Touros de Madrid. Domingo de Páscoa, 15 de Abril de 1990. Touros de Puerto de San Lorenzo para José Antonio Campuzano, Manuel Ruiz «Manili» e Rafael Perea «Boni».

Dona Angustias vive sozinha num velho quinto andar da madrilena «calle» Chinchilla, à beira da Gran Via, onde apanha todas as manhãs o autocarro da carreira 74, caminho do trabalho, numa loja da Claudio Coello, aquela rua que correu mundo quando há uns anos uma bomba mandou para as alturas o automóvel do Carrero Blanco, com o almirante desfeito lá dentro, dona Angustias ainda lembra o dia do atentado, menos mal que não calhou ser à beira da sua loja, é uma loja dessas que vendem coisas para dar aos outros, embrulho de oferta se faz favor, e sai o papel lustroso e o laço de fita colorida, quantos embrulhos terá feito dona Angustias, de prendas para festas, aniversários, casamentos, Dona Angustias nunca se casou, seu destino era ficar para tia, um ou outro lá metia conversa, tal e coisa, mas depois nada, um dia destes a gente encontra-se, ficava assim, Ramon foi o único que parecia pegar, até fotografias trocaram, e uns beijos também, mas Ramon andava de moto, um dia veio a derrapagem, estampou-se contra um poste, ficou logo ali, transformado numa recordação que dona Angustias iria guardar, cada vez mais distante e vaga.

Para dona Angustias, ir aos touros no domingo de Páscoa é um hábito metido anualmente, com data fixa, na rotina da sua existência solitária. Um hábito herdado de seu pai, don Hipólito Sanches, funcionário da Fazenda. Gosta de chegar cedo, com resguardo de tempo para tomar sem apertos o seu lugar na bancada alta de Sol, ficar a ver a gente chegando, tanta gente fora de Madrid na Páscoa e como se encheu a praça, dava glória vê-la, sentir aquele rumor crescendo, ansioso de se fazer aplauso. Dona Angustias não é propriamente uma aficcionada, quase tem vergonha de dizer que nos touros do que mais gosta, além do ambiente, é de ver os «alguacilillos» abrindo o festejo de traje negro e chapéu emplumado, o resto é como se fosse uma consequência, um complemento.

E complemento foi, nesta tarde sem pena nem glória. E não por culpa dos touros de Puerto de San Lorenzo, brandos alguns mas encastados todos, três nobres e três difíceis - culpados foram os toureiros, neles não assomou a chispa da arte, José Antonio Campuzano ficou-se pelo ofício meio desganado, vulgar e pesado no primeiro, depois sem ânimo para as dificuldades do quarto, e Manili aqui e além desejoso, mas sem o intrépido destemor que foi sua marca, no segundo da tarde desconfiado do inimigo e do vento que o engano lhe movia, e no quinto não tiveram continuidade os passes em que pela direita levantou os únicos olés sentidos do festejo, e o jovem Boni querendo segurar o capital de esperança que no ano passado ganhou, colhido pelo terceiro quando com o quedado animal se descarou em terrenos do Sol, e tardando demais em descobrir a nobreza do que fechou praça, só no final da faena parou os pés e com vagares correu a mão ao natural, mas os momentos altos tinha-os guardado um bandarilheiro, Pedro Santiponce se chama, no quinto da tarde se apertou em dois quarteios, deles saiu modesto, tiveram as palmas de sustentar-se para que por fim da cabeça tirasse a montera, e com ela saudasse o clamor.

Foi um clamor sem continuação, na tarde em que ao menos houve o benefício da brevidade, quando as mulas arrastaram o último não tinham passado duas horas desde que os primeiros clarins rasgaram as vozes da gente, e na arena entraram don Francisco e don Teodoro, os «alguacilillos», e dona Angustias seguindo gostosa o passo vagaroso e desconsolado de seus cavalos, indo buscar as quadrilhas, levando depois a chave dos curros ao «torilero», para que pudesse abrir o portão dos sustos, dos sustos e das alegrias que neste domingo de Páscoa não iria haver na arena de Madrid.

Solilóquio

Elizabeth Taylor fora de perigo

A actriz Elizabeth Taylor escapou à tangente da morte por peneumonia. Durante o fim de semana, esteve em estado crítico. Ontem, quarta-feira, melhorou substancialmente. Segundo informação do seu médico, Bernard Weintraub (especialista pulmonar),"a vida da actriz esteve em perigo, mas a crise foi ultrapassada, embora conserve sintomas que mantêm o diagnóstico reservado".

A actriz acordou normalmente, sem a ajuda do respirador. Hospitalizada no dia 9 de Abril, devido a uma sinusite, Liz Taylor passou para a unidade de cuidados intensivos do Hospital Saint John (Santa Monica). Recorde-se que não é a primeira vez que a actriz escapa da morte. Já em 1961, sofrendo de pneumonia, Taylor compareceu na cerimónia de entrega dos Oscars ostentando uma cicatriz pós-operatória. Nos anos 80, voltou às páginas dos jornais como paciente da clínica do Centro Betty Ford (para alcoólicos). A evocação destes "pontapés no destino" poderá reforçar, mais uma vez, a determinação de Elizabeth Taylor em sobreviver. Para já, o perigo parece ultrapassado... ou adiado.

Dexter Gordon: a morte «round about midnight»

Morreu Dexter Gordon. Um a um os gigantes do jazz vão desaparecendo do mapa.

O saxofone tenor perdeu a noite passada um dos seus maiores utilizadores de sempre, e o impacto da notícia assemelha-se a esse outro que nos veio dizer, ainda não há muito, que um senhor do trompete, Chet Baker, se atirara de uma janela de Amesterdão. Gordon, grande fumador, grande bebedor, tinha um cancro na garganta, mas por ironia do destino foi uma insuficiência renal que o levou. Contava com 67 anos. Não mais o ouviremos apresentar os seus temas com voz pastosa e lenta, tão rouca quanto o seu tenor, tal como fez nas ocasiões em que veio a Lisboa.

Aconteceu tudo por volta da meia-noite, como no tema de Monk de que ele gostava, no Thomas Jefferson Hospital, em Filadélfia. A informação deu-a Sue Mingus, viúva primeiro do contrabaixista e compositor Charles Mingus e viúva, agora, por uma segunda vez. O momento fundamental da sua vida cruzou-o Dexter, imeditamente, sem o sax nas mãos. Quem não o conhecia dos discos ficou a conhecê-lo na tela, graças ao filme de Bertrand Tavernier «Round Midnight», mas também aí o saxofonista soprava. O protagonismo valeu-lhe uma nomeação para o Oscar do melhor actor, em 1986, mas que importa se nos ativermos a um facto: ele é tanto, no firmamento do jazz, que nenhum prémio verdadeiramente o poderia reconhecer.

R. E. P.

Duane Michals expõe fotos em Lisboa

O Centro de Arte Moderna inaugura esta noite, pelas 22 horas, uma exposição do conceituado fotógrafo americano Duane Michals. O artista estará presente na cerimónia e amanhã proferirá uma conferência sobre a sua obra, marcada para as 18 e 30, no Auditório 3 da Gulbenkian.

José Sousa Monteiro

olhar de mocho

O dia seguinte

As comemorações começaram em tom de pirraça: no telediário «24 Horas» que surgiu ao raiar do dia 24, o locutor de serviço anunciava solenemente que pelo facto de o Presidente da República ter exercido um legítimo direito constitucional, todo o processo dos canais privados de televisão sofreria, obviamente, um atraso. Não se entende bem a relação entre causa e efeito, mas o Governo também não está obrigado a reger-se nas suas decisões pela lógica cartesiana. Importava arranjar à pressa argumentos para ir adiando em espiral sem-fim o final da televisão monopolista, alérgica à concorrência, fiel, submissa e partidária. Foi um péssimo aperitivo para as comemorações do dia da liberdade.

Depois tivemos uma «Primeira Página» alargada, ampla, pluralista, mas em que predominou o estendal de lugares-comuns pouco propícios ao verdadeiro debate de ideias. Primeiro, não era preciso ir buscar a água a uma fonte tão distante no tempo.

Desde o Napoleão que o mundo sabe: «dans la Révolution il y a deux sortes de gens - ceux qui la font, ceux qui en profitent». Seria, de facto, necessário começar nessa «Primeira Página» a falar dos que fizeram a Revolução e que passaram logo para a prateleira e dos oportunistas, especializados a apanhar sempre os comboios quando eles já vão em andamento? Logo que a conversa se centrou num tema fulcral e que daria pano para mangas - o 25 de Abril e a Comunicação Social - já os participantes estavam cansados e os relógios dos moderadores começavam a avisar que o tempo estava a acabar. Poder-se-ia, neste capítulo do poder da televisão, avançar muito mais e perguntar até que ponto não haverá semelhanças entre o que se passa na actual RTP e o fenómeno, conhecido desde os tempos dos antigos romanos - as lutas políticas geram cansaço que depois facilita a usurpação desse poder televisivo.

Tivemos, finalmente, as cerimónias oficiais da comemoração onde não foi difícil descortinar uma tendência para a mitificação, para a «divinização» da data libertadora. Entendamo-nos: uma coisa é o dia em si, o momento libertador, com todos os heroísmos inerentes a quem arrisca a nuca por amor da terra e da comunidade, e outra, já diferente, que começa no dia seguinte, *The Day After*, como no filme americano que traz esse título. Ora o processo mais fácil para termos um 25 de Abril sem o dia seguinte, consiste em congelar a data em comemorações de glória, ou seja, repetir o clássico método da mitificação e divinização: quanto mais distante e inatingível está o ideal, mais legítima será a atitude de deixar correr o marfim, marfim este, que no concreto dos dias de hoje, consiste em manter intactos os formalismos todos que envolvem a democracia na esperança de que ninguém se atreva a aventurar-se por mares ainda pouco navegados. Temos democracia mas ainda não temos toda a democraica que deveríamos ter.

DESPORTO

Campeonatos nacionais de futebol

I Divisão: Guimarães vai a fugir

Nomes e números

Porto-Est. Amadora

Árbitro: Ezequiel Feijão (Setúbal).

PORTO — Vítor Baía; João Pinto (Domingos, 73), Franco, Demol, Geraldão, Jorge Couto (Nascimento, 46), Jaime Magalhães, Madjer, Rui Águas, Semedo e André.

ESTRELA DA AMADORA — Melo; Costeado (Bobó, 72), Chico Oliveira, Barny, Caetano, Basaúla, Rebelo, Paulo Bento, Elias, Baroti e Paulo Jorge (Ricardo, 68).

Ao intervalo: 1-0.

Golos de Rui Águas (19) e Madjer (71).

Acção disciplinar: cartão amarelo para Custeado (19).

Nacional-Setúbal

Árbitro: João Simãozinho (Leiria).

NACIONAL — Gilmar; Heitor, Paulito, Ladeira, Edu, Mário (Toninho, 61), Robertinho, Sylvanus, Dinis, Paulo Sérgio e Edmilson (Dino, 84).

SETÚBAL — Jorge Martins, Hélio, Figueiredo, Quim, Dito (Flávio, 45), Jorge Ferreira, Serra (Edward, 30), Jaime Pacheco, Aparício, Lufemba e Makukula.

Ao intervalo: 1-0.

Golos de Dinis (13), Edmilson (64), Robertinho (66) e Makukula (82).

Acção disciplinar: cartão amarelo para Heitor (14), Edu (33) e Quim (53).

Penafiel-Belenenses

Árbitro: José Silvano (Vila Real).

PENAFIEL — Cerqueira; Vinha, Chico Nikita, Vasco, Artur, China, Carlos Alberto (Ciro 45), Rui Manuel (Germano 65), Rebelo, Coelho e Djão.

BELENENSES — Mihaylov; Galo, Oliveira, Edmundo, Grosso, Carlos Ribeiro, Jaime, Adão (Sadrov 63), Jorge Silva (Macaé 63), Gonçalves e Chiquinho.

Ao intervalo: 0-0.

Golo de Djão (53).

Acção disciplinar: não houve.

Portimonense-U. da Madeira

Árbitro: Veiga Trigo (Beja).

PORTIMONENSE — Figueiredo; Chico Zé, Bensinski, Aurélio, Major, Floris (Vado, 39), José Pedro, Guetov, Voynov (Matos, 66), Skoda e Luciano.

UNIÃO DA MADEIRA — Pimenta; Nelinho, Ramos, Mota, Casimiro, Monteiro, Jairo (Júlio Sérgio, 77), Renato, Markovik, Ricardo Jorge e Hajry (Rogério, 67).

Ao intervalo: 0-0.

Golos de José Pedro, aos 54 e 88 minutos.

Acção disciplinar: cartão amarelo para Pimenta (24), Monteiro (61) e Nelinho (68).

Braga-Chaves

Árbitro: Alexandre Morgado (Porto).

BRAGA — Luís Manuel; Chico Silva, Laureta, Vítor Duarte, Moroni, João Mário, Quim II, Santos, Radi (Eskilson, 45), Fernando Pires e Vermelhinho (Maside, 75).

CHAVES — Jesus; Vicente, Filgeueira, Manuel Correia, Rogério, Gilberto, David (Emanuel, 75), Diamantino, Rudi, Vukovic e Jorge Silvério (Paulo Henrique, 87).

Ao intervalo: 0-1.

Golos de Gilberto (42) e Santos (54).

Acção disciplinar: cartão amarelo a Rogério (56), Filgueira (74) e Gilberto (88).

Beira Mar-Guimarães

Árbitro: António Marçal (Lisboa).

BEIRA MAR — Quim; Redondo, Petrov (Carlos Miguel, aos 75), Carvalhal, Ivan, Sousa, Freire (Jarbas, aos 50), Bozinosky, Pentado, Ghany e Mário Jorge.

GUIMARÃES — Madureira; Alberto, Germano, Basílio, Jorge e Cerqueira, João Baptista (Vítor Santos, aos 89), Carvalho, Silvinho (N'Dinga, aos 70), Soeiro e Chiquinho.

Ao intervalo: 0-1.

Golos de Soeiro, aos 8 e 68 minutos.

Acção disciplinar: cartão amarelo para Penteado (20), Jorge (58), Alberto (60), Soeiro (67) e Madureira (88).

Benfica-Tirsense

Árbitro: Fortunato Azevedo.

BENFICA: Silvino; José Carlos (Veloso 41), Paulinho, Paulo Madeira, e Fernando Mendes Hernâni, Abel, Pacheco, e Ademir (Chalana 45), Vata e César Brito.

TIRSENSE: Lúcio; Bio, Vlamecir, Louro, Jorge, Sérgio, Eusébio (Borges 77), Quim, César, Tueba e Kipulu (Vitinha 70).

Acção disciplinar: amarelo a Vata.

Golo de Paulinho (56 m).

Sporting-Boavista

Árbitro: Carlos Valente (Setúbal).

SPORTING: Vítor; Marinho, Paulo Torres, Miguel, Luisinho, Litos, Oceano, Lima (Figo 64), Gomes, Edel (Filipe 82) e Cadete.

BOAVISTA: Hubart; Casaca, Garrido, Waldir, Marcos António; Agatão, Jaime, Forbs, Jorge Andrade, Parente (Holmberg 45) e Phil Walker (Chiquinho Carioca 74).

Acção disciplinar: amarelo para Waldir e Litos.

Golos de Gomes (18 m), Forbs (80), Cadete (81) e Jorge Andrade (85).

Marítimo-Feirense

Árbitro: Mário Leal (Leiria)

MARÍTIMO: Everton; Ricardo Aguiar, Teixeirinha, Carlos Jorge, Andrade Nunes, Paulo Ricardo, Esquerdinha, José Luís (Marquinhos, 71), Wando e Maki (Moreira de Sá, 82).

FEIRENSE: Rufino; Miguel, Valido (Licínio, 73), Costa, Marcelino; Couto (Ribeirinho, 57), Pedro Martins, Artur, Quito, João Luís e Morgado.

Acção disciplinar: cartão amarelo para Pedro Martins, Andrade, Henrique Nunes, Miguel e Ribeiro (60).

Cartão vermelho para o técnico do Feirense, Henrique Nunes.

Golos de Teixeirinha (39 m) e Marquinhos (87).

RESULTADOS

BEIRA MAR	**0-2**	V. GUIMARÃES
NACIONAL	**3-1**	V. SETÚBAL
PENAFIEL	**1-0**	BELENENSES
F.C. PORTO	**2-0**	E. AMADORA
PORTIMON.	**2-0**	U. MADEIRA
SPORTING	**2-2**	BOAVISTA
BENFICA	**1-0**	TIRSENSE
MARÍTIMO	**2-0**	FEIRENSE
S.C. BRAGA	**1-1**	CHAVES

Próxima jornada: Chaves - Beira Mar; Guimarés - Nacional; Vitória de Setúbal - Penafiel; Belenenses - Porto; Estrela da Amadora - Portimonense; União da Madeira - Sporting; Boavista - Benfica; Tirsense - Marítimo; e Feirense - Braga.

RENAULT
FERNANDO DE OLIVEIRA & FILHOS, LDA
Vendas: Rua Miguel Bombarda, 26
Sete Portais · Telha
Assistência · Peças · Sete Portais · Telha
2830 BARREIRO

CLASSIFICAÇÃO

		J	V	E	D	G	P
1.º	F.C. PORTO	30	25	4	1	67-13	54
2.º	Benfica	30	20	9	1	70-15	49
3.º	Guimarães	30	16	10	4	40-21	42
4.º	Sporting	30	15	11	4	38-23	41
5.º	Belenenses	30	14	4	12	29-29	32
6.º	V. Setúbal	29	12	7	10	33-29	31
7.º	D. Chaves	30	9	13	8	30-35	31
8.º	Boavista	30	10	8	12	42-32	28
9.º	Beira Mar	30	10	7	13	19-33	27
10.º	E. Amadora	30	9	8	13	31-28	26
11.º	Braga	30	8	10	12	29-34	26
12.º	Tirsense	30	6	14	10	18-27	26
13.º	Marítimo	30	5	14	11	21-36	24
14.º	Penafiel	30	8	7	15	21-44	23
15.º	Nacional	30	5	12	13	27-43	22
16.º	U. Madeira	30	5	11	14	21-40	21
17.º	Portimon.	30	6	7	17	23-46	19
18.º	Feirense	29	4	8	17	19-50	16

Magnusson descansa

O portimonense José Pedro e o vimaranense Soeiro foram os únicos «artilheiros» a bisar nos remates certeiros obtendo os dois golos com que as suas equipas venceram os seus opositores. A jornada rendeu 20 golos e Rui Águas aproximou-se um pouco mais de Magnusson ao marcar um golo enquanto o sueco aproveitou a jornada para descansar.

Magnusson lidera a lista dos melhores goleadores com 30 golos no activo seguindo-se Rui Águas (17), Madjer (13), Mladenov, Guetov e Ricky (12), Jorge Andrade (11), Vata, Chiquinho (Belenenses), Demol, Monteiro e Isaías (10).

II Divisão: Espinho cede posição

Zona Norte

Aves - Joane, 0-0; Famalicão - Fafe, 2-0; Felgueiras - Bragança, 1-1; Gil Vicente - Infesta, 2-1; Leixões - Maia, 1-0; Marco - Freamunde, 0-4; Paços de Ferreira - Vizela, 1-0; Trofense - Rio Ave, 2-1; e Varzim - Vianense, 2-1.

		J	V	E	D	G	P
1.º	FAMALICÃO	28	15	9	4	45-18	39
2.º	G. Vicente	27	17	5	5	40-22	39
3.º	Maia	27	13	9	5	42-24	35
4.º	Freamunde	28	13	9	6	40-26	35
5.º	P. Ferreira	28	15	4	9	45-29	34
6.º	Aves	28	13	6	9	36-28	32
7.º	Varzim	28	13	5	10	38-29	31
8.º	Leixões	28	11	7	10	38-37	29
9.º	Fafe	28	10	7	11	31-25	27
10.º	R. Ave	28	9	9	10	36-37	27
11.º	Bragança	28	10	7	11	33-43	27
12.º	Infesta	28	9	8	11	45-45	26
13.º	Felgueiras	28	8	8	12	20-33	24
14.º	Joane	28	7	9	12	22-33	23
15.º	Vianense	28	8	6	14	30-44	22
16.º	Vizela	28	7	6	15	23-35	20
17.º	Trofense	28	6	7	15	24-49	19
18.º	Marco	28	3	7	18	16-47	13

Próxima jornada: Bragança - Gil Vicente; Infesta - Aves; Joane - Marco; Freamunde - Trofense; Rio Ave - Leixões; Maia - Varzim; Vianense - Paços de Ferreira; Vizela - Famalicão e Fafe - Felgueiras.

Zona Centro

Académico de Viseu - Guarda, 7-1; Benfica de Castelo Branco - Caldas, 2-1; Lousanense - Mangualde, 2-1; «Os Marialvas» - Águeda, 5-0; Oliveira do Bairro - Mirense, 1-0; Oliveirense - Salgueiros, 2-2; Peniche - Sporting da Covilhã, 1-2; União de Lamas - Académica, 0-1 e União de Leiria - Espinho, 2-0.

		J	V	E	D	G	P
1.º	SALGUEIROS	28	18	6	4	62-19	42
2.º	U. Leiria	28	18	6	4	54-13	42
3.º	Espinho	28	20	2	6	55-17	42
4.º	A. Viseu	28	14	7	7	46-27	35
5.º	Académica	28	15	5	8	45-29	35
6.º	Mirense	28	12	7	9	37-32	31
7.º	Águeda	28	12	7	9	34-29	31
8.º	S. Covilhã	28	14	1	13	36-37	29
9.º	U. Lamas	28	13	1	14	39-39	27
10.º	«Os Marialvas»	28	9	8	11	23-29	26
11.º	B.C. Branco	28	10	6	12	28-39	26
12.º	Mangualde	28	11	2	15	37-43	24
13.º	Caldas	28	11	2	15	25-43	24
14.º	Oliveir.	28	8	6	14	29-36	22
15.º	Guarda	28	9	4	15	23-47	22
16.º	Lousan.	27	6	5	16	24-50	17
17.º	O. Bairro	28	3	10	15	21-54	16
18.º	Peniche	27	3	5	19	15-50	11

Próxima jornada: Águeda - Académico de Viseu; Guarda - União de Lamas; Académica - Oliveira do Bairro; Mirense - Benfica de Castelo Branco; Caldas - Oliveirense; Salgueiros - Peniche; Sporting da Covilhã - União de Leiria; Espinho - Lousanense e Mangualde - «Os Marialvas».

Zona Sul

Alverca - Louletano, 0-0; Atlético - Samora Correia, 2-0; Barreirense - «O Elvas», 1-0; Farense - Olhanense, 0-1; Juventude - Olivais e Moscavide, 1-0; Lusitano de Vila Real - Silves, 2-0; Portalegrense - Sintrense, 0-0; Seixal - Lusitano de Évora, 2-1 e Torreense - Estoril, 3-0.

		J	V	E	D	G	P
1.º	FARENSE	28	20	5	3	64-17	45
2.º	Louletano	28	15	9	4	41-16	39
3.º	Barreirense	28	17	4	7	44-21	38
4.º	Estoril	28	13	11	4	31-20	37
5.º	Torreense	28	14	7	7	47-22	35
6.º	«O Elvas»	28	14	7	7	42-22	35
7.º	L. V. Real	28	11	11	6	30-19	33
8.º	Juventude	28	11	11	6	30-32	33
9.º	Alverca	28	12	8	8	36-34	32
10.º	Silves	28	9	10	9	30-25	28
11.º	Olhanense	28	9	9	10	30-32	27
12.º	L. Évora	28	6	10	12	31-45	22
13.º	Seixal	28	7	6	15	21-44	20
14.º	Atlético	28	7	5	16	32-39	19
15.º	O. Moscavide	28	6	7	15	26-45	19
16.º	Portalegr.	28	4	10	14	25-60	18
17.º	Sintrense	28	4	6	18	17-53	14
18.º	S. Correia	28	1	9	18	18-49	11

Próxima jornada: «O Elvas» - Portalegrense; Sintrense - Juventude; Olivais e Moscavide - Torreense; Estoril - Lusitano de Vila Real; Silves - Farense; Olhanense - Alverca; Louletano - Seixal; Lusitano de Évora - Atlético e Samora Correia - Barreirense.

III Divisão: só o Lousada parece seguro

Série A

Delães - Caminha, 3-2; Esposende - Santa Maria, 2-1; Macedo de Cavaleiros - Ponte da Barca, 1-1; Moreirense - Celoricense, 5-1; Prado - Amares, 0-0; Valdevez - Mirandela, 0-0; Valpaços - Ribeirão, 2-0; Vieira - Maria da Fonte, 1-0 e Vila Pouca - Lanheses, 2-1.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º **ESPOSENDE**	30	15	13	2	45-21	43
2.º Moreirense	30	15	11	4	48-24	41
3.º Delães	30	15	6	9	43-42	36
4.º Mirandela	30	12	11	7	48-30	35
5.º Caminha	30	12	9	9	32-21	33
6.º Valpaços	30	11	9	10	36-32	31
7.º S. Maria	30	12	7	11	36-40	31
8.º P. Barca	30	11	8	11	28-28	30
9.º M. Cavaleiros	30	11	8	11	32-39	30
10.º Celoricense	30	11	7	12	39-34	29
11.º Amares	30	9	11	10	28-27	29
12.º Vieira	30	10	8	12	31-31	28
13.º M. Fonte	30	6	16	8	22-25	28
14.º Valdevez	30	5	16	9	26-28	26
15.º Lanheses	30	9	7	14	30-36	25
16.º Prado	30	9	7	14	18-30	25
17.º V. Pouca	30	8	6	16	27-43	22
18.º Ribeirão	30	4	10	16	17-55	18

Próxima jornada: Celoricense - Prado; Amares - Vieira; Maria da Fonte - Valpaços; Ribeirão - Macedo de Cavaleiros; Ponte da Barca - Vila Pouca; Lanheses - Valdevez; Mirandela - Delães; Caminha - Esponsende e Santa Maria - Moreirense.

Série B

Emesinde - Cinfães, 4-0; Lousada - Paredes, 1-0; Lusitânia - Pedrouços, 2-0; Paivense - Leça, 1-4; Sanjoanense - Rio Tinto, 1-1; Santa Marta de Penaguião - Amarante, 1-1; Valadares - Sandinenses, 0-0; Valonguense - Régua, 2-0 e Vila Real - Lixa, 2-0.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º **LOUSADA**	30	19	7	4	57-27	45
2.º V. Real	30	16	6	8	49-26	38
3.º Paredes	30	13	10	7	48-29	36
4.º Amarante	30	12	12	6	38-29	36
5.º Sanjoan.	30	14	7	9	47-33	35
6.º Valong.	30	13	9	8	38-30	35
7.º Lusitânia	30	12	10	8	37-29	34
8.º Leça	30	12	9	9	47-32	33
9.º Ermesinde	30	13	6	11	35-26	32
10.º Lixa	29	12	6	11	35-29	30
11.º Pedrouços	30	9	11	10	41-44	29
12.º Sandinenses	30	9	10	11	25-32	28
13.º Régua	29	9	8	12	27-32	26
14.º R. Tinto	30	8	7	15	30-48	23
15.º Cinfães	30	7	7	16	28-64	21
16.º S.M. Penaguião	30	6	8	16	29-46	20
17.º Valadares	30	4	12	14	21-50	20
18.º Paivense	30	4	9	17	27-53	17

Próxima jornada: Régua - Sanjoanense; Rio Tinto - Vila Real; Lixa - Santa Marta de Penaguião; Amarante - Ermesinde; Cinfães - Valadares; Sandinenses - Paivense; Leça - Lousada; Paredes - Lusitânia e Pedrouços - Valonguense.

Série C

Argus - Santacombadense, 3-2; Luso - Valecambrense, 5-0; Mortágua - Estarreja, 2-0; Oliveira do Hospital - Anadia, 1-0; Ovarense - Mealhada, 3-1; Sabugal - Oliveirinha, 1-2; Seia - Gouveia, 3-0; União de Coimbra - Alba, 0-0 e Valonguense - Tabuense, 3-1.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º **ANADIA**	30	20	4	6	51-20	44
2.º Ovarense	30	16	9	5	54-17	41
3.º Santacomb.	30	19	2	9	33-23	40
4.º Estarreja	30	15	6	9	53-27	36
5.º U. Coimbra	30	14	7	9	53-28	35
6.º Valong.	30	13	9	8	39-34	35
7.º Luso	30	11	11	8	35-22	33
8.º O. Hospital	30	11	11	8	35-30	33
9.º Mealhada	30	12	8	10	34-31	32
10.º Gouveia	30	9	12	9	28-24	30
11.º Oliveir.	30	10	10	10	31-34	30
12.º Argus	30	10	9	11	35-35	29
13.º Alba	30	9	10	11	29-29	28
14.º Seia	30	9	8	13	45-38	26
15.º Tabuense	29	9	6	14	26-36	24
16.º Mortágua	30	6	10	14	25-39	22
17.º Sabugal	29	3	5	21	23-95	11
18.º Valecambr.	30	3	3	24	16-83	9

Próxima jornada: Estarreja - Argus; Santacombadense - Valonguense; Tabuense - Oliveira do Hospital; Anadia - Ovarense; Mealhada - Seia; Gouveia - Luso; Valecambrense - União de Coimbra; Alba - Sabugal e Oliveirinha - Mortágua.

Série D

Alcanenense - Alcains, 1-0; Alfeizerense - Ferrel, 3-1; Alcobaça - Castelo de Vide, 0-0; Bombarralense - Marrazes, 1-0; Estrela de Portalegre - União de Santarém, 0-1; Fátima - Marinhense, 0-0; Naval - Torres Novas, 2-0; Sertanense - Mirandense, 2-0 e União de Tomar - «Os Nazarenos», 3-0.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º **U. TOMAR**	30	18	10	2	41-11	46
2.º Naval	30	17	9	4	57-22	43
3.º Mirandense	30	17	7	6	47-13	41
4.º U. Santarém	30	16	8	6	43-19	40
5.º Alcobaça	30	11	14	5	31-20	36
6.º C.D. Fátima	30	12	11	7	49-25	35
7.º Sertanense	30	10	14	6	33-29	34
8.º Alcanenense	30	9	15	6	37-23	33
9.º T. Novas	30	11	10	9	42-38	32
10.º Marinhense	30	7	15	8	29-33	29
11.º Bombarral.	30	5	7	17	20-27	27
12.º E. Portalegre	30	7	9	14	24-46	23
13.º C. Vide	30	8	7	15	23-47	23
14.º Alcains	30	6	10	14	33-41	22
15.º «Os Nazarenos»	30	7	8	15	30-44	22
16.º Marrazes	30	6	8	16	20-43	20
17.º Alfeizerense	30	6	8	16	27-53	20
18.º Ferrel	30	5	4	21	20-72	14

Próxima jornada: União de Santarém - Alcobaça; Castelo de Vide - Naval; Torres Novas - Sertanense; Mirandense - Bombarralense; Marrazes - Alfeizerense; Ferrel - Fátima; Marinhense - Alcanenense; Alcains - União de Tomar e «Os Nazarenos» - Estrela de Portalegre.

Série E

Almeirim - Odivelas, 4-3; Borbense - Cartaxo, 2-0; Cacém - Portosantense, 1-1; Câmara de Lobos - Fanhões, 2-1; Campomaiorense - Futebol Benfica, 2-0; Fronteirense - Vilafranquense, 0-1; Oriental - Lusitânia, 1-1; Praiense - Loures, 1-1 e Santa Clara - Sacavenense, 0-0.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º **S. CLARA**	30	16	8	6	48-35	40
2.º Oriental	30	14	11	5	38-21	39
3.º Almeirim	30	15	6	9	53-31	36
4.º Sacavenense	30	12	12	6	33-19	36
5.º Campomaior.	30	15	5	10	46-22	35
6.º Portosant.	30	11	10	9	42-30	32
7.º F. Benfica	30	11	10	9	34-34	32
8.º Vilafranq.	30	11	9	10	38-25	31
9.º Loures	30	9	13	8	36-35	31
10.º Praiense	30	10	10	10	20-25	30
11.º Fanhões	30	10	9	11	27-31	29
12.º Lusitânia	30	10	8	12	26-29	28
13.º Odivelas	30	10	7	13	40-41	27
14.º C. Lobos	30	7	13	10	21-31	27
15.º Borbense	30	8	10	12	26-40	26
16.º S.L. Cartaxo	30	5	11	14	29-50	21
17.º Cacém	30	6	9	15	24-45	21
18.º Fronteir.	30	5	9	16	17-44	19

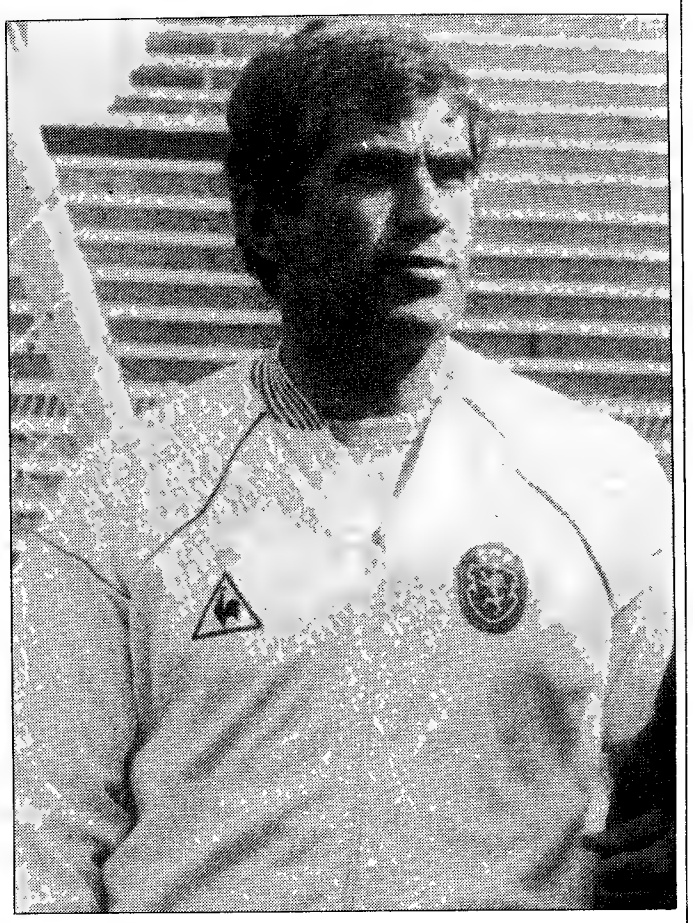
Próxima jornada: Loures - Oriental; Lusitânia - Borbense; Cartaxo - Almeirim; Odivelas - Campomaiorense; Futebol Benfica - Fronteirense; Vilafranquense - Santa Clara; Sacavenense - Câmara de Lobos; Fanhões - Cacém e Portosantense - Praiense.

Série F

Almancilense - Estrela de Vendas Novas, 2-0; Montijo - Esperança de Lagos, 1-0; Moura - Pescadores, 2-2; Palmelense - Santiago do Cacém, 0-1; Quarteirense - Amora, 1-0; Sesimbra - Imortal, 1-1; Trafaria - Quimigal, 0-1; União de Montemor - Leões de Tavira, 2-3; e Vasco da Gama - Beja, 3-0.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º **MONTIJO**	30	18	7	5	57-24	43
2.º Quarteir.	30	14	11	5	61-29	39
3.º S. Cacém	30	14	10	6	54-31	38
4.º Amora	30	16	6	8	48-30	38
5.º Almancil.	30	15	8	7	33-23	38
6.º V. Gama	30	15	6	9	38-36	36
7.º Moura	30	11	13	6	44-35	35
8.º U. Montemor	30	14	5	11	51-33	33
9.º E. Lagos	30	12	9	9	46-32	33
10.º Imortal	30	9	11	10	41-41	29
11.º L. Tavira	30	9	11	10	23-24	29
12.º Palmelense	30	9	9	12	41-42	27
13.º Quimigal	30	7	12	11	26-34	26
14.º Pescadores	30	9	7	14	34-51	25
15.º Beja	30	8	8	14	28-49	24
16.º E.V. Novas	30	5	9	16	25-47	19
17.º Trafaria	30	3	11	16	26-70	17
18.º Sesimbra	30	3	5	22	19-65	11

Próxima jornada: Pescadores - Vasco da Gama; Beja - Trafaria; Quimigal - Almancilense; Estrela de Vendas Novas - Quarteirense; Amora - Sesimbra; Imortal - Montijo; Esperança de Lagos - União de Montemor; Leões de Tavira - Palmelense e Santiago do Cacém - Moura.



Pedro Gomes sai do Olhanense

A direcção do Olhanense rescindiu por mútuo acordo, o contrato com o treinador Pedro Gomes e entregou o comando da equipa de futebol do clube ao jogador Ademir.

Trata-se da segunda «chicotada psicológica» da temporada no clube algarvio, que iniciara o campeonato secundário sob a orientação de Mário Wilson, substituído há cerca de três meses por Pedro Gomes.

Juniores

Zona 1: União de Coimbra - Boavista, 0-2; e Varzim - Guimarães, 0-1.

	J	V	E	D	G	P
Guimarães	3	3	-	-	5- 1	6
Boavista	3	2	-	1	4- 3	4
Varzim	3	1	-	2	4- 3	2
U. Coimbra	3	-	-	3	1- 7	0

Próxima jornada: Boavista - Guimarães; e União de Coimbra - Varzim.

Zona 2: Académica - Braga, 2-0; e Futebol Clube do Porto - Santa Clara, 20-0.

	J	V	E	D	G	P
F.C. Porto	3	3	-	-	26- 1	6
Académica	2	1	-	1	2- 2	2
S. Clara	2	1	-	1	1-20	2
Braga	3	-	-	3	1- 7	0

Próxima jornada: Braga - Santa Clara; e Académica - Futebol Clube do Porto.

Zona 3: Farense - Nacional, 4-2; e Benfica - União de Tomar, 7-0.

	J	V	E	D	G	P
Farense	3	2	1	-	8- 4	5
Benfica	3	1	2	-	8- 1	4
Nacional	3	-	2	1	3- 5	2
U. Tomar	3		1	2	2-11	1

Próxima jornada: Nacional - União de Tomar; e Farense - Benfica.

Zona 4: Setúbal - Barreirense, 0-2; e Sporting - Estrela da Amadora, 1-1.

	J	V	E	D	G	P
Sporting	3	1	2	-	3- 2	4
Barreirense	3	1	1	1	4- 3	3
Amadora	3	1	1	1	5- 5	3
Setúbal	3	1	-	2	3- 5	2

Próxima jornada: Barreirense - Estrela da Amadora; e Setúbal - Sporting.

Juvenis

Zona 1: Académico de Viseu - Guimarães, 1-2; e Boavista - Académica, 2-0.

	j	V	E	D	G	P
Boavista	3	2	1	-	8- 1	5
Guimarães3		2	1	-	5- 2	5
Académica	3	-	1	2	1- 5	1
A. Viseu	3	-	1	2	1- 8	1

Próxima jornada: Guimarães - Académica; e Académico de Viseu - Boavista.

Zona 2: Braga - Praiense, 8-0; e Leixões - Futebol Clube do Porto, 2-3.

	J	V	E	D	G	P
F.C. Porto	3	3	-	-	19- 3	6
Braga	3	2	-	1	10- 2	4
Leixões	3	2	-	1	5- 4	2
Praiense	3	-	-	3	00 24	0

Próxima jornada: Praiense - Futebol Clube do Porto; e Braga - Leixões.

Zona 3: Olivais e Mos avide - Sporting, 0-0; e Marítimo - Louletano, 1-0.

	J	V	E	D	G	P
Sporting	3	1	1	-	4- 0	5
Mosca vide	3	2	1	-	7- 3	5
Marítimo	3	1	-	2	3- 6	2
Louletano	3	-	-	3	1- 6	0

Próxima jornada: Sporting - Louletano; e Olivais e Moscavide - Marítimo.

Zona 4: Belenenses - Setúbal, 0-1; e Benfica - Estrela da Amadora, 2-0.

	J	V	E	D	G	P
Setúbal	3	2	1	-	3- 0	5
Benfica	3	2	1-		6- 2	5
Amadora	3	1	-	2	3- 5	2
Belenenses	3	-	-	3	3- 8	0

Próxima jornada: Setúbal - Estrela da Amadora; e Belenenses - Benfica.

TOTOBOLA

Porto-E. Amadora	1
Benfica-Tirsense	1
Beira Mar-Guimarães	2
Nacional-Setúbal	1
Penafiel-Belenenses	1
Portimonense-U. Madeira	1
Sporting-Boavista	X
Marítimo-Feirense	1
Braga-Chaves	X
Leixões-Maia	1
Oliveirense-Salgueiros	X
União Leiria-Espinho	1
Torreense-Estoril	1

De acordo com a informação prestada, no final da manhã, ao «DL» os serviços de escrutínio do Departamento de Apostas Mútas Desportivas da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa prevêem 157 a 164 apostadores com 13 resultados cabendo a cada um cerca de 47 600$00, 3051 a 3170 com 12 recebendo pouco mais de 2400$00 e 25 404 a 26 400 com 11 a que corresponderá o prémio de 290$00.

Corrida da Liberdade

Eduardo Fernandes e Maria Alexandra Valada venceram a prova principal da Corrida da Liberdade organizada pela Associação 25 de Abril e pelo Pelouro de Desporto da Câmara de Lisboa.

A prova, disputada nas ruas da Baixa lisboeta e que teve ainda o apoio da Federação das Colectividades de Cultura e Recreio, registou a participação de 1500 atletas de vários escalões etários de ambos os sexos.

BIBLIOGRAFIA DESPORTIVA

Xadrez na Caminho

A editorial Caminho acaba de publicar na sua colecção Jogatempos a obra de António Ferreira e Pedro Paulo Sampaio, denominada «A abertura portuguesa». O 1.º estudo de envergadura, em todo o mundo, sobre a abertura portuguesa, que consiste numa das formas possíveis de iniciativa de xadrez e é definida pelos lances 1E4 E5 BB5. Um livro para xadrezistas que tenham passado o nível de iniciação.

Juiz de linha agredido em Leiria

Mosquitos por cordas aconteceram ontem, como triste epílogo do União de Leiria-Sporting de Espinho, altamente influente para a classificação da Zona Centro do campeonato da 2.ª divisão.

Progressivamente, os ânimos foram ficando exaltados, especialmente a partir da expulsão do espinhense Nelo, aos 42 minutos. O árbitro eborense José Pratas passou a viajar no centro de um furacão, mas o espectáculo parecia ir concluir-se dentro das regras não fora o juiz, já para além dos 90 minutos (97 m) e quando parecia que o 0-0 iria definitivamente morar no «placard», ter assinalado grande penalidade contra os *tigres da Costa Verde* por possível mão do defesa central Sousa.

O castigo demorou a marcar-se: mas, enquanto Celso Maciel cobrava a penalidade e o União ficava como triunfante, estoirou um autêntico pandemónio, com agressões, pedradas, gritos e confusão generalizada. «*Ladrões, há corrupção e roubos no futebol!*», os maiores enxovalhos eram brinde para José Pratas e seus fiscais de linha (Lopes da Silda e António Matos), todos alvejados de vários quadrantes da plateia com pedras e terra, um dos «bandeirinhas» chegando mesmo a cair para o chão atingido a murro por um futebolista. O técnico nortenho Amândio chorava e gritava. O árbitro lá conseguiu, com o auxílio da Polícia, enfiar pela cabina dentro. No campo e nas imediações, a *batalha* iria prosseguir durante bastante tempo, com alguns feridos e muitos danos materiais, cada cidadão aviando quem passava mais à mão de semear.

É claro que o relatório do árbitro terá de ser complementado pela nota de ocorrência que, certamente, será rubricada pela autoridade policial. Porém, como rescaldo imediato, há mossas em várias cabeças, nódoas negras distribuídas entre as falanges de apoio das duas turmas e, no topo da tabela pontual, Leiria e Espinho colados ao Salgueiros. A direcção espinhense, reunida até de madrugada, tornou público um comunicado em que o trio de arbitragem é repudiado com toda a firmeza. Em Leiria, afirma-se que tudo foi obra da turma visitante. Em Espinho, as culpas vão direitinhas para «*a forma incorrecta e precipitada como as forças de segurança actuaram na protecção aos forasteiros.*» Fala-se em «*indignidades e atropelos à verdade desportiva*». De ambos os lados se critica o outro parceiro. No fim de contas, mais uma página de vergonha para o futebol português.

Nacional de futebol

Sporting: «O que é que eu digo à saudade?»

Nada a fazer: os «dragões» continuam, impávidos e serenos, no ataque à coroa de rei, enquanto o Benfica (quase só de olhar virado para Viena de Áustria) vai cumprindo calendário, um Vitória (minhoto) teima em amealhar para a velhice e o outro (sadino) navega de mal a pior. Assiste-se a uma viagem belenense com alguns rombos no costado mas, sobretudo, o triste sinal dos tempos, ali por banda de Alvalade. É que, apenas faltando esgrimir por oito pontinhos, o Sporting já está a 13 degraus do comandante o que (convenhamos) é caso para envergonhar os ancestrais do leão que, agora bem saudosamente, ainda se recordam de quando se escutava melodia de violino onde agora nem bombos produzem musicalidade.

De facto, mais que assistir a persistente ombro a ombro entre Porto e Benfica, de quando em vez deixando uma migalhinha tombar do prato, enquanto se verifica que (sem alardes nem prosápias) o esquadrão vimaranense vai revalidando o seu prestígio, constata-se que o Sporting, mesmo com uma horita de jogo bonitinho, deixou de ser o senhor todo-poderoso que obrigava as visitas de Alvalade a ficarem muito satisfeitas quando somente regressavam a casa vencidas pela tangente. Ontem, ao correr dos taipais do embate com o Boavista, ficava exclusivamente na peneira admirativa a alegria de Cadete e o talento de Fernando Gomes. Enquanto Jorge Andrade e Jaime chegavam e sobravam para colocar em sentido Miguel, Oceano, Lima, Edel e outros parceiros que rapidamente acompanharam Vital na entrada pelo cano. Uma vez mais, mesmo à porta do adeus, Raul Águas não consegue que o conclave do ex-rei das selvas lhe estenda a mão. E, embora se concorde que a amálgama de nomes do exército verde-branco continua sem estrutura definida, cada dia mostrando-se com diferente roupagem, ainda no termo da temporada à procura de estrutura ou base para cartão-de-visita, também se terá de concluir que, à força de se tornar cíclica uma situação de passividade perante o duelo de outros maiorais, há um incrível conformismo nas hostes leoninas que, depois de atiradas fora da Europa milionária, arredadas da Taça e do título, já se contentam em assegurar novo teste uefeiro para a próxima temporada. Quer dizer: sonho maior, permanentemente adiado.

E é pena, porque enquanto os portistas (com maior ou menor desembaraço) vão ultrapassando todas as barreiras e já quase se sentam no trono de ouro e os rubros da Luz voltam a chancelar os seus pergaminhos com a bela cintilação no topo do futebol europeu, o leão (no início de cada temporada embalado por canto de sereias que nunca pisam o chão terreno) continua apenas a funcionar como carruagem de um comboio que só conhece dois maquinistas. Ontem, o proveito foi boavisteiro: também em hora de ir para outras paragens, Manuel Barbosa soube habilmente explorar a fragilidade de um agrupamento onde em cada dia os rostos são mudados e nunca para melhoria plena.

Adiante. Nas Antas, o Estrela da Amadora chegou a despedir faíscas, especialmente por Basaúla e Baroti, já que (inexplicavelmente ou talvez não) Richy e Pedro Xavier não foram chamados ao trabalho activo. No festim da despedida de Branco (uma das verdadeiras «estrelas» que vieram engrandecer este futebol lusitano) o Porto foi deixando correr o marfim. Por duas vezes, uma de cada sinal, a bola esbarrou na madeira que emoldura o último caminho para a meta. Madjer, esse primoroso artista do futebol, encheu o palco com o seu virtuosismo. E, como o doutor Ezequiel Feijão poupou Demol à amostragem de um bem merecido *ictericia*, tudo acabou nos conformes com a vontade de dois Jorges: o Artur e o Pinto da Costa.

Estivemos no estádio *vermelho* e, tivesse o professor Neca um pouquinho mais de audácia e a coisa poderia ter sido falada porque, como nos disse Eriksson, «*o Benfica acabou por conquistar os dois pontos mas não jogou com sapiência*». Verdade que aquela carga de água, o ribombar dos trovões, as chispas dos relâmpagos, o temporal desfeito que a certa altura enregelou os actores, perturbou qualquer ideia de futebol atiradiço, de enlevo para a plateia. E, embora seja obrigatório notar que o técnico sueco não pôde dispor de um soberbo lote de alunos (Valdo, Ricardo, Aldair e Magnusson envolvidos em trabalhos com as suas selecções, Samuel castigado federativamente, Diamantino, Paneira, Thern e Lima lesionados, Álvaro votado ao tal insólito ostracismo que ninguém mais entende), mesmo dando tudo isto de barato, é obrigatório que profissionais com historial ganhem a contagiante alegria que foi espelhada pelos dois mocinhos que renderam a dupla brasileira de «backs» centrais: Paulinho e Paulo Madeira foram, apenas e só, os melhores actuantes sobre a relva, embora Silvino, Hernâni e Fernando Chalana tivessem acompanhado Bio, Vlamecir, Louro, Jorge, Kipulu e, sobretudo, o dedicado Tueba que é dos tais atletas que não brinca em serviço. Num duelo que ofereceu a curiosidade de ver (brilhantemente) em acção um fiscal de linha com o rótulo do mundialista Carlos Valente, tudo acabou bem, inclusive com os jornalistas a serem convidados pela directiva benfiquista para, logo ao cair da tarde, terçarem armas em torno da esfera aos pulos, em jogo onde a águia, para além de Shéu, Nené, Eusébio, José Henrique e outras vedetas que todos ainda temos no olhar, sairá a terreiro com *armas secretíssimas* com o valor de Luís Tadeu, Adriano Afonso e Gaspar Ramos, todos dispostos a aplicarem uma cabazada nas redes de Delgado que, transferido este ano para o nosso lote, metendo empenhos para apenas defender uma baliza das que servem para andebol, já que vai actuar no mesmo rectângulo em que Vata venceu o Marselha...

Sigamos em frente. Em Penafiel, foi a vingança de Djão sobre o antigo patrão. O moçambicano, que tem andado quase incógnito desde que deixou o Restelo, fez o golo que prolonga o estado de euforia de Joaquim Teixeira e seus novos pupilos. O já muito flagelado José Silvano voltou a errar ao não assinalar um castigo máximo provocado por Cerqueira. O árbitro de Vila Real saiu calmamente para a casinha, viagem curta e sem sustos: Mas, ficar de bem com os penafidelenses não significa que tenha sido juiz íntegro e perfeito.

Antas: corte a progressão de Rui Águas perante Sepa Santos

Alvalade: o belo toque de cabeça de Gomes que deu o 1.º golo dos «leões»

Em aveiro, no território do próspero Beira Mar que tem 45 mil contos de lucro em saldo de gerência e vai amanhã às urnas, o Vitória vimaranense teve em Soeiro a gazua que rasgou a porta da rapaziada de Vítor Urbano. Lamentam-se os aveirenses de um tento que teria sido mal anulado a Penteado: entendeu António Marçal que a jogada foi irregular. O fiel da balança anda ainda em rodopio.

Belo empate flaviense em casa bracarense: ficaram satisfeitos os dois estandartes, já dormitando à custa dos proventos arrecadados em bom tempo. Mas, em situação inversa, estão os colegas que se debatem no fundo do edifício, na cave do arranha-céus. Curiosamente, do triunvirato funchalense, apenas o União baixou bandeira, porque José Pedro converteu em renovada esperança o desesperado Portimonense. Os companheiros da bela ilha saíram-se da casca: Marítimo derrubando um Feirense superexcitado (Mário Leal chegou a expulsar o técnico Henrique Nunes) e, muito especialmente, as honras da roda oferecidas a um Nacional que, aproveitando soberanamente o instante pouco feliz do Vitória sadino, aplicou correctivo ao exército de Manuel Fernandes que, na verdade, precisa de urgente lavagem ao cérebro se quiser ainda reentrar na alta-roda deste velho continente.

Muito se vai falando por aí fora, desde os problemas que o famigerado Bonetti está colocando ao Sporting até aos desejos de Sousa Cintra em recrutar Jorge Ferreira, Laureta e os boavisteiros Isaías e Jaime. Bobó também anda na berlinda: irá para o Bessa, acompanhando o retorno de Barny e Caetano, com a contrapartida da descida até à Reboleira de Padrão, Valério e Agatão? E, será realmente verdade (como dizia ontem João Santos) que dois clubes estrangeiros andam no encalço de Samuel e Hernâni?

Diz-se, diz-se, diz-se. Alguma coisa pode virar certeza e acompanhar aquilo que é iniludível: Porto e Benfica transpondo os portais da glória e, na bancada, pagando para ver o jogo graúdo, o conformado Sporting sempre a pensar que melhores dias vão surgir pela sua selva.

Neves de Sousa

Luz: Jorge persegue Abel

Setúbal recorre

O Vitória de Setúbal decidiu apresentar recurso para o Conselho de Justiça da FPF da decisão do Conselho de Disciplina de mandar jogar apenas os últimos minutos do jogo dos sadinos com o Belenenses, para a Taça de Portugal.

Segundo fonte do clube sadino *outra decisão não seria de esperar e a direcção do Setúbal entendeu recorrer por considerar que por analogia com procedimento anterior o encontro deve ser repetido.*

O jogo Setúbal-Belenenses, dos quartos-de-final da Taça de Portugal, foi interrompido a poucos minutos do fim, por falha de energia eléctrica, numa altura em que os «azuis» do Restelo venciam por 2-0.

DESPORTO

Futre e Rui Barros em grande

Um golo e uma grande exibição marcaram o regresso de Futre enquanto Rui Barros ajudou a Juventus a conquistar a Taça de Itália

Paulo Futre reapareceu com uma excelente exibição na equipa do Atlético de Madrid, que venceu o Logroñes por 3-1, em jogo do Campeonato espanhol de futebol da I Divisão.

Tratou-se da 36.ª jornada da prova e Futre apontou um golo de grande categoria, o segundo do Atlético, que desfez o empate de 1-1, com que terminara o primeiro tempo.

Dado o empate (1-1) do Barcelona no recinto do Sevilha, o Atlético madrileno isolou-se no segundo lugar da classificação, mercê do seu melhor «goal-average», em igualidade de pontos, 49, com o mesmo Barcelona, agora terceiro, e o Valência, que é quarto. Considerando a diferença de pontuação entre o quarto classificado e o quinto (seis pontos) e apesar de ainda faltarem duas jornadas para o encerramento da prova, já é possível assegurar que o Real Madrid estará, na próxima temporada, na Taça dos Campeões Europeus (tem dez pontos de vantagem em relação ao segundo), o Barcelona actuará na Taça das Taças (venceu o Real Madrid na final) e Valência e Atlético de Madrid disputarão a Taça UEFA.

Resultados globais da jornada: Atlético de Madrid-Logroñes, 3-1; Gijon-Celta, 3-0; Valência-Tenerife, 2-1; Cadiz-Real Sociedad, 1-0; Málaga-Rayo Vallecano, 1-0; Sevilha-Barcelona, 1-1; Atlético de Bilbau-Maiorca, 0-0; Saragoça-Castellon, 3-1; Valladolid-Oviedo, 1-1; Osasuna-Real Madrid, 0-2.

Itália: Taça para «Juve»

Um golo de Roberto Galia, aos 16 minutos, permitiu à Juventus conquistar a Taça de Itália, em futebol, ao vencer o AC Milão, por 1-0, na segunda mão da final.

Este desaire do adversário do Benfica na final da Taça dos Campeões, dia 23 de Maio em Viena, impede-o de fazer o desejado «grande slam», que se traduziria pelo triunfo no Campeonato italiano, Taça de Itália e Taça dos Campeões.

Após ter empatado a zero golos no terreno da Juventus, na partida referente à primeira mão, o Milão partia como natural favorito para o jogo, mas ao longo do encontro raramente conseguiu criar situações de perigo para a equipa onde milita o português Rui Barros, tendo o dianteiro Marco van Basten sido uma sombra de si próprio.

Ao contrário, a Juventus mostrou-se sempre uma equipa mais perigosa, criando lances de apuro por intermédio de Schilacci, no entanto, muito perdulário.

O tento do triunfo da Juventus aconteceu aos 16 minutos graças a uma iniciativa individual do defesa Roberto Galia, que aproveitou uma hesitação da defensiva contrária que parou no terreno alegando eventual deslocação do jogador de Turim.

A perder, os milaneses lançaram-se numa ofensiva desesperada e infrutífera, sempre bem travada pela defesa da Juventus.

Milão: disparo de Galia que deu a taça ao clube de Rui Barros

Rijkaaard: cinco jogos na bancada

Frank Rijkaard, do Milão, foi castigado com cinco jogos de suspensão no Campeonato de futebol da Itália, por insultar o árbitro após o jogo de domingo frente ao Verona, durante o qual foi expulso.

O Tribunal de Disciplina da Federação Italiana suspendeu também outros dois jogadores e o treinador do Milão, pelos protestos contra as decisões do árbitro, Rosário Lo Bello, durante o encontro que o Milão perdeu por 2-1, derrota que significou também para o Milão a quase certa perda do Campeonato italiano.

Marco van Basten foi punido com um jogo de penalização e Costacurta com dois. Quanto ao treinador milanês (Arrigo Sacchi) igualmente expulso no encontro com o Verona, foi castigado com um jogo de suspensão e terá de pagar a multa de 1,5 milhões de liras (187 contos).

Uruguai surpreende a RFA

Várias selecções fizeram ontem jogos de preparação com vista ao Mundial de Itália.

Eis os resultados: Inglaterra, 4-Checoslováquia, 2; Escócia, 0-RDA, 1; RFA, 3-Uruguai, 3; Suécia, 4-País de Gales, 2; Roménia, 4-Israel, 1 e Irlanda, 1-URSS, 0.

Marselha alcança Bordéus

O Marselha alcançou o Bordéus na liderança do Campeonato francês de futebol, apesar de ter empatado fora 0-0 com o Saint-Étienne, em encontro em atraso.

O Marselha, afastado nas meias-finais da Taça dos Campeões Europeus de futebol pelo Benfica, perdeu assim uma oportunidade de isolar-se no topo da tabela.

Taça para o PSV

O guarda-redes internacional holandês Hans van Breukelen defendeu hoje uma grande penalidade no último minuto da final da Taça da Holanda em futebol, permitindo ao PSV ganhar o troféu pela terceira vez consecutiva.

Os campeões holandeses bateram o Vitesse por tangencial 1-0, graças a um golo do defesa Stan Valckx, aos 79 minutos, numa grande penalidade a castigar derrube de Flemming Poulsen.

Goleadores europeus

Hugo Sanchez, do Real Madrid, recuperou o comando da classificação da Bota de Ouro atribuída pelo semanário «France-Football», depois dos dois golos que marcou no domingo. Com estes dois tentos, Hugo Sanchez ultrapassou de novo o austríaco Gerhard Rodax, do Admira Waker, que marcou apenas um golo. O mexicano tem agora 35 golos em 35 jogos, enquanto Rodax marcou 34 golos em 32 jogos.

O terceiro classificado no «France-Football» é Toni Polster (do Sevilha), com 31 golos em 35 jogos da Primeira Divisão espanhola, enquanto o sueco Mats Magnusson, do Benfica, continua em quarto lugar com 30 golos.

O quinto classificado é Jean Pierre Papin, do Marselha, com 28 golos em 33 jornadas.

FIFA reprova árbitros

João Havelange, presidente da Federação Internacional de Futebol (FIFA), lamentou a deficiente preparação física dos árbitros designados para actuar no Mundial de Itália-90. «*Lamentavelmente, metade dos árbitros não reúnem as condições físicas exigidas para um Campeonato do Mundo*«, declarou João Havelange numa conferência de Imprensa efectuada em Assunção, antes de receber uma condecoração da Confederação Sul-Americana.

Segundo um comunicado distribuído pela FIFA, 23 dos 41 árbitros designados para o mundial não ficaram aprovados num teste à sua capacidade de física efectuado em Março último.

Entre os que reprovaram encontram-se Roberto Wright (Brasil), Hernan Silva (Chile) e Carlos Maciel (Paraguai) que terão uma nova oportunidade em Junho próximo.

Segundo Havelange, o êxito do próximo Campeonato do Mundo de futebol dependerá em grande medida da arbitragem, e advertiu que os juízes que não consigam as marcas exigidas na segunda oportunidade serão imediatamente eliminados.

Jogos Desportivos da Cidade

Olivais no topo da escala

Os Jogos Desportivos da Cidade de Lisboa, organizados pelo Pelouro da Desporto da CML com o apoio e colaboração das 53 freguesias do concelho e participados por milhares de jovens em representação de centenas de colectividades, prosseguem com elogiável empenhamento de todos os intervenientes. Esta quarta edição dos Jogos de Lisboa integra oito modalidades sendo o futebol a que conta com maior número de jovens (3455) seguindo-se o basquetebol (853), natação (757), andebol (385), basquetebol (353), ténis de mesa (306), voleibol (157) e xadrez (134).

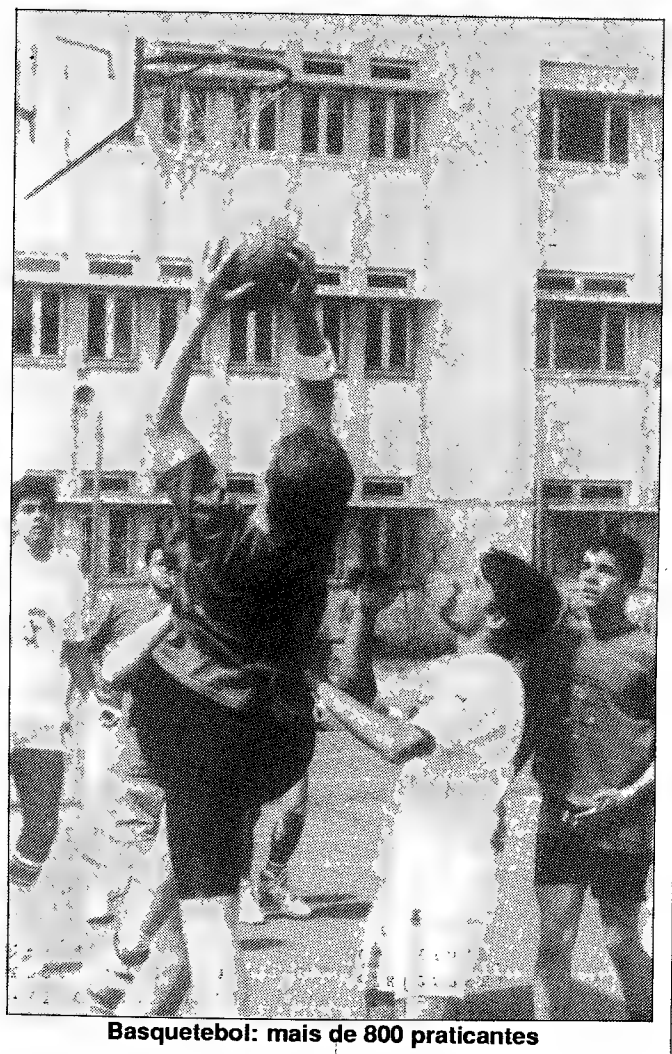
Para além dos jovens, de ambos os sexos e com idades compreendidas entre os 9 e os 16 anos, esta importante manifestação desportiva de raiz popular, movimenta 616 técnicos, 547 delegados e 27 árbitros.

Quanto ao número de freguesias que aderiram, somente as do Castelo e Madalena não marcaram presença e das 51 restantes mais uma vez Santa Maria dos Olivais (812 jovens), Lumiar (581), Benfica (343), Penha de França (344), Marvilaa (300), Santo Condestável (259), Ajuda (249), Campolide (247) e S. Domingos de Benfica (192) são as que registam maior afluência de participantes.

Os Jogos, com jornadas semanais nos diversos recintos onde a prática desportiva se torna possível (e o vereador Rego Mendes — actual responsável pelo Pelouro — já manifestou o seu desencanto pela falta de estruturas desportivas na cidade, tendo prometido avançar com um projecto que visa o alargamento de espaços) vão prosseguir até ao final do mês de Junho, culminando com a realização da Festa do Desporto que, como vem sendo habitual, ocorrerá no Terreiro do Paço com a realização das finais das diversas modalidades e outras actividades.

No passado fim-de-semana, prosseguiram os Jogos com a realização de mais uma jornada de basquetebol, futebol de salão e voleibol. Quanto ao atletismo, andebol, natação, ténis de mesa e xadrez (modalidades que também integram esta importante manifestação desportiva organizada pelo Pelouro de Desporto da CML) irão, este fim-de-semana, ter forte movimentação com o Pavilhão Carlos Lopes a servir de cenário para o andebol, ténis de mesa e andebol; na piscina dos Olivais teremos os «golfinhos» a mostrarem as suas aptidões e o basquetebol, futebol de salão e voleibol a ser exibido nos recintos da Verbena (Castelo), polidesportivo do Campo Pequeno, Lumiar, S. João de Brito, Escola Sec. Marquês de Pombal, Escola Sec. Gil Vicente, Esc. Sec. Francisco Arruda entre outros. Será mais uma semana, em que estarão a evoluir milhares de jovens mobilizados pelo empenhamento da totalidade das juntas de freguesia (as excepções são a Madalena e o Castelo) com o apoio de centenas de colectividades de desporto e recreio espalhadas por toda a cidade de Lisboa.

No passado fim-de-semana, os destaques vão para as excelentes exibições (com resultados ajustados) das basquetebolistas do Globetretas e dos miúdos do Liceu Maria Amália, enquanto no voleibol o realce pertenceu aos rapazes do Liceu Pedro Nunes, Liceu Francês, Escola Ralis e Bairro de Inglaterra. No que respeita ao futebol, merecem «chapelada» as garotas do Real Clube Chapeleiro e do CAR Encarnação e forte vénia as goleadas impostas pelos «putos» do Liceu Francês, GS Adicense, Alunos Esperança, Diabos da Sé, G. Sempre Unidos, Águias do Aeroporto, TRJ Chelense, GD Alfamados, Chapins, Betinhos, Os Cartaxanas, GD Graça e Cruzeirense. Menção honrosa para os triunfos do SC Intendente, Águias da Luz, Juv. Belém, GD Graça, C. Cruzeirense, GD Alto Pina, Bairro S. Mateus, Juv. Santa Engrácia, Clube da Luz e GS Adicense.



Basquetebol: mais de 800 praticantes

Ciclismo: Volta ao Algarve

Delmino domina o «corridinho»

O espanhol Manuel Martinez, da Festina/Lotus, ganhou ligeiramente destacado a quarta etapa da Volta do Algarve, que continua a ser liderada por Delmino Pereira, do Recer/Boavista.

Manuel Martinez cumpriu os 223 quilómetros entre Odemira e Vila do Bispo, em 5 horas, 46 minutos e 13 segundos, à média horária de 38,223 quilómetros, cortando a meta com 13 segundos de vantagem sobre Jorge Henriques, da Alguerra/Camponauto e do espanhol Francisco Espinosa, da Seur, segundo e terceiro classificados, respectivamente.

O camisola amarela, Delmino Pereira, cortou a linha de chegada integrado no pelotão, creditado com mais 17 segundos que o vencedor da tirada, a mais longa da prova.

A etapa foi alvo de duas neutralizações, em São Marcos da Serra e Silves, ambas devido a passagens de nível fechadas, e ficou marcada por várias tentativas de fuga, mas a equipa do Boavista defendeu com acerto o camisola amarela, beneficiando das paragens.

A quinta etapa, considerada a «rainha» da prova, corre-se hoje, entre Sagres e Fóia, na distância de 155 quilómetros, contando com três contagens para o Prémio da Montanha, a primeira no Espinhaço de Cão (terceira categoria), a segunda em Marmelete (segunda) e a última coincidente com a meta, na Fóia, de primeira categoria.

Classificação geral da volta, após a quarta etapa: 1.º, Delmino Pereira, Recer-Boavista, 14.52,52 horas; 2.º, Manuel Martinez, Festina-Lotus, 14.53,17; 3.º, Pedro Silva, Recer-Boavista, 14.53,19; 4.º, Carlos Marta, Orima-Cantanhede, m.t.; 5.º, Jorge Henriques, Alguerra-Camponauto, 14.53,20.

Camisola Azul: José Dias, Alguerra-Camponauto, 25 pontos; Camisola Verde: Pedro Silva, Recer-Boavista, 36; Camisola Rosa: Fernando Valente, Ruquita-Philips-Feirense, 7.

Classificação geral por equipas: 1.º, Recer/Boavista, 44.39,35 horas; 2.º, Ruquita/Philips/Feirense, 44.39,40.

Volta a Espanha

O soviético Viktor Klimov é o camisola amarela da Volta a Espanha em bicicleta, cumprido o segundo sector da segunda etapa da prova, corrido em contra-relógio por equipas de 36,3 quilómetros, entre Benicasim e Burriana.

Delmino Pereira comanda o pelotão da Volta ao Algarve

Klimov comanda com o tempo de 2.48,01 horas, seguido do italiano Stefanini Cecini, a 16 segundos, e do polaco Marek Kulas, a 17 segundos.

O ciclista da Sicasal, Manuel de Abreu, foi o melhor português da primeira parte da etapa, corrida entre Oropesa e Castellon, numa distância de 108 quilómetros, enquanto Jorge Silva, na 19.ª posição, cotou-se como o segundo melhor corredor da equipa lusa.

Manuel Abreu terminou na 15.ª posição, com mais 8.06 minutos que o vencedor, o espanhol Emilio Quadrado, que gastou o tempo de 2.34,04 para cumprir a distância. Jorge Silva completou a distância com o tempo de Manuel Abreu.

O soviético Klimov conquistou na tirada da manhã a liderança na Vuelta, terminando integrado num grupo de três fugitivos que iniciou uma longa fuga quando estavam apenas decorridos 38 quilómetros.

Apesar do forte ataque do ex-camisola amarela nos últimos quilómetros, o espanhol Pedro Ruiz Cabrestani, o grupo de fugitivos chegou a ter uma vantagem de 10 minutos a 16 quilómetros da meta sobre o pelotão, terminando a tirada com um confortável avanço de oito minutos sobre os restantes corredores.

No contra-relógio da tarde, Klimov, ajudado pela sua equipa, Alfa Lum, suportou a réplica das restantes formações, e apesar de terem terminado a 34 segundos da Lotus (Espanha), equipa vencedora do contra-relógio, o ciclista soviético manteve o comando.

A Lotus gastou o tempo de 42 minutos e 23 segundos para cumprir a distância do contra-relógio, e os portugueses da Sicasal terminaram na 19.ª posição, com mais 1,39 minutos que os primeiros.

Andebol

Disputa a dois

Aproveitando o feriado nacional, realizou-se ontem a 2.ª jornada da fase final do nacional da 1.ª Divisão (seniores masculinos) que proporcionou os seguintes desfechos: Sporting, 26 - ABC, 19; Boavista, 24 - Benfica, 25; FC Porto, 27 - Vit. Setúbal, 23; Académica, 17 - Belenenses, 10.

Preponderância, pois, dos emblemas que actuaram na situação de visitados, com a obtenção de três triunfos. Assim, vitórias esperadas de portistas sobre os sadinos, dos estudantes perante os homens da Cruz de Cristo e dos «leões» sobre os bracarenses, com a diferença de golos no último caso a cifrar-se em desnível não esperado.

Excepção que confirmou a regra foi o Benfica, único vencedor em recinto alheio. Contudo, não se pense que os actuais campeões nacionais tiveram tarefa fácil, antes pelo contrário. Os axadrezados comandaram o marcador durante quase toda a partida, chegando mesmo a ter 5 tentos de vantagem sobre a formação rubra. Com 13-12, no «placard», ao intervalo, para o Boavista, só a maior maturidade e espírito de conquista dos comandados de Troffin lhes permitiu não sofrerem qualquer percalço na luta ombro a ombro que travam com o FC Porto pelo título máximo. Apenas uma achega para recordar que na fase inicial os encarnados tinham sentido igualmente dificuldades no Garcia da Horta, onde venceram por 22-20.

Na sequência destes resultados, cada vez mais se perfila o duelo Porto/Benfica na questão da atribuição do título de campeão nacional. De realçar o isolamento do Sporting na 3.ª posição, por troca exactamente com o ABC, seu adversário de ontem. Apesar disso, a diferença pontual já não lhe permite acalentar qualquer esperança. Mas vejamos como ficou escalonada a tabela classificativa» 1.º FC Porto, 38 pontos; 2.º Benfica, 36; 3.º Sporting, 30; 4.ºs ABC e Académica, 29; 6.º Vit. SetúbaL, 27; 7.º Belenenses e 8.º Boavista, 22.

Para o próximo fim-de-semana, está agendada a ronda n.º 3, cujo programa completo é o seguinte: Vitória de Setúbal-Boavista, Benfica-Académica, ABC-FC Porto e Belenenses-Sporting. Maior expectativa incidirá, certamente, sobre a partida de Braga, com os benfiquistas à espera duma escorregadela dos «dragões». Atenção especial, ainda, para um dos clássicos do nosso andebol, que subirá ao palco no Restelo.

Femininos: Taça para as estudantes de Gaia

O Colégio de Gaia conquistou ontem a Taça de Portugal, ao bater na final o Paço de Arcos, por 19-12, em encontro disputado no pavilhão da Anadia. As gaienses, que já venciam ao intervalo por 10-9, tiveram na sua atleta búlgara Litova um trunfo importante no êxito alcançado.

Jorge Marques

Hóquei em patins

«Dragões»: tudo sobre rodas

Quando restam quatro jornadas para o termo do campeonato nacional, Porto e Benfica continuam na luta pelo título já que o Óquei de Barcelos, ao ceder um empate no seu recinto frente ao Sporting, parece colocado fora da corrida. Naturalmente que os «dragões» reúnem favoritismo, porque possuem melhor equipa do que o seu opositor lisboeta, pelo que se afigura pouco crível que venham a ser supreendidos em qualquer dos encontros que lhe restam e ainda porque contam com mais um ponto na tabela classificativa. Vejamos os resultados da ronda, a classificação e o «programa» para a jornada que se seguirá no próximo sábado: **Resultados da 22.ª jornada:** Paço de Arcos-Sanjoanense, 4-5; Óquei de Barcelos-Sporting, 4-4; Académica de Coimbra-Benfica, 3-5; Oliveirense-Sporting de Tomar, 4-1; Grundig-Valongo, 2-3; Turquel-FC Porto, 0-6; Parede-Quimigal, 5-7.

Classificação:

	V	V	E	D	P
FC PORTO	22	20	0	2	62
Benfica	22	19	1	2	61
Barcelos	22	18	2	2	60
Sanjoanense	22	14	0	8	50
Sporting	22	12	3	7	49
Paço de Arcos	22	11	2	9	46
Oliveirense	22	10	4	8	46
Turquel	22	9	1	12	41
Académica	22	7	2	13	38
Valongo	22	6	4	12	36
Grundig	22	6	1	15	35
Quimigal	22	6	1	15	35
Tomar	22	3	0	19	28
Parede	22	2	1	19	27

Próxima jornada (sábado): Quimigal-Paço de Arcos (na primeira volta 4-4); Sanjoanense-Barcelos (4-8); Sporting-Académica (8-4); Benfica-Oliveirense (5-3); Tomar-Grundig (5-2); Valongo-Turquel (7-6) e FC Porto-Parede (5-4).

Taça de Portugal

Os dezasseis avos da Taça de Portugal disputam-se no próximo dia 5 de Maio tendo o sorteio ditado os seguintes confrontos: Paço de Rei-Sanjoanense, Carvalhos-Infante de Sagres, Gulpilhares-Académico, Juventude de Viana-Oliveirense, FC Porto-Famalicense, Cucujães-Barcelos, «Os Tigres»-Académica, Óquei de Leiria-Santa Cita, Empregados de Comércio-Turquel, Física-Alenquer, Seixal-Campo de Ourique, Cascais-Parede, Portossantense-Benfica, Lagos Diana-Paço de Arcos, Amadora-Sesimbra e Estremoz-Sporting.

QUINZENA DE PERFUME
e COSMÉTICA
(de 2 a 15 de Maio)

As mais famosas marcas de perfume e cosmética para senhora e cavalheiro, vão estar presentes, durante quinze dias, naquela que será a mais inebriante, perfumada e concorrida Quinzena. A preços tentadores, com ofertas e promoções especiais, Você pode aproveitar para conhecer a linha de tratamento, o perfume ou a água de colónia que melhor serve a sua pele. Especialistas na matéria vão ajudar cada cliente Lanalgo com a experiência de muitos anos. Descubra o aroma que combina com a sua personalidade. Deixe-se seduzir pela sensualidade de um perfume e entregue-se à tentação eterna do corpo onde mil fragâncias lembram a Primavera.

LANALGO
porque a mulher é eterna e você também.

esfera

I Série N.º 96
Dia 26 de Abril

DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Ministérios das Finanças e da Justiça

Portaria n.º n.º 313/90:
Altera o quadro de pessoal da Direcção-Geral dos Serviços Judiciários, do Ministério da Justiça.

Portaria n.º 314/90:
Altera a composição do quadro de pessoal dos Serviços do Ministério Público da Comarca de Aveiro.

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

Decreto-Lei n.º 137/90:
Permite a alienação ou cedência de estruturas pertencentes ao IROMA e afectas à comercialização de produtos agro-pecuários.

Portaria n.º 315/90:
Regulamenta as actividades de pesca intermediária, nomeadamente a de captura de espécies para utilização como isco vivo.

Ministério do Ambiente e Recursos Naturais

Decreto-Lei n.º 138/90:
Obriga que os bens destinados à venda a retalho exibam o respectivo preço de venda ao consumidor.

PESSOAS & FACTOS

Electrodomésticos Whirlpool surgem no mercado português

Os electrodomésticos da marca Whirlpool, de tipo americano, foram agora lançados no mercado português, informou o director-geral da «Irenda», Alberto Feliciano.

A «Irenda» - Indústrias de Grandes Electrodomésticos, Lda. é uma filial da Whirlpool International B.V., surgida, no ano passado, da associação do sector de grandes electrodomésticos da «Philips» com a «Whirlpool Corporation», líder do mercado americano destes produtos.

O lançamento dum total de onze produtos, incluindo os grandes electrodomésticos, foi motivo de uma reunião no dia 17 no Estoril e outra a 19, em Espinho, respectivamente, com os revendedores da zonas Sul e Norte.Na oportunidade , Alberto Feliciano pôs em detaque a participação dos revendedores no esforço que levou a «Irenda» à liderança do mercado em vários produtos incluindo, a partir de agora, as máquinas de lavar louça.

«Semana da Moda» promovida pela Gertal

Dois desfiles de moda, patrocinadas pela Gertal, proporcionaram aos trabalhadores das empresas, Renault e CTT, um almoço diferente - Gastronomia e Moda - , a assinalar a chegada da Primavera e das propostas da estilista Rosebel, para a nova estação.

Líder no mercado de restauração colectiva, a Gertal é responsável pelos restaurantes de 250 empresas em todo o País, com especial incidência nas cidades de Lisboa e Porto.

Fundada há 13 anos, a Gertral tem, actualmente, 2000 trabalhadores, atingindo uma facturação anual de cinco milhões de contos e servindo mais de 15 milhões de refeições por ano.

Depois de lançar as semanas temáticas de gastronomia - Brasil, Espanha, Lisboa e Mar - a Gertal alarga agora a animação nos seus restaurantes a outros temas, como forma de melhor aproveitar o intervalo do almoço e ficar a par das últimas novidades que a lei da moda dita.

«O Pátio»: novo espaço para tomar o seu chá

Para os bons apreciadores do tradicional 'afternoon tea', o Meridien Lisboa abriu recentemente «O Pátio», que proporcionará a todos os seus utentes, já nesta Primavera, um local agradável num ambiente refrescante em jardim interior com decoração leve e acolhedora.

AGENDA

O ESTADO DO TEMPO

HOJE

CONTINENTE

Em todo o teritório: - Céu pouco nublado ou limpo, podendo apresentar-se temporariamente muito nublado durante a tarde. Vento Nordeste fraco a moderado. Pequena subida da temperatura.

Mar encrespado a de pequena vaga com ondulação Noroeste de 2 metros na Costa Ocidental e mar encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

Amanhã:
Céu limpo ou pouco nublado, podendo apresentar períodos de muito nublado na região Sul. Vento Leste fraco a moderado.

Depois de amanhã:
Céu pouco nublado, alternando com períodos de muito nublado. Vento fraco. Aguaceiros dispersos a Sul do sistema Montejunto-Estrela onde poderão ocorrer trovoadas.

AÇORES

Grupo Ocidental:
Céu geralmente muito nublado e vento Sul fraco a moderado.

Grupo Central:
Céu com períodos de muito nublado e vento Nordeste fraco a moderado.

Grupo Oriental: Céu geralmente muito nublado e vento Norte moderado. Possibilidade de aguaceiros fracos.*

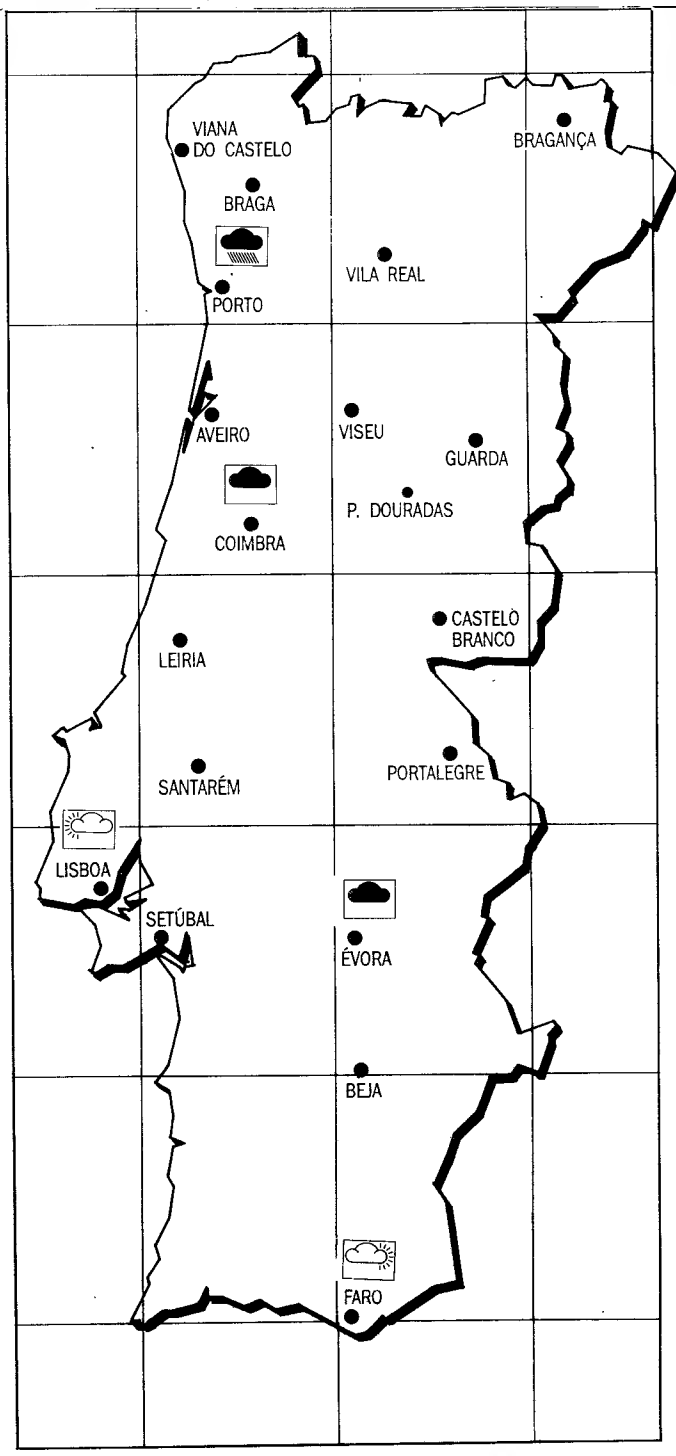
MADEIRA

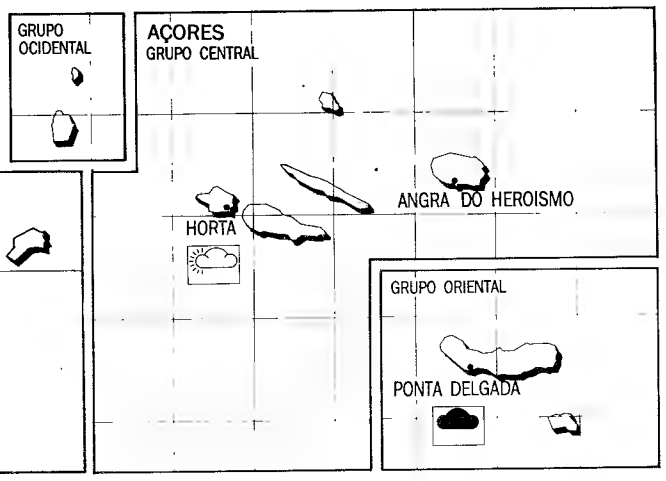
Céu com períodos de muito nublado e vento Norte moderado. Aguaceiros.

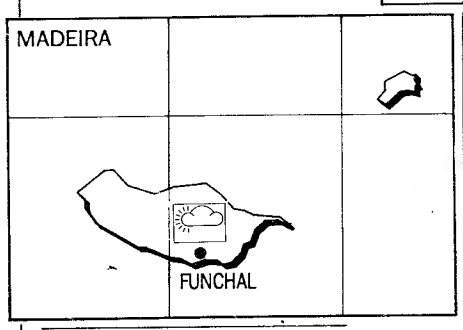
Mar cavado com ondulação Norte de 2 metros na Costa Norte e mar encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

No Funchal: - Céu geralmente pouco nublado e vento em geral fraco.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofisica







Céu limpo
Céu pouco nublado
Céu muito nublado
Chuva
Trovoada
Neve
Vento
Mar calmo
Mar encrespado

MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
04.36	3,9m	10.16	0,3m
16.57	4,0m	22.4	0,3m

Amanhã

05.23	3,9m	10.59	0,4m
17.4 3	3,9m	23.28	0,4m

PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Bragança	4	4	Limpo
V. Castelo	11	11	P. nub.
Vila Real	5	5	P. nub.
Porto	11	12	M. nub.
P. Douradas	-	-	-
Coimbra	10	12	M. nub.
C. Carvoeiro	11	11	P. nub.
C. Branco	7	7	Neblina
Portalegre	-	-	-
Lisboa	10	10	P. nub.
Évora	8	9	Aguaceiros
Sines	-	-	-
Beja	8	8	M. nub.
Faro	10	11	P. nub.
Sagres	8	9	P. nub.
P. Delgada	12	13	M. nub.
Horta	12	12	P. nub.
Funchal	13	14	P. nub.

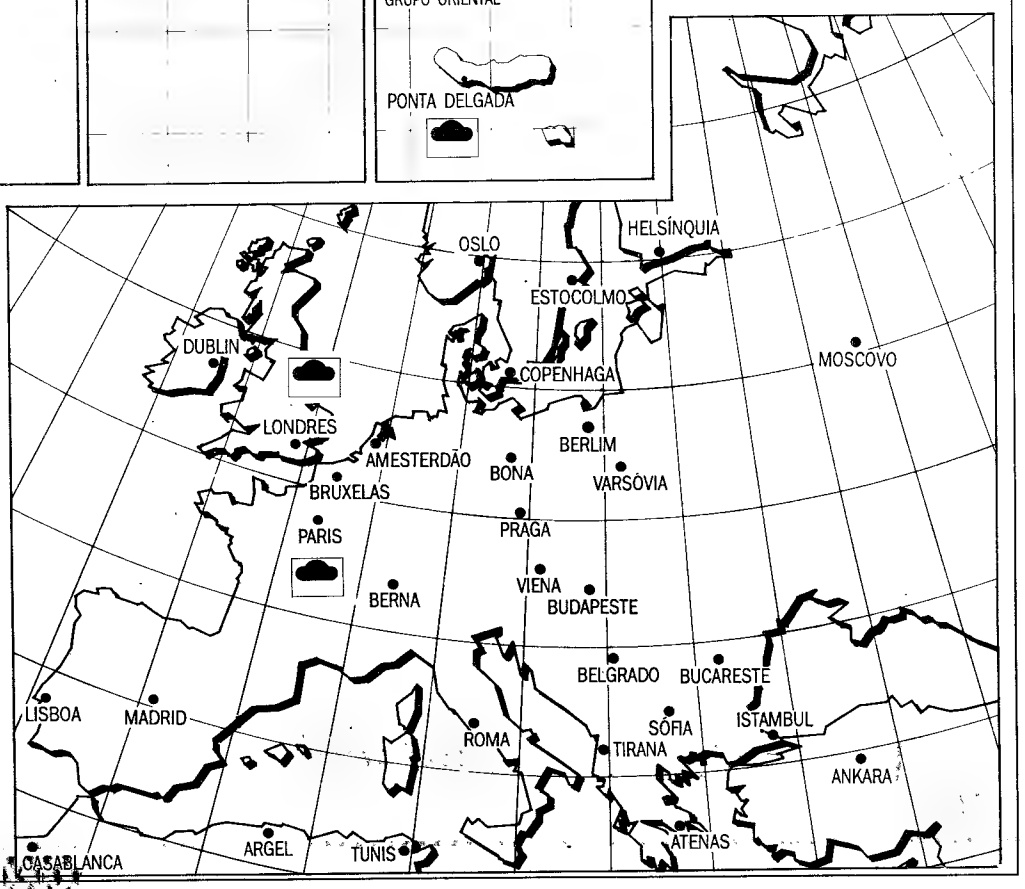
Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 22; Porto, 22; Faro, 20; P. Delgada, 17; Funchal, 18.

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid	6	7	Neblina
Londres	8	8	Bruma
Paris	-	-	-
Bruxelas	4	5	Neblina
Amesterdão	5	9	Neblina
Genebra	4	8	M. nub.
Roma	8	10	Limpo
Oslo	5	8	Encoberto
Copenhaga	8	10	Limpo
Estocolmo	2	8	Limpo
Berlim	5	7	Neblina
Viena	9	10	Aguaceiros
Varsóvia	7	9	M. nub.
Atenas	17	18	M. nub.
Moscovo	4	10	P. nub.

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago	18	24	Aguaceiros
Houston	18	26	Trovoada
Los Angeles	13	25	Limpo
Montreal	11	22	Limpo
Nova Iorque	14	28	Limpo
S. Francisco	11	21	Limpo
Toronto	15	29	Limpo
Vancover	6	13	Neblina
Washington	13	29	Limpo
Hong Kong	15	22	Chuva
Melbourne	14	21	Aguaceiros
Pequim	13	21	Limpo
Perth	10	21	Aguaceiros
Singapura	27	33	Trovoada
Sydney	15	27	Aguaceiros
Tóquio	12	20	Limpo
Wellington	10	17	Aguaceiros



AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

SERVIÇO PERMANENTE

Alfama - Escolas Gerais: Anunciada, Rua do Vigário, 72-74, Tel. 866360; **Alto São João:** Nova Luz, Rua D. Domingos Jardo, 28-A, Tel. 8143439; **Alvalade:** Alentejo, Av. da Igreja, 28-B, Tel. 892682; **Av. República:** Cardote, Av. Visconde Valmor, 28 A-B-C, Tel. 772291; **Baixa - Coliseu:** Centro Farmacêutico, Rua Portas Santo Antão, 88, Tel. 321211; **Beneficência - Sete Rios:** Laranjeiras, Rua Filipe da Mata, 160-162, Tel. 7261035; **Cemitério Ingleses:** Urbano Freitas, Rua Silva Carvalho, 1-5, Tel. 662838; **Chile - Anjos:** Pereira Pinto, Av. Almirante Reis, 121-B, Tel. 545751; **Lumiar:** Central Lumiar, Alameda das Linhas de Torres, 254-B, Tel. 7588063; **Olivais Sul:** Marta, Rua Cidade Nampula - Ed. Paris, Lote 534, Tel. 333696; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140 B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Santo Amaro - Calvário:** Lisbonense, Rua Leão de Oliveira, 2-B, Tel. 3637020; **Carnaxide:** Central Carnaxide, Av. Portugal, 16-B, Tel. 4184913; **Moscavide:** Santa Bárbara, Rua Francisco M. Beato, 75-A, Tel. 2518918; **Odivelas - Patameiras:** Amaral, Rua Antero Quental, 8, 8-A, Tel. 9325455; **Pontinha:** Leitão Ribeiro, Rua A do Falcão, 3-A, Tel. 993912.

REFORÇO

Ajuda: Moura, Travessa da Memória, 55, Tel. 3630944; **Alameda D. Afonso Henriques:** Esperança, Rua Carlos Mardel, 101-B, Tel. 882968; **Alcântara:** Vieira Rosa, Rua Prior Crato, 72, Tel. 660187; **Benfica - Estação - Uruguai:** Santa Cruz, Av. Gomes Pereira, 34-B, Tel. 704828; **Cais Sodré:** Ultramarina, Rua São Paulo, 99-101, Tel. 321771; **Campo Grande:** Nova Iorque, Av. Estados Unidos América, 140-B, Tel. 732009; **Campolide:** Oliveira, Rua de Campolide, 54-A, Tel. 684424; **Cortes - Rato:** Castro Suc., Rua São Bento, 199-A, Tel. 660513; **Encarnação:** Ascenso, Praça do Norte, 11-A, Tel. 311216; **Graça:** Monte, Rua Senhora do Monte, 30 A-B, Tel. 867842; **Marvila:** Freitas, Rua Vale Formoso de Baixo, 23-A, Tel. 381136; **São Sebastião:** Novais, Av. Luís Bivar, 11-13, Tel. 544324; **Brandoa - Amadora:** Brito, Rua 25 de Abril, Lote 32-B, Tel. 995338; **Buraca - Amadora:** Vaz Martins, Praceta Fernando Pessoa, Loja E - 36-B, Tel. 970660; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA DE CASCAIS

Algés: Branco, Av. Comb. G. Guerra, 29, Tel. 2104953. Permanente; **Linda-a-Velha:** Melo Almeida, R. D. Diogo Couto, Lote 182, Tel. 4191697. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Vilar, Av. M.ª Conceição, Lote-B, Tel. 2470777. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras:** Mourão Vaz, R. Moçambique, 18, Tel. 4437196. Permanente; **Parede:** Grincho, Av. República, 87-A, Tel. 2471204. Permanente; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Estoril:** Marques Santos, R. Ferreira J.A., 15, Tel. 260116. Até às 22 h; **Cascais:** Marginal, Av. Marginal, Tel. 280078. Permanente.

LINHA DE SINTRA

Amadora: Cavaca, R. Elias Garcia, 209, Tel. 4930019. Até às 22 h; **Damaia:** Nova, R. Elias Garcia, 10, Tel. 972530. Permanente; Confiança, R. Bartolomeu Dias, Lote D, Tel. 971023. Permanente; **Queluz:** André, Av. Elias Garcia, 151, Tel. 4350043. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Silva Duarte, R. Elias Garcia, 167, Tel. 9248120. Permanente; **Algueirão:** Vítor Manuel, Est. Algueirão, 123, Tel. 9217814. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rio de Mouro:** Riomouro, Av. Óscar Monteiro Torres, 6, Tel. 9260194. Até às 22 h; **Sintra:** Teresa Garcia, L. D. Afonso, 3-A, Tel. 9232747. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Saraiva, Av. República, 86, Tel. 9830027. Até às 22 h.

OUTRA BANDA

Almada: Silva Júnior, Av. 25 Abril, 9, Tel. 2768030. Permanente; **Cova da Piedade:** Atlântico, Av. Rainha D. Leonor, 45-A, Tel. 2764466. Permanente; **Monte de Caparica:** Guerreiro, Lote 31, IJ, Moinho, Tel. 2950727. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Carlos, Av. Mar, 34-A, Tel. 2901060. Até às 19 h; **Feijó:** Tovar Chaves, R. Dr. Ant.º Elvas, 104-D, Tel. 2296119. Até às 22 h; **Lavradio:** Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A, Tel. 2042016. Até às 19 h; **Sesimbra:** Lopes, R. Cândido Reis, 21, Tel. 2233028. Até às 19 h; **Barreiro:** Pimenta, R. Cons.º Joaq. Ant.º Aguiar, 259, Tel. 2073012. Permanente; **Baixa da Banheira:** Cardoso, R. Liberdade, 59, Tel. 2041044. Até às 19 h; **Corroios:** Bento Lino, Est. Vale Milhaços, Tel. 253260. Até às 19 h; Até às 19 h; **Amora:** Matos Lopes, R. 1.º Maio, Lote 401, Tel. 2216355. Permanente; **Seixal:** Central, Est. Nacional, 9, Tel. 2210365. Aldeia Paio Pires; **Montijo:** Giraldes, R. Almirante Reis, 45, Tel. 2310008.

MÉDICO DE URGÊNCIA

795 06 80/9

HÁ 20 ANOS

Cidade reocupada no Camboja

Soldados paraquedistas cambojanos recapturaram hoje a cidade estratégica de Angtasom, depois de quatro dias de luta - anunciou em Phnom Penh um informador militar. Entretanto, forças vietcongs continuam a ocupar a capital do distrito de Tani, situada a vários quilómetros a sul de Angtasom. O informador militar acrescentou que os soldados cambojanos estão a limpar a área em volta da cidade tomada, localizada 70 quilómetros a sul de Phnom Penh.

Ameaçado de rapto o filho de Margarida

«O meio» londrino quer raptar hoje lorde Kinley, filho da princesa Margarida e de "lord" Snowdon - e a Scotland Yard tomou medidas especiais para proteger o sobrinho da raínha Isabel, diz esta manhã o "Sunday Telegraph". Segundo o jornal, a Polícia teria recebido informações indicando a existência de um projecto de rapto, para trocar o jovem "lord" por dois criminosos que cumprem longas penas de prisão. O filho da princesa Margarida está internado numa escola de Sussex e será portanto à volta do internato que mais se fará sentir a vigilância policial.

Morreu Cunha Leal

Faleceu esta tarde o engº. Cunha Leal. Desaparece uma das personalidades de mais relevo na vida pública portuguesa no último meio século e em particular no período que se seguiu ao sidonismo. Era o último dos homens públicos que foram presidentes do Governo antes de 1928, e também um dos últimos ministros anteriores ao 28 de Maio.

EFEMÉRIDES

1975

• O Partido Socialista Português obtém a maioria de votos e deputados (116) nas eleições para a Assembleia Constituinte, as primeiras realizadas em liberdade, em Portugal, em quase meio século. O PPD consegue 81 deputados, o PCP 30 e o CDS 16.

1976

• O PS vence as eleições para a Assembleia da República, conquistando 107 lugares do Parlamento português. O PPD consegue 73, o CDS 42 e o PCP 40.

1986

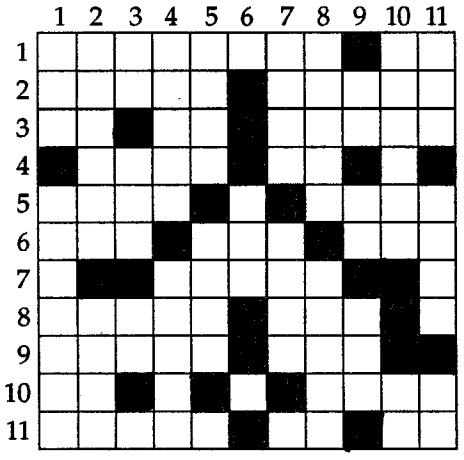
• O filme «Um Adeus Português», de João Botelho, conquista o Grande Prémio de cinema e televisão de Salsomagiore, em Itália.

• Um incêndio no reactor quatro da central nuclear de Chernobyl, na União Soviética, mata, segundo números oficiais, 31 pessoas, fere mais de 200 e obriga à evacuação de cerca de 135 mil residentes na área. O sinistro, considerado como o mais grave desastre nuclear da História, provocou uma série de explosões que espalharam radiações por grande parte da Europa e outras regiões. As autoridades soviéticas atribuíram as causas do desastre a factores humanos.

1989

• Cerca de 20 000 soldados de um corpo de elite do exército chinês são colocados de prevenção em Pequim para a eventualidade de confrontos entre manifestantes estudantis e as forças da segurança.

PALAVRAS CRUZADAS



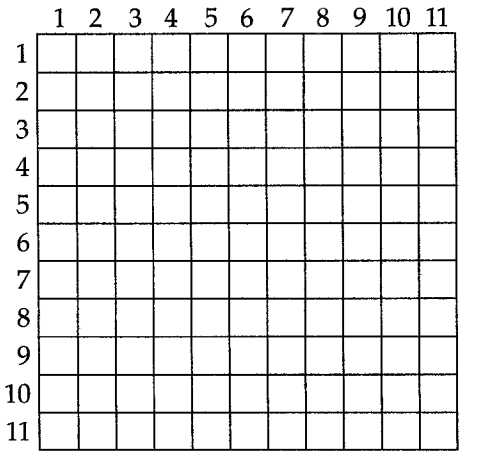
PROBLEMA N.º 17906

HORIZONTAIS:

1 - Cabelo raro e curto (pl.). Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor).
2 - História. Rebolei.
3 - Nome de letra. Arsénio (s.q.). Freguesia do concelho de Guimarães.
4 - Irmão. Solitário.
5 - Madeiro grosso para construções. Artigo definido. Rarera.
6 - Artilharia antiaérea. Costume. Ente.
7 - Variedade de quartzo que apresenta lindas faixas coloridas.
8 - Esculca Antiga capital da Birmânia.
9 - Derribar (fig.). Curso de água natural e abundante (inv.).
10 - Espera resposta. Nome de mulher.
11 - Grande sala. Centiare. Alumínio (s.q.).

VERTICAIS:

1 - Inventa. Figura das cartas de jogar.
2 - Astenia. Cura.
3 - Batráquio. Nome de letra. Plural.
4 - Espécie de forragem (Bras.). Gemera.
5 - Pronome demonstrativo. Joeirar.
6 - Sufixo que designa abundância. Artigo definido.
7 - Lavras. Imperador romano.
8 - Irmã. Previne.
9 - O lado do vento. Pertences. Arara.
10 - Professor. Rádio (s.q.).
11 - Esteiro. Apre. O mais.



PROBLEMA N.º 16716

HORIZONTAIS:

1 - Antiga cidade da Frígia, na Ásia Menor destruída por um terramoto no século I. Apelido.
2 - Satélite de Júpiter. Árvores de flores róseas que aparecem antes das folhas, na Primavera.
3 - Pátria. Rebaixas.
4 - O céu (fig). Anel.
5 - Punhado. Deus dos pastores.
6 - Palácio real do sultão na antiga Turquia.
7 - Ondas curtas Feixe de luz do Sol.
8 - Verbal. Cantiga para acalentar.
9 - Para barlavento. Freguesia do concelho de Montalegre.
10 - Verso. Homem indolente, calaceiro. Basta!
11 - Sufixo que designa estado. Arara. Árvore do Brasil de cuja casca se extrai o curare.

VERTICAIS:

1 - Célebre navegador que descobriu a América. Freguesia do concelho de Oliveira do Hospital.
2 - Fileira. Moeda Asiática.
3 - Nome de flores. Letra grega.
4 - O sono das crianças. Estava. Aqui.
5 - Preparar.
6 - Bato a massa. Reis. Nota musical.
7 - Naquele tempo. Moeda antiga de prata, que valia 320 reis.
8 - Chiste Dispôs em linha recta.
9 - Sufixo que designa pequenez. Cidade dos Países Baixos.
10 - Rio da França e da Alemanha. O mesmo que até.
11 - Esmonca. Curai.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17 905

HORIZONTAIS: 1 - Acama. Laças. 2 - Toca. A. Sari. 3 - Arama. MORTE. 4 - Tal. 5 - Fará. Sala. 6 - Cor. Mac. Ari. 7 - Ri. Porás. Ag. 8 - A. Vãs. Ras. 9 - Sair. Boca. 10 - TODOS. Renal. 11 - Osa. Amorosa.
VERTICAIS: 1 - Atar. Castro. 2 - Cor. Foi. Aos. 3 - Acatar. Vida. 4 - Mamar. Paro. 5 - Álamos. Sa. 6 - Ar. 7 - Mascar. Ro. 8 - Aso. Saber. 9 - Carola. Sono. 10 - Art. Ara. Cãs. 11 - Sies. IGUALA.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16715

HORIZONTAIS: 1 - Gebelim. Pré. 2 - Eles. Mortal. 3 - Eva. Ápia. Si. 4 - Latinos. Opa. 5 - Osaca. As. 6 - Sasão. Ar. 7 - Ge. Tristes. 8 - Roçadas. Mu. 9 - Ura. CI. Suor. 10 - Rói. Ilo. SSA. 11 - Ásola. Gee.
VERTICAIS: 1 - Geelong. Ura. 2 - Elvas. Erros. 3 - Beatas. Oaio. 4 - És. Iça. 5 - Anastácia. 6 - Impo. Ardil. 7 - Móis. Oiã. Og. 8 - Rã. SSS. 9 - Pt. AT. Use. 10 - Rasparemos. 11 - Elias. Suras.

PROVÉRBIO: A MORTE A TODOS IGUALA

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1
Av. Almirante Gago Coutinh - T. 806496
A ÚLTIMA SAÍDA PARA BROOKLYN
Filme de Uli Edel
M/18 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2
MISS DAISY
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4
OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
M/12 anos - Às 14.15, 16.15, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5
NASCIDO A 4 DE JULHO
M/16 anos - Às 13.30, 16.15, 19.00, 21.45 e 00.30

ALFA CLUBE
Av. Almirante Gago Coutinh - T. 806496
UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa - T. 691275
A ÚLTIMA SAÍDA PARA BROOKLYN
M/18 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.30, e 24.00

AMOREIRAS 2
MISS DAISY
M/12 anos - Às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 3
UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4
NASCIDO A 4 DE JULHO
M/16 anos - Às 13.30, 16.15, 19.00, 21.45 e 00.30

AMOREIRAS 5
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
M/12 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 6
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 7
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
M/6 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8
OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9
A GUERRA DAS ROSAS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 10
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10 - T. 776098
A ÚLTIMA SAÍDA PARA BROOKLYN
M/18 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.30

CAPITÓLIO
Parque Mayer
SEXO EM ALTA ESCALA
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15 - T. 324194
A PANTERA ATACA
Filme de Pao Hsueh - Li
M/18 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30 19.00 e 21.30
MISSÃO DE ALTO RISCO
M/18 anos - Às 24.00

CINE PORTELA ESTÚDIO ANUSHA
T. 9434762
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA
A GUERRA DAS DROGAS
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
SEXO À FRANCESA
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085

O MEU PÉ ESQUERDO
Em exibição Quarteto Sala 1 — Qualidade — PUB — Maiores 12 anos

CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
CAMPO DE SONHOS
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

FONTE NOVA 1
Est. de Benfica 503 - T. 7145088
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 14.30, 16.45 19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2
BLAZE - UM AMOR PROIBIDO
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
A ÚLTIMA SAÍDA PARA BROOKLYN
M/18 anos - Às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037

KING GEMINI
R. Sousa Lopes - T. 8480808
LAMBADA - A DANÇA PROIBIDA
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING TRIPLEX 1
R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
CAMPO DE SONHOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

KING TRIPLEX 2
BLAZE - UM AMOR PROIBIDO
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 3
TEMPO DE GLÓRIA
M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162
BLAZE - UM AMOR PROIBIDO
M/12 anos - às 15.15, 18.30 e 21.30

LAS VEGAS 2
DEMÓNIO DE SAIAS
M/12 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES
Av. de Roma, 7-A - T. 801313
A GUERRA DAS ROSAS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão - T. 538743
A ÚLTIMA SAÍDA PARA BROOKLYN
M/18 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 2
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

MUNDIAL 3
UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
LUA-DE-MEL ATRIBULADA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ODEON
R. dos Condes, 4 - T. 326283
CAÇADOR DE CONDENADOS
M/16 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

OLIMPIA
Rua dos Condes, 13 - T. 325309
RATA BORRALHEIRA
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
CINEMA PARAÍSO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45

PLAZA 2
DEMÓNIO DE SAIAS
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA
R. Portas de St.º Antão - T. 326305
DRAGÕES PARA SEMPRE
Filme de Samo Hung
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16 - T. 771378

«Campo de Sonhos», de Phil Alden Robinson

O PLANETA PROIBIDO
De Fred M. Wilcox, às 18.30
HENRIQUE V
De Kenneth Branagh, às 21.30

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
CAMPO DE SONHOS
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

CONDES
Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
DEMÓNIO DE SAIAS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO
Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133

AUDITÓRIO 1

O FILÓSOFO
Filme de Rudolf Thome
M/16 anos - Às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00

AUDITÓRIO 2

O COZINHEIRO, O LADRÃO, SUA MULHER E O AMANTE DELA
Filme de Peter Greenaway
M/18 anos - Às 14.00, 16.30, 19.15 e 22.00

IMPÉRIO
Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
A ORDEM DA ÁGUIA
Filme de Thomas Baldwin
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

REGIE COOPERATIVA - SINFONIA -

ORQUESTRA DO PORTO

W.A. Mozart

Sinfonia n.º 38 em Ré Maior («Praga»), K. 504

W.A. Mozart

Concerto para Violino e Orquestra n.º 3 em Sol Maior, K.216

D. Chostakovitch

(Barshai-adapt.) Chamber Symphony op. 83

Rudolf Barshai, Maestro
Pierre Amoyal, Violino

Lisboa
6.ª-feira, 27 de Abril
Cinema Tivoli
21.30 Horas

Braga
Sábado, 28 de Abril
Teatro Circo
21.30 Horas

Porto
Domingo, 29 de Abril
Teatro Rivoli
21.30 Horas

CARTAZ

O MEU PÉ ESQUERDO
Filme de Jim Sheridani
M/12 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 2

CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00

QUARTETO 3

TEMPO DE GLÓRIA
M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00

QUARTETO 4

O COZINHEIRO, O LADRÃO, A SUA MULHER E O AMANTE DELA
M/18 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00

SÃO JORGE 1

Av. da Liberdade, 175 - T. 579144
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.15

SÃO JORGE 2

NASCIDO A 4 DE JULHO
M/16 anos - Às 13.30, 16.15, 19.00 e 21.45

SÃO JORGE 3

MISS DAISY
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.15 e 21.30

7.ª ARTE

Av. da República - T. 730715
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 14.45, 17.00, 19.00 e 21.45

STAR

Av. Guerra Junqueiro, 14-C - T. 804210
A ÚLTIMA SAÍDA PARA BROOKLYN
M/18 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

TERMINAL

Estação do Rossio - T. 371573
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30

TURIM

Est. de Benfica, 723 - A - T. 706666
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON

Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446
BLAZE - UM AMOR PROIBIDO
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

ALMADA
ACADEMIA ALMADENSE

Telef. 2752127
BLAZE - AMOR PROIBIDO
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTA DE CAPARICA
CAPARICA OCEANO

Sala 1
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 15.45 e 21.30

Sala 2
TEMPO DE GLÓRIA
M/12 anos - às 16.15 e 21.45

O PESCADOR

Telef. 2905350

SEM PRESSA DE VIVER
M/6 anos - Às 15.30 e 21.45

LINHA DE CASCAIS
CARCAVELOS
ATLÂNTIDA CINE

Telef. 2465653
TEMPO DE GLÓRIA
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

CASCAIS
MIRAMAR

Telef. 2841744

Sala 1
DEMÓNIO DE SAIAS
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

Sala 2
VALMONT
M/16 anos - Às 15.15 e 21.30

OXFORD

Av. 25 de Abril - T. 2865027
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 16.00 e 21.30

NOVA OEIRAS
CINE PALMEIRAS

Telef. 2479144

Sala 1
NEGÓCIO DE FAMÍLIA
M/12 anos - Às 15.15 e 21.30

Sala 2
DEMÓNIO DE SAIAS
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

OEIRAS
ALTO DA BARRA

Av. das Descobertas - T. 4439759

Sala 1
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
M/6 anos - Às 15.15 e 21.45

Sala 2
QUE FIZ EU PARA MERECER ISTO?
Filme de Pedro Almodôvar
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

LINHA DE SINTRA
AMADORA
BABILÓNIA

Centro Comercial Babilónia - T. 4934871
A ÚLTIMA SAÍDA PARA BROOKLYN
M/18 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

CACÉM
ESTÚDIO FLORES

Telef. 9247570

SURDOS CEGOS E LOUCOS
M/12 anos - Às 15.00 e 21.30

QUELUZ
KING D. PEDRO III

Telef. 4364845

Sala 1
LAMBADA - A DANÇA PROIBIDA
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15

Sala 2
BRIGADA ASSASSINA
M/12 anos - Às 15.15, 18.15 e 21.30

Sala 3
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.45

TEATRO
LISBOA

ABC

Parque Mayer
De 3ª a Sáb. às 21.30.
Dom às 16.00
WHAT HAPPENED TO MADALENA IGLÉSIAS
De Filipe La Féria

A BARRACA (Cinearte)

Largo de Santos, 2 - T. 665360
Hoje e amanhã às 21.30
CALAMITY JANE
De Helder Costa

CHAPITÔ

R. da Costa do Castelo, 7 - T. 878225
De Carlos Paulo
Em cena aos Sábados às 24 horas.

IBÉRICO

R. de Xabregas, 54 - T. 8582531
De 3ª a Sáb às 21.30.
Dom. Feriados. às 17.00
O FIM
De António Patrício.
De 3ª a 6ª às 17.00
A CASTRO, de António Ferreira e **AUTO DA INDIA**, de Gil Vicente

MARIA MATOS

Av. Frei Miguel Contreiras, nº 52= - T. 897017
3ª a 5ª, às 21.30, 6ª e Sáb às 20.30 e 22.45.
Dom. às 15.00 e 18.00
SEVERA
De Júlio Dantas. Encenação de Nicolau Breyner

«Calamity Jane», no Teatro A Barraca, com Maria do Céu Guerra

5ª, 6ª e Sáb. às 21.30 horas
KLASSIKUS KABARET
De Fernando Gomes

CINEMA STADIUM

Av.Combatentes G.Guerra,52-Algés
6ª e Sáb. às 21.30
OS TRÊS CHAPÉUS ALTOS
De Mihura, pelo grupo de teatro - Intervalo

COMUNA

Praça de Espanha - T. 7260818

CAFÉ TEATRO

FESTIVAL DA OTITE

MARIA VITÓRIA

Parque Mayer - T. 3461740
De 3ª a Dom. às 20.30 e 22.45.
Domingos e Feriados, também às 16.00
VITÓRIA! VITÓRIA!
De Henrique Santana, Francisco Nicholson,
Augusto Fraga, Nuno Nazareth Fernandes
e Fernando Ribeiro.

MUNICIPAL MIRITA CASIMIRO

Av. Fausto Figueiredo - Monte Estoril - T. 2670320
De 3ª a sáb. às 21.30. Dom. às 17.00
QUERO SER REI ESTA NOITE
De Peter Shaffer

PRIMEIRO ACTO

R. Eduardo Pedroso, 16-A - Algés - T. 2115033
De 3ª a sáb. às 21.30.
Sáb. e dom. às 17.00
AS PULGAS
De Cunha Leiradella, pela Comp. Persona.

TEATRO ABERTO

Praça de Espanha - T. 770969
Estreia às 21.45
NA SOLIDÃO DOS CAMPOS DE ALGODÃO
De Bernard- Marie Koltés

TRINDADE

R. Nova da Trindade - T. 320000
De 5ª a Sáb. às 21.45
Dom. às 16.00
AUTO DA ÍNDIA - VIAGEM A CALECUTE
De Gil Vicente, pelo Teatro de Todos os Tempos - Comp. Vicentina

VARIEDADES

Pàrque Mayer - T. 320000
De 3ª a Domingo às 21.30.
Domingos e Feriados também às 16.00
OS MENINOS À RODA DA MAMÃ
Versão livre de Henrique Santana

OUTRAS LOCALIDADES

ESTORIL
CASINO ESTORIL

T. 2684521
De 4ª a 6ª às 21.30
sáb. às 18.00 e 21.30.
Dom. às 17.00
SOMENTE ENTRE NÓS
De Reginaldo Faria

ODIVELAS
TEATRO DA MALAPOSTA

T. 9873299
De 3ª a Sáb. às 21.30.
Dom. às 16.00
A FLORESTA
De Alexander Ostrowsky
3ª, Sáb. e Dom. às 16.00
A TARANTELA VERMELHA
De Salvatore Cuffaro
(em cena até dia 29)

PORTO
TEATRO SÁ DA BANDEIRA

T. 2003595
5ª às 21.30,
6ª e sáb. às 20.30 e 22.45.
Domingos e Feriados às 16.00 e 20.30
AI CAVAQUINHO
De Eduardo Damas

EXPOSIÇÕES

INAUGURAM

ABÍLIO - Pintura
Fundação Calouste Gulbenkian (Inaugura dia 27, às 18 horas)
CATHERINE BULL - Pintura
Galeria do Hotel Meridien (Inaugura dia 2 de Maio)
FRANCESES EM COLECTIVA
Galeria Espiral - Oeiras (Inaugura dia 4 de Maio, às 21 e 30)
JOAQUIM BALTAZAR - Pintura
Espaço INTERNI - Rua Rodrigo da Fonseca, 51 (Inaugura dia 4 de Maio, às 19 horas)
MARIA IRENE RIBEIRO - Gravura
Galeria da Casa do Pessoal da RTP - Edifício sede (Inaugura hoje, às 18 horas. 13/19, excepto sábados e domingos. Até 17 de Maio)
MARITHÉ ROY - Pintura
Galeria JF - Cascais (Inaugura dia 5 de Maio, às 21 e 30)
MIGUEL HORTA - "Fronteiras", pintura
Galeria Novo Século - Rua do Século, 23 (Inaugura dia 27, às 22 horas)
O VITRAL ALEMÃO NA IDADE MÉDIA
Fundação Calouste Gulbenkian (Inaugura hoje, às18 horas)

LISBOA

HELENA ALMEIDA - Mais dos desenhos que da pintura de Helena Almeida, poderíamos falar de levitação. Depois de uma relação com o corpo (em "Desenho Habitado/Pintura Desabitada", Helena Almeida *apagava*, frequentemente, o corpo fotografado com a pintura) nunca como agora o risco do desenho levitou, numa volumetria que - na pintura, nos ferros pintados - se confronta com a especialidade da escultura.
Galeria Valentim de Carvalho - Rua da Cruz dos Poiais, 111 (15/20 horas, excepto domingos. Até 19 de Maio)

MANUEL VILARINHO - Desenhos a tinta da china e carvão sobre papel, mostrados na intimidade que a Loja de Desenho lhe dispensa. A liberdade do desenho permite confidências que a pintura de Manuel Vilarinho não faz. O resultado é um diário de bordo de uma itinerância profundamente urbana, sem os tiques da denúncia, percorrida pela exemplaridade da solidão.
Loja de Desenho - Rua da Academia das Ciências, 2 (15/19 e 30, excepto domingos e segundas-feiras. Até 15 de Maio)

PAULO QUINTAS - Primeira exposição individual de um pintor onde se saúda a orfandade. Paulo Quintas escapa aos contabilistas de referências, e mostra uma pintura de que, se mais não houvesse a dizer, teríamos que falar do prazer de inventar/descobrir. Para isso, Paulo Quintas dispõe apenas do papel, como suporte, e o amarelo infectado pelo verniz. O que já não é pouco. Para atravessar o fogo, a salamandra só precisa da pele.
Pedro e o Lobo/Arte Contemporânea - Rua do Salitre, 169 (15/20 horas, excepto domingos. Até 17 de Maio)

JE *EST* UN AUTRE - Segunda parte da exposição internacional de auto-retratos. Andy Warhol, Christian Boltansky, Gilberto Zorio, Joseph Kosuth, Marcel Broothaers, Michelangelo Pistoletto e Tony Cragg tornam a fotografia parte integrante de objectos onde já não faz sentido discutir, ou limitar, o que é a escultura. Aliás, tem sido esta galeria quem mais tem contribuído para a confrontação e discussão do que é escultura, hoje.
Exposição acompanhada de um catálogo onde, a par da qualidade de algumas reproduções, se reúnem textos de Chaké Matossian, John Yau (crítico da Art Forum) e Pedro Frade, sobre a temática e o sentido da auto-representação.
Galeria Cómicos/Luís Serpa - Rua Tenente Raúl Cascais, 1 (15 às 20 horas, excepto domingos)

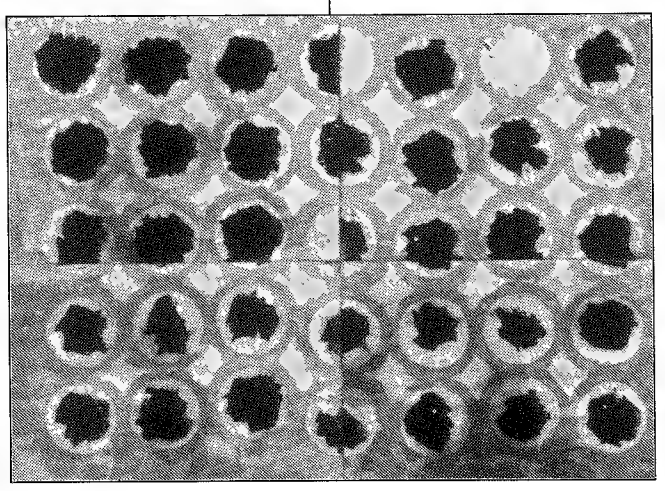
PEP AGUT - Graça Fonseca parece previligiar o intercâmbio com as galerias espanholas. Depois de Eugénio Cano (por troca com Paulo Feliciano?), a galeria revela agora este catalão residente em Colónia. Além da instalação *Amigos Para Sempre*, onde diferentes tipos de cadeiras uniformizadas pelo estofo dialogam com a *pele* mudada (entretanto emoldurada na parede), Pep propõe uma reflexão sobre a desmultiplicação do espaço/suporte. Mondrian revisitado.
Galeria Graça Fonseca - Rua da Emenda, 26 (15/20 horas, excepto domingos e segundas-feiras)

ALMADA

30 ANOS DE ENSINO DE GRAVURA NA ESBAL - 29 alunos testemunham a qualidade do ensino dessa disciplina ministrado pelos professores Gil Teixeira Lopes e Matilde Marçal, aqui homenageados. A simulação do que é uma oficina de gravura (xilogravura, calcografia, águas-fortes e serigrafia) desmistificam e aproximam o público dos trabalhos presentes.
Galeria Municipal de Arte (15 às 22 horas, excepto segundas-feiras)

SINTRA
AMADORA

GRAVURA CUBANA
Recreios da Amadora (Até 13 de Maio)

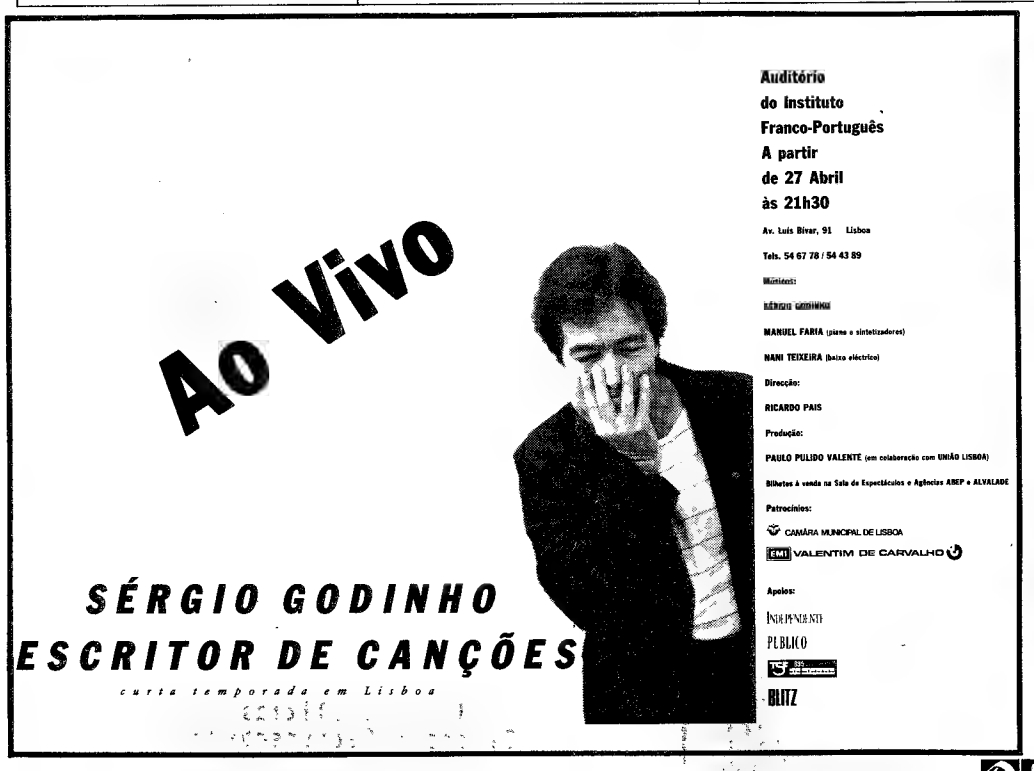


Paulo Quintas, técnica mista sobre papel

CASCAIS
ESTORIL

HUGO FERRÃO- Pintura
Espaço 2/Casino Estoril (15/24 horas, todos os dias. Até 7 de Maio)

J.F.



SNOOPY POR SCHULZ

CARTAZ / TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

16.35 - CLÍNICA GERAL
10º episódio
17.30 - A HORA DO LECAS
1º episódio de «Vamos à Galeria»: histórias animadas tendo como espaço uma pequena galeria de arte municipal e onse se pretende desenvolver nas crianças o interesse pela arte. Cada episódio foca um pintor conhecido e usando o trabalho e a vida desse artista desenvolve-se uma aventura diferente.
18.25 - RUA SÉSAMO
124º programa.
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - CANÇÕES DO EUROFESTIVAL
Esta noite serão apresentadas as canções representantes das televisões da Alemanha Federal, França, Jugoslávia, Portugal e Irlanda. Recorde-se que, pela RTP, vai estar em Zabreb a cantiga «Há Sempre Alguém», da autoria dos irmãos Frederico e Francisco Teotónio Pereira, Luís Filipe e Jan van Djick, interpretada por Nucha. A orquestração é de Carlos Alberto Moniz.
20.35 - VALE TUDO
99º episódio
21.35 - SOFIA E CONSTANÇA
22.30 - CONVERSAS VADIAS
O prof. Agostinho da Silva com o jornalista Fernando Alves

22.55 - MURPHY BROWN
Miles enfrenta uma ameaça de morte quando resolve designar Murphy para um trabalho que vai pôr de um lado as populações e do outro uma figura do governo.
23.30 - 24 HORAS
00.00 - UM DIA...
00.05 - REMATE
00.20 - CARTAS DE HUMOR
34º programa

O 11º episódio de «Clínica Geral», amanhã às 16.30 no 1º Canal

Às 21.30 no 2º Canal, a série «Emoções»

RTP-2

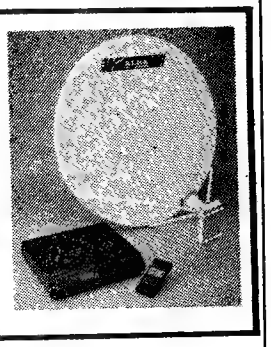
16.50 - OS CENTURIÕES
17.15 - NOVO ELUCIDÁRIO MADEITENSE
17.50 - OS DESAFIOS DA LFI
4º episódio: Chris envolve-se pessoalmente na defesa de um velho amigo que fora acusado de roubo. Entretanto, Susan perde o seu primeiro caso e desilude Dermott, que ansiava pela festa que o pai de Susan devia dar para comemorar o primeiro grande sucesso da filha.
18.40 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
91º episódio
19.15 - ESPAÇO INFANTIL
19.50 - CLÁSSICOS DA TV
«Estrada 66». 47º episódio
20.40 - VIA RÁPIDA
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - EMOÇÕES
14º episódio: Sandy tem um pequeno acidente ao praticar "jogging" e conhece um pediatra que sonha com uma relação estável. Mas tudo começa a desmoronar-se quando Sandy descobre que ele é afinal incapaz de assumir um compromisso sério.
21.55 - HORA DA VERDADE
22.55 - 5ª DIMENSÃO
23.20 - UNIVERSIDADE

AMANHÃ

RTP-1

09.02 - BOM DIA
10.00 - ÀS DEZ
12.05 - FERA RADICAL
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.27 - BOLSA
13.30 - GLOSS
14.20 - KID CREOLE E AS COCONUTS
15.20 - O MUNDO ANIMAL
15.45 - PONTO POR PONTO
16.35 - CLÍNICA GERAL
17.30 - JUNTOS E AO VIVO
18.30 - RUA SÉSAMO
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA
20.05 - O TEMPO
20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - CANÇÕES DO EUROFESTIVAL
20.35 - VALE TUDO
21.35 - MISSÃO IMPOSSÍVEL
22.35 - O ROSTO DA NOTÍCIA
23.40 - CHEFE, MAS POUCO
00.10 - 24 HORAS
00.40 - UM DIA
00.45 - REMATE
00.55 - CARTAS DE HUMOR
01.05 - PELA NOITE DENTRO
«F/X - Efeitos Mortais»

ALBA
ANTENAS PARABÓLICAS ACESSÍVEIS A TODOS
INFORME-SE NA
AUDIMAX
TEL. 410 62 75
ALGÉS



RTP-2

14.02 - TELEMERCADO
14.30 - PRIMEIRO JORNAL
14.45 - ESPAÇO INFANTIL
15.00 - FILHOS E FILHAS
15.25 - AGORA, ESCOLHA!
16.55 - HEROIS I - 1º EPISÓDIO
17.20 - AS GRANDES VIAGENS DE COMBOIO
18.20 - PRIMEIRO ANDAMENTO
18.45 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
19.20 - ESPAÇO INFANTIL
19.50 - AS CIDADES E A TERRA
20.15 - BUCHA E ESTICA
20.40 - VIA RÁPIDA
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - DONA BEIJA
23.00 - ROTAÇÕES
00.00 - HAJA MÚSICA

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...

BLAUPUNKT
Grupo BOSCH
Um pequeno ponto faz a diferença

GIBEL
O SEU CABELEIREIRO
MAIS RÁPIDO E ECONÓMICO
PÊLOS
EXTRACÇÃO ELÉCTRICA, SEM DOR, SEM MARCAS, A CERA QUENTE OU FRIA
Das 8 às 20 horas
Calçada do Sacramento, 38

«(Lucas Pires) meteu um golo na baliza do Presidente da República, que parecia 'desesperado' por não ter competidor à altura e agora já tem adversário, quanto mais não seja para se entreter...»

Manuel José Homem de Mello, «Tempo», 25.04.90

A PERGUNTA DO DIA

Edite Estrela
deputada do PS

Os textos publicados no «Diário da República» são mal escritos?

«Bem escritos/mal escritos os textos publicados no 'Diário da República»? Vamos ver.

Pegando no 'Diário da República' de terça-feira, II série, nº95 e abrindo nas páginas 1934 e 1935, facilmente encontrei estas pérolas de rigor terminológico e correcção gramatical:

1) '(...) teve este ano de dedicar uma especial atenção às implicações dos factos acima referidos, onde assumem saliência as implicações decorrentes da reforma dos fundos estruturais.'

2) 'Preocupante que apenas agora tenha sido possível um consenso por forma que a revisão constitucional tenha eliminado o princípio da irreversibilidade das nacionalizações(...)'.

3) 'Tanto mais assim numa região com a importância que o sector turístico possui.'

Os exemplos supra são tão esclarecedores que dispensam comentários. É caso para concluir que estes factos invalidam quaisquer argumentos do advogado de defesa.»

Sexta-feira no

Diário de Lisboa

Telheiras: uma urbanização traída

A cimeira de Dublin em Grande Angular

Política de A a Z por F. Piteira Santos

Antevisão do fim-de-semana desportivo

ENTREVISTA

Miguel Castelo Branco é o número um da Frente Nacional-Nova Monarquia, um movimento nacionalista de direita. Professor do curso de sociologia numa universidade privada, a sua cruzada é a do reencontro da personalidade histórica de Portugal

«Vivemos numa partidocracia»

D.L. - Há quem considere que a Força Nacional-Nova Monarquia é um movimento fascista...

M.C.B. - Isso é completamente absurdo. Filiamo-nos na linha da direita tradicionalista, católica, nacionalista que é, por essência, antitotalitária, defendendo os princípios da liberdade humana, numa relação só limitada por Deus. Essas acusações caem em saco roto porque consideramos o fascismo uma das várias modalidades do esquerdismo dos séculos XIX e XX.

D.L. - Pretendem um retorno à monarquia?

M.C.B. - Há duas componentes. A Frente Nacional constituir-se-á em partido dentro em breve. O processo de legalização está a decorrer. A Nova Monarquia é um projecto de intervenção cívica e cultural. Como seu fundador, considero que só quando Portugal reencontrar a estrutura hereditária da sucessão e da transmissão de poder, através de uma monarquia tradicional, irá reencontrar a sua identidade institucional e a sua personalidade histórica.

D.L. - Defende uma monarquia semelhante às que existem em outros países europeus?

M.C.B. - Não. Temos na Europa coroas sem monarquia, ou seja, sem unidade de comando e verticalidade absoluta na hierarquia do Estado, como o caso da Espanha onde a monarquia é governada por republicanos e socialistas. Isso não implica que não sejamos defensores da monarquia constitucional. A questão principal situa-se no reencontro de um espírito verdadeiramente nacional e não em preocupaçõezinhas nobiliárquicas que parecem ter passado para a república de ostentação de Mário Soares.

D.L. - Qual o seu projecto de sociedade?

M.C.B. - A nível político, passa pelo alargamento da democracia política. Nós vivemos numa partidocracia, numa ditadura dos partidos. À democracia pluripartidária deve acrescentar-se a liberdade social. As forças sociais não estão representadas no Parlamento e os cidadãos só o são no dia das eleições. Defendemos a representação nacional através de duas câmaras representativas: uma constituída por partidos e outra pelas forças vivas e permanentes da nação.

Economicamente, somos frontalmente contra o capitalismo como total concepção homem/sociedade em função do lucro e da produtividade.

D.L. - Que relação existe entre a FN-NM e os *skinheads*?

M.C.B. - Absolutamente nenhuma. Aliás, devido a essas acusações movemos um processo criminal por difamação contra Francisco Louçã. Consideramo-nos, até, as primeira vítimas dos *skinheads* quando, em Maio de 1989, alguns indivíduos com essas características transformaram uma sessão pública de gente respeitável num espectáculo degradante.

D.L. - Vocês não são racistas?

M.C.B. - O MAN defende propósitos de racismo contrários à nossa maneira de ser. Defendem uma biopolítica e todas as suas preocupações se centram unicamente na cor da pele. É um racismo de reacção animal.

D.L. - Há outros?

M.C.B. - Todas as civilizações criam uma certa indisponibilidade para abraçar valores e práticas que lhes são alheias. Porém, Portugal demonstrou que a unidade de consciência e missão universal que cabe aos portugueses não encontrou obstáculo algum na origem étnica.

D.L. - O que pensa do 25 de Abril?

M.C.B. - Considero-o um desastre irreparável que se sucedeu a uma longa cadeia de revoluções antinacionalistas - 1820 e 1910 - que minaram a função que Portugal devia prosseguir no concerto das nações e alienaram irreparavelmente a dimensão universal própria da nossa história. Trouxe-nos esta situação de Estado exíguo, de sociedade desnacionalizada, onde apenas campeiam os estrangeirados. A morte de Portugal, que se avizinha em 1993, é um efeito imediato dessa iconoclastia.

D.L. - Se não tivesse havido o 25 de Abril talvez nós não estivéssemos aqui a conversar...

M.C.B. - Nesta sociedade de opinião, apenas se dá voz àqueles que aceitam um conjunto de regras viciadas. A maioria da comunicação social só serve para dar voz a entidades de fraquíssima representação popular - os partidos - amordaçando, teledirigindo e condicionando a opinião que existe.

D.L. - Tem criticado muito os partidos. No entanto, a Frente Nacional quer ser partido...

M.C.B. - Aceitamos a democracia pluralista e a procura, através dos partidos, de soluções para os problemas nacionais. Quando formos partido, seremos uma alternativa ao sistema e não uma alternativa no sistema. Todavia, para introduzirmos as nossas reformas, necessitamos do voto dos bons portugueses que ainda não estão sujeitos ao caciquismo partidário.

D.S.

Eram cinquenta e nove

Quando Gil Vicente redigiu o *Auto das Fadas*, contava com um mínimo de cinquenta e nove espectadores. Optimista para os nossos dias? Como cheguei a esse número ímpar?

Escreveu para as maliciosas sereias do palco móvel, os *motes*, trinta e seis para os do sexo masculino, vinte e três para as donzelas e senhoras, damas todas, distribuídos durante o espectáculo em forma de horóscopo de ciganas de alma. Cada um dos presentes encontrava desse modo o *seu animal*, que nele dormitava ou já estava acordado. Censura manhosa, carácter jocoso e coercivo, ambiguidade, duplo sentido, paradoxo, etc. — tudo atesta que o Mestre era bom conhecedor dos podres da sociedade e da nossa *natureza natural*, além de ser excelente estratego, sabendo até onde podia ir, numa sociedade selecta de corte.

Falta-nos um Gil Vicente, que escrevesse sobre hoje e soubesse, mas *com estilo*, até onde os senhores do poder suportam as investidas? Ainda mais nos faltam, porém, esses obrigatórios cinquenta e nove espectadores...

Que me tenha lembrada disto, o mérito é devido ao grupo teatral *O Semeador*, de Portalegre. Fizeram profissionalmente o duplo Gil Vicente (com o *Auto da Índia*) no seu teatrinho, essa armadilha cultural, e viajaram pela região até que chegaram a Lisboa, à salinha subterrânea da SPA; lá, durante alguns dias, impuseram a sua visão das coisas da arte.

As gentis fadas aquáticas, embora não tenham distribuído todos os papelinhos — o nosso diploma animalesco *honoris causa* — deram-nos a sorte, e nós, apenas agradecidos, desejamos-lhe a sorte a eles, os descentralizados de Portalegre, felizmente, sitos perto da fronteira segundo os desejos do primeiro-ministro, no seu discurso no *Dia do Teatro*. Aliás, nesse jogo de Fadas também ele podia tirar a sua carta. Sempre é melhor ser do que ser chamado, o que é quase uma citação do Mestre Gil.

Jorge Listopad

A.M.A.® Auto Monumental do Areeiro S.A.

CONCESSIONÁRIOS VW Audi

AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

SUPLEMENTO
LITERÁRIO
SUPLEMENTO DAS QUINTAS-FEIRAS DO Diário de Lisboa 26 DE ABRIL DE 1990. NÃO SE PODE VENDER EM SEPARADO

Geografia, conto de Fernando Gandra, pág. 3; Entrevista com e texto de Jaime Rocha, págs. 4 e 5;

Terral *de Miguel de Castro, pág. 6; Maria Judite de Carvalho, revisitação na pág. 7*

O CORVO

Numa meia-noite cava, quando eu, fraco, meditava
Nuns estranhos, velhos livros de doutrinas ancestrais
E já quase adormecia, percebi que alguém batia
Num soar que mal se ouvia, longo e lento, em meus portais.
Disse a mim: «É um visitante que ora bate em meus portais —
É só isto, e nada mais.»

Ah! tão claro que eu me lembro! Era um frio e atroz Dezembro
E as chamas no chão, morrendo, davam sombras fantasmais,
E eu sonhava logo o alvor e pra acabar com a minha dor
Lia em vão, lembrando o amor desta de dons angelicais
A qual chamam Leonora as legiões angelicais,
Mas que aqui não chamam mais.

E um sussurro triste e langue nas cortinas cor de sangue
Assustou-me com tremores nunca vistos tão reais,
E ao meu peito que batia eu mesmo em pé me repetia —
«É somente, em noite fria, um visitante aos meus portais
Que, tardio, pede entrada assim batendo aos meus portais:
— É só isto, e nada mais.»

Neste instante a minha alma fez-se forte e ganhou calma
E «Senhor» disse, «ou Senhora, perdoai, se me aguardais,
Que eu já ia adormecendo quando viestes cá batendo,
Tão de leve assim fazendo, assim fazendo em meus portais
Que eu pensei que não ouvira» — e abri bem largo os meus portais: —
Treva intensa, e nada mais.

Longamente a noite olhei e estarrecido me encontrei,
E, assustado, tive sonhos que ninguém sonhou iguais,

Mas total era o deserto e ser nenhum havia perto
Quando um nome, único e certo, sussurrei entre os meus ais —
— Leonora — esta palavra — e o eco a repôs entre os meus ais.
E isto é tudo, e nada mais.

Para o quarto então volvendo, toda a alma em mim ardendo,
Logo ouvi mais uma vez alguém batendo em tons iguais.
— «Certamente este ruído é da janela que é partido.
Nela irei, e esclarecido então serei destes sinais.
Sorverá o meu coração o desvendar destes sinais.
Isto é o vento, e nada mais.»

A janela abri então, quando, em estranha vibração,
Um altivo Corvo entrou, como os dos tempos ancestrais.
Não me fez um cumprimento, não deteve-se um momento,
Mas com ar de nobre acento pousou sobre os meus umbrais,
Pousou num busto de Palas que há por sobre os meus umbrais.
Pousou mudo, e nada mais.

E este pássaro noturno fez-me menos taciturno
Com o modo rijo e sério dos seus gestos glaciais.

«Não trazendo embora crista,» disse eu, «ninguém avista
Covardia em tua pista, egresso de orlas siderais.
Em Plutão qual é o teu nome, filho de ermos siderais?»
Disse o Corvo: «Nunca mais.»

E eu fiquei maravilhado vendo a ave ter falado
Tão correto, embora o senso fosse falho em frases tais;

Mas que todos digam sim a que jamais antes de mim
Viu um homem ave assim entronizada em seus umbrais,
Ave ou bicho sobre o busto que há por sobre os seus umbrais
Se chamando «Nunca mais».

Mas o Corvo empoleirado nada disse além, velado,
Como se coubesse inteiro nestas sílabas fatais.
Nem um gesto então vibrou e pena alguma se agitou,
Minha boca murmurou: — «Por amanhã também te vais,
Como os sonhos e os amigos voaram antes, **tu** te vais.»
Disse o Corvo: «Nunca mais.»

Pasmo a ouvir esta resposta no silêncio tão bem posta
Disse: — «Ao certo ele só sabe esta expressão de funerais.
Deve tê-la ouvido um dia de um seu dono que sofria
Com a Desgraça que o seguia e na miséria onde os seus ais
Foram ruindo e enfim compondo um estribilho feito em ais
Que é este «Nunca, nunca mais.»

Mas o Corvo novamente fez-me à dor sorrir contente
E sentei-me em frente a ele, olhando o busto em meus umbrais,
E enterrado no veludo somei sonhos quieto e mudo
Pra entender, ligando tudo, o que um dos dias ancestrais
Quis tal magra e agra ave negra desses dias ancestrais
Ao grasnar-me «Nunca mais».

Por ali fiquei pensando, mas nem sílaba falando
Aos seus olhos me queimando como chamas infernais
E afundei-me discorrendo, com a cabeça me pendendo,
Na almofada onde ia erguendo a luz cruel sombras triunfais,
No veludo onde **ela** à luz que me olha em sombras triunfais
Não se deita, nunca mais!

Fez-se então o ar mais denso, como cheio de um incenso
Que espalhassem alvos anjos dando passos musicais.
«Infeliz! Por teu lamento Deus te deu o esquecimento.»
Disse a mim em pensamento. «Olvida a causa dos teus ais!
Deita logo este nepente em Leonora e nos teus ais!»
Disse o Corvo: «Nunca mais.»

«Profeta!», eu disse, «Ente mau! — Profeta em ave e obra infernal! —

Que o Demónio ou a tormenta aqui lançou nos meus umbrais,
Nesta casa e este deserto, nesta terra, ainda desperto,
Neste encanto escuro e incerto! Dize a mim, pelos meus ais!
Há um bálsamo em Galaad? Responde a mim, pelos meus ais!»
Disse o Corvo: «Nunca mais.»

«Profeta!», eu disse, «Ente mau! — Profeta em ave e obra infernal! —
Pelo Deus que é de nós dois e dorme em sombras eternais
Dize a esta alma atormentada se no Éden além do nada
Há de achar a antiga amada que hoje em sons celestiais
Anjos chamam Leonora, em meio a sons celestais.»
Disse o Corvo: «Nunca mais.»

— «Que a esta voz voltes aos ares, ave ou diabo — vai! Não pares!
Volta até», eu gritei de pé, «Plutão, e aos céus negros, glaciais!
Não me fique pena alguma a te lembrar! Que junto suma!
A mentira que te esfuma não me reste em meus umbrais!
Tira o bico do meu peito e a forma atroz dos meus umbrais!»
Disse o Corvo: «Nunca mais!»

E o Corvo, que não voará, lá ainda está, lá ainda está
No busto branco de Palas, em meu quarto, aos seus portais.
E os seus olhos vão lembrando os de um demónio então sonhando,
E a luz, no chão escoando, lhe ergue a sombra em meus umbrais,
E minha alma desta sombra, que se alonga em meus umbrais,
Não há de erguer-se — nunca mais!

Rio, 10 de junho de 1980

Traduzido de
Edgar Allan Poe

Alexei Bueno

JOÃO AGUIAR

O Canto dos Fantasmas

Uma viagem em sete jornadas ao país dos fantasmas. ■ *Fantasmas que não usam sudário nem arrastam correntes nem soltam gemidos em corredores escuros. Que se parecem muito com obsessões humanas.* ■ *Desde o passado ainda recente ao futuro apenas imaginado, estes fantasmas conduzem-nos pela mão, contam-nos histórias, confiam-nos segredos, pregam-nos pequenas partidas sem muita maldade e algum sentido de humor.* ■ *Após o êxito dos romances* A Voz dos Deuses *(já na sua 11.ª edição),* O Homem sem Nome *e* O Trono do Altíssimo, *João Aguiar propõe-nos neste seu novo livro um convívio fascinante com as fontes do imaginário.*

PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE 1965 / 1990 25 ANOS

Publicações Dom Quixote

Distribuição:
DIGLIVRO • MOVILIVRO

Procure esta obra no seu livreiro habitual ou peça a directamente à Publicações Dom Quixote, Rua Luciano Cordeiro, 116, 2.º 1096 LISBOA CODEX, preenchendo o cupão anexo.

Queiram enviar-me:
☐ *à cobrança — acrescido das respectivas despesas*
☐ *junto envio cheque/vale postal — sem mais despesas*

O CANTO DOS FANTASMAS (1600800)

Nome .....
Morada .....
Cód. Postal ..... *Tel.* .....

CAPITAL SOCIAL 47 500 000$00, MATRICULADA NA CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE LISBOA SOB O N.º 35890

literário

GEOGRAFIA

Em casa eu era inteligente talvez porque gostasse de narrar os meus medos, descrever certas imperícias, ou ainda porque me obstinasse em permanecer no dorso da montanha até que, para utilizar uma expressão já usada, «a noite me batesse no ombro».

Foi, porém, o ensino minucioso da geografia que esteve na origem de muitas das minhas desilusões juvenis. A geografia é uma ciência que se aprende, nos melhores casos, num anfiteatro, cheio de método e de mapas, o que se aceita perfeitamente. Na verdade, há os países que têm climas, as montanhas que têm nervuras, os mares que têm incêndios, e os rios que têm serpentes.

Um dia, tinha acabado a aula de álgebra em que o mestre pusera à prova alguns raciocínios inaceitáveis e íamos agora para o anfiteatro de geografia que, como é natural, ficava no rés-do-chão. A sala dava para uma paisagem íngreme, nada pastoril, onde só os animais mais metódicos sabiam encontrar a súbita verdade do alimento. Alguns de nós estavam suados pelas brigas obrigatórias com que celebrávamos o fim de cada aula e o começo de outra.

O mestre chegou balouçando mais a cabeça do que nós sabíamos ser seu costume. Percebemos que aquilo tinha um significado, mas não percebemos mais nada. O professor de geografia era um homem de palavra rara e que só penteava com cuidado o alto da cabeça. Em tempos escrevera «poemas sociais» mutilados por pequenas dúvidas, tendo-se, depois, lançado na ideia duma «democracia lírica». Ouviam-se, com frequência, comentários à sua noção de disciplina: uns referiam-se à rigidez, outros à complacência e, todos, à mulher que tinha enlouquecido. O certo é que, quando soava a campainha que anunciava o termo lectivo, saíamos como pombos assustados, mas nem nós sabíamos se era pelo que tinha acabado, se pelo que ia começar.

Dessa vez, o mestre começou com o vagar tenso com que costumava anunciar as aulas, sem desprezo, gostávamos de chamar «de mensagem». Textualmente: «No passado, a história e a geografia celebraram um pacto cego entre o tempo quando e o lugar onde. Mas, a vida corre, não é a mesma coisa. Desde que a famosa vaga de amor pelo povo se apossou das classes dirigentes, mesmo as mais demoradas biografias não se completam: passam ao fundo, desarrumando tudo. A geografia política por seu lado, é hoje uma ciência insurreccional, muito atenta aos confins. É, pois, altura de estudarmos os caminhos-de-ferro e os seus cursos sanguinários».

Ouvindo falar assim, percebeu-se que muitos de nós juntaram ligeiramente as pernas. E continuou: «Os comboios são movidos por um ácido errante. À frente têm uma pálpebra de ferro, muitas vezes humedecida por impurezas humanas. É que os comboios fluem insensatamente. No interior nada gente contra o tempo rudimentar. Outros, voltados para dentro, resguardam o sono. É frequente haver quem se estenda como seda sombria sob o veneno das rodas.»

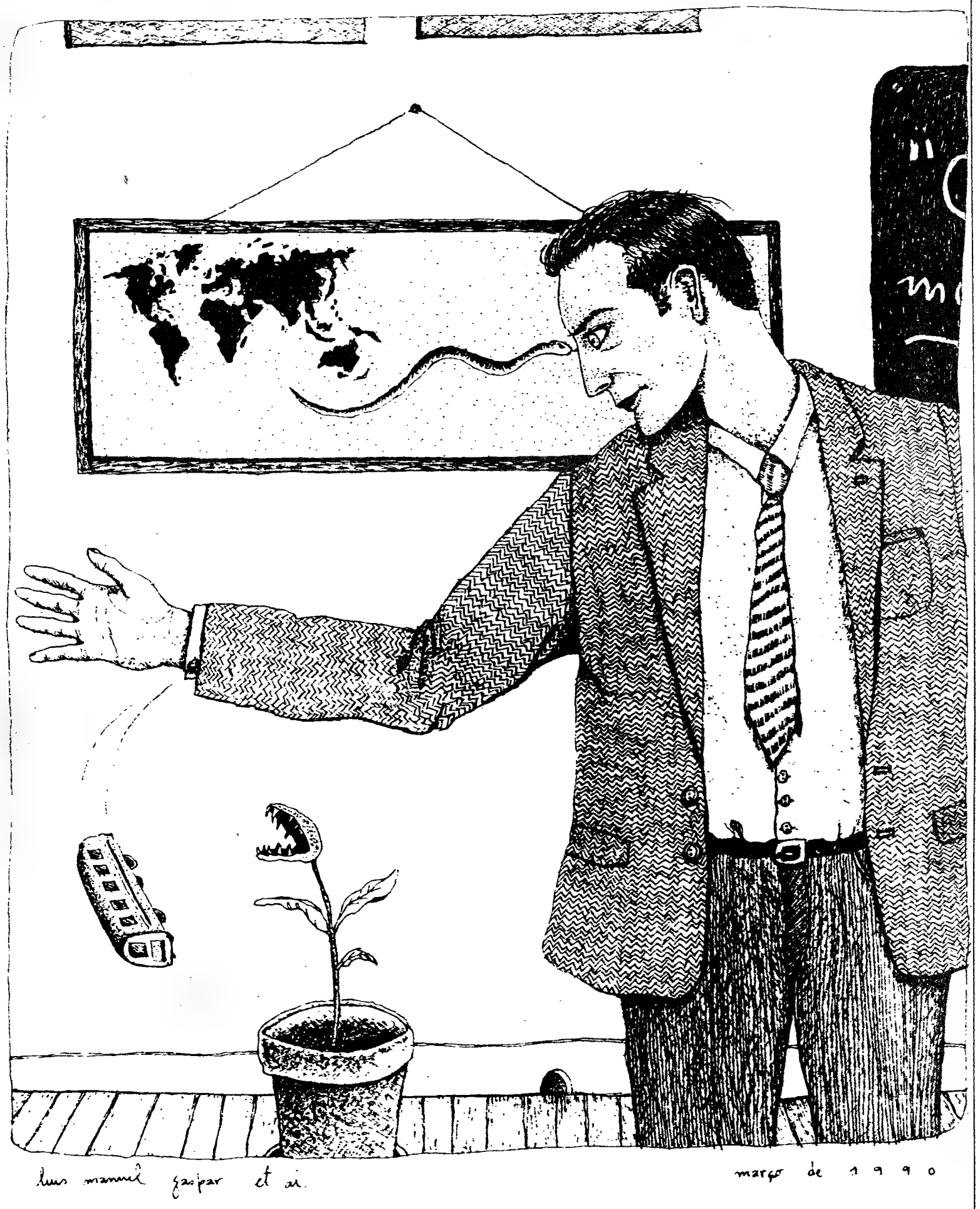
As palavras daquele professor, que há longos anos ecoavam nas paredes do colégio, procurava-as ele completar em encontros mais privados. «É que, como costumava dizer, só se pode explicar que se a água falta é porque o incêndio é mais forte, voltando um pouco atrás, aí onde começam as mais estéreis profecias. Para isso, é melhor que o tempo esteja abafado e o círculo seja restrito.»

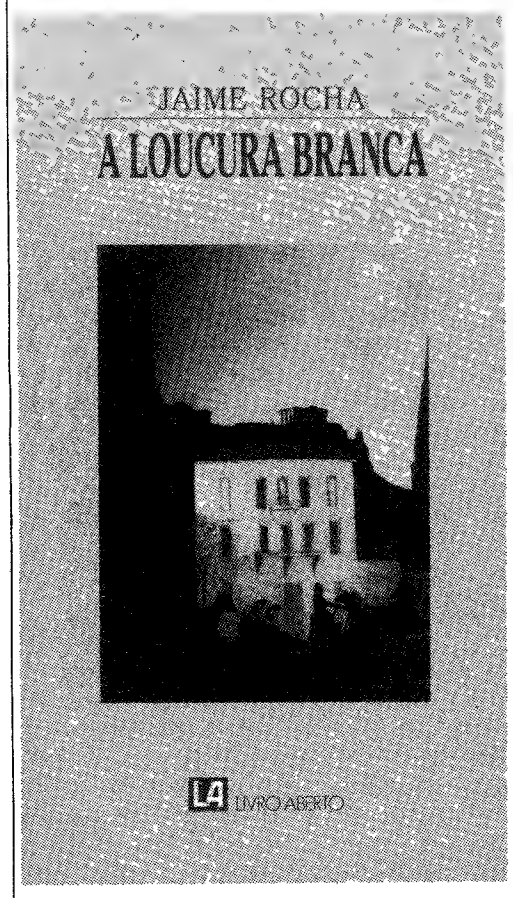
Num desses encontros que, aliás, alguns pagavam em moedas de baixo relevo, um aluno perguntou: «Os arredores organizam-se por si mesmos, ou, pelo contrário, são abcessos de fixação?»

Pareceu empalidecer com tanta malícia. Eis a resposta: «Vive-se um tempo espantoso de vendavais sustidos. As cordilheiras são essenciais — ao brilho dos guerreiros, por causa da espessura do orvalho. Durante a espera, só águias ocas filtram o céu. O firmamento move-se e, ao contrário do que pensa o povo, não é o mais sábio dos desterros. Muito se sabe, não há dúvida. Mas, no meio do combate, uma ligadura de iodo não vale uma rajada de ar frio. Por isso, nos subúrbios mais pobres as narinas estão tão atentas às mais surdas ventanias. A vida, prosseguiu ele, é uma paixão recíproca entre o antigo e o novo. Pena é que a **retaguarda** seja uma obstinada metáfora militar e a **vanguarda** uma precipitada metáfora política. Só Deus, cujas preferências estratégicas ignoramos, se pode antecipar ao mistério que há-de sempre presidir à voraz separação entre vencidos e vencedores. É quando não reconhecemos à realidade a menor obrigação de ser interessante que inventamos as eleições em que os candidatos percorrem os subúrbios fabris sempre apoiados por guarda-costas fazendo discursos cheios de repetições maníacas.»

A mão esquerda do mestre brincou um instante dentro do bolso do casaco. Todos sabíamos que mexia num pequeno crucifixo de faiança de que o professor, apesar de agnóstico, nunca se separava.

Fernando Gandra





INSÓNIAS E LAGART

Tinha a mão fechada, que teimava em cerrar-se. Resultado do sonho que me aveludara a sesta. Ao n.º 666 do indicador de rotações da cassete nascia-me na palma da mão um lagarto. Brotando da mão como um geyser, quente, primeiro a cauda depois o bicho, às arrecuas.

Esquecido do sonho, delapidava a noite nesse exercício de volta-atrás-e-repete da desgravação quando os olhos, vagueantes, surpreendeream no indicador o número 664. Recebi a martelada do sonho, com a mão fechada ao 665 disparei um dedo para o *Stop* que consegui premir ao 667. Tarde de mais. E era impressão minha ou a mão latejava? Aquela cócega que sentia na base do dedo seriam as patinhas?

Revoltei-me contra a superstição. Na noite anterior banqueteara-me com os *Itinerários da Racionalidade* do Carrilho e agora, de repente, estava à mercê de incogniscibilidade dos arcanos. Estabeleci comigo uma aposta: contando até três vaporizaria o lagarto com um simples abrir de mão. Um leque que seria a prova do acerto do mundo. Abria-a ao seis, mas inutilmente. Um milésimo de segundo antes de *ver* a mão aberta um corte de energia deixou-me absolutamente às escuras. Um milésimo de segundo antes de *ouvir* as patinhas miúdas do lagarto em fuga tombou o gravador no tampo oco e ressonante e fiquei sozinho com a dúvida e com a surdina que late no escuro. E aquela liquescência pastosa na minha mão, seria a baba do lagarto ou o suor da minha mão, escaldante?

A luz voltou cinco minutos depois. Tarde de mais. Nunca saberei se foi o meu sonho que gerou o lagarto ou se a minha realidade é que foi gerada pelo sonho do lagarto.

Empaturrado neste desconcerto, retomo a desgravação da minha conversa com o Jaime Rocha e percorre-me um abalo. Garante-me o escritor, a propósito de um episódio referenciado na sua primeira novela, *Tonho e as Almas: Na Nazaré* — a terra do escritor cujo universo mítico-quotidiano procura enquadrar nessa, primeira, narrativa — *estive numa casa com uma cama onde se via estendido, inteiro, o fato do marido. O casaco, as calças e aos pés da cama as botas. A mulher há oito anos que dormia aos pés da cama, enquanto aguardava que o marido regressasse. O naufrágio tinha acontecido há oito anos, mas com como o corpo do marido nunca tinha aparecido... Foi este o imaginário que eu quis retratar. Acho que não é um livro conseguido porque para mim também funcionou como uma espécie de expulsão* e não tive a distância. Tinha acabado o «Portugal Hoje», estive um ano desempregado, e voltei à Nazaré durante oito meses. Ajudava o meu pai na contabilidade, ia à pesca e entretinha-me a narrar essas fantasmagorias. É um livro que vou reescrever...»

Há coincidências exasperantes. Que a morte não compareça à contagem dos defuntos eis o que não deixa de ser uma clareira por onde se aventura o medo. E pior ainda quando o entrevistador é apanhado nessa rede de intimidades com que o invisível *informa* o visível, descobrindo-se a sós com mais um lagarto, além dos que as estatísticas sancionam. Para me livrar do arrepio penso no teatro, onde o mágico se converte em ritual, e agarro-me ao que o Jaime Rocha, com peças publicadas — *Deuscão* e *Televisão* — e uma representada — *A Repartição*, Pelo Grupo de Teatro da Faculdade de Ciências, o ano passado, na Comuna, — diz desse vício de ser/fingir/outra realidade na pele: *Sempre gostei de teatro por causa das cegadas da Nazaré. Na minha terra, mesmo as relações entre as pessoas são muito teatrais, os casamentos, as separações, as pequenas guerras, porque sempre se viveu na rua. Em sociabilidade. Se calhar, para estabelecermos aqui uma distinção, o teatro está mais próximo de nós e a narrativa, a ficção, dá-nos segurança, como se nós não pertencessemos a* ***isso****. Não sei se será uma espécie de defesa. No teatro expomo-nos mais e dizemos aquilo que queremos. Tudo é possível no teatro, no palco, de uns para os outros... Enquanto na ficção são as coisas muito complicadas, as que metem medo ou as que fascinam, que vêm ao de cima; são essas coisas que remeto para a ficção porque aí me sinto como alguém que não tem nada a ver com* ***isso****, lavo as mãos...»*

Tecemos mais ou menos considerações sobre Pilatos e a benignidade ou malignidade das ficções, até porque me quero desviar da perturbação em carne viva que retine na última narrativa do autor, *A Loucura Branca*, e faço-me de espantado pela prolixidade e facilidade com que o autor sobrevoa os géneros, teatro, poesia e ficção, à vez: *Tenho muita dificuldade em perceber um poeta uno e indivisível, tenho dificuldade em perceber como é que se «escolhe» um* ***género****. Acho que uma obra se constrói a si mesma e pede a sua forma. Como acontece no quotidiano das pessoas em que atravessamos fases muito diferentes e temos ódios e amores e paixões e estados de indiferença. Para mim o incompreensível e que se possa escolher um* ***género*** *como quem cai num buraco e fica ali a agitar as pernas o tempo inteiro, porque a criatividade da pessoa é muito mais multifacetada e muito mais* ***diabólica****...»*

O diabolismo invocado intercede com as caixas de alimentação de electricidade do bairro porque fico de novo às escuras, o coração rangente como um serrote. Vago corpúsculo no escuro — limbo onde deixamos de saber aonde pertencemos — tenho ainda tempo de ouvir o Jaime Rocha, que o sei de Paris e Lisboa há muitos anos, confessar sobre os *lugares: Eu pertenço à Nazaré e hei-de lá ficar. A Nazaré tem um cemitério lindo, que é lá em cima na Pederneira. Portanto, tenho lá o meu espaço próprio, virado para o mar, porque o som do mar é uma coisa que nunca se perde... viaja connosco.*

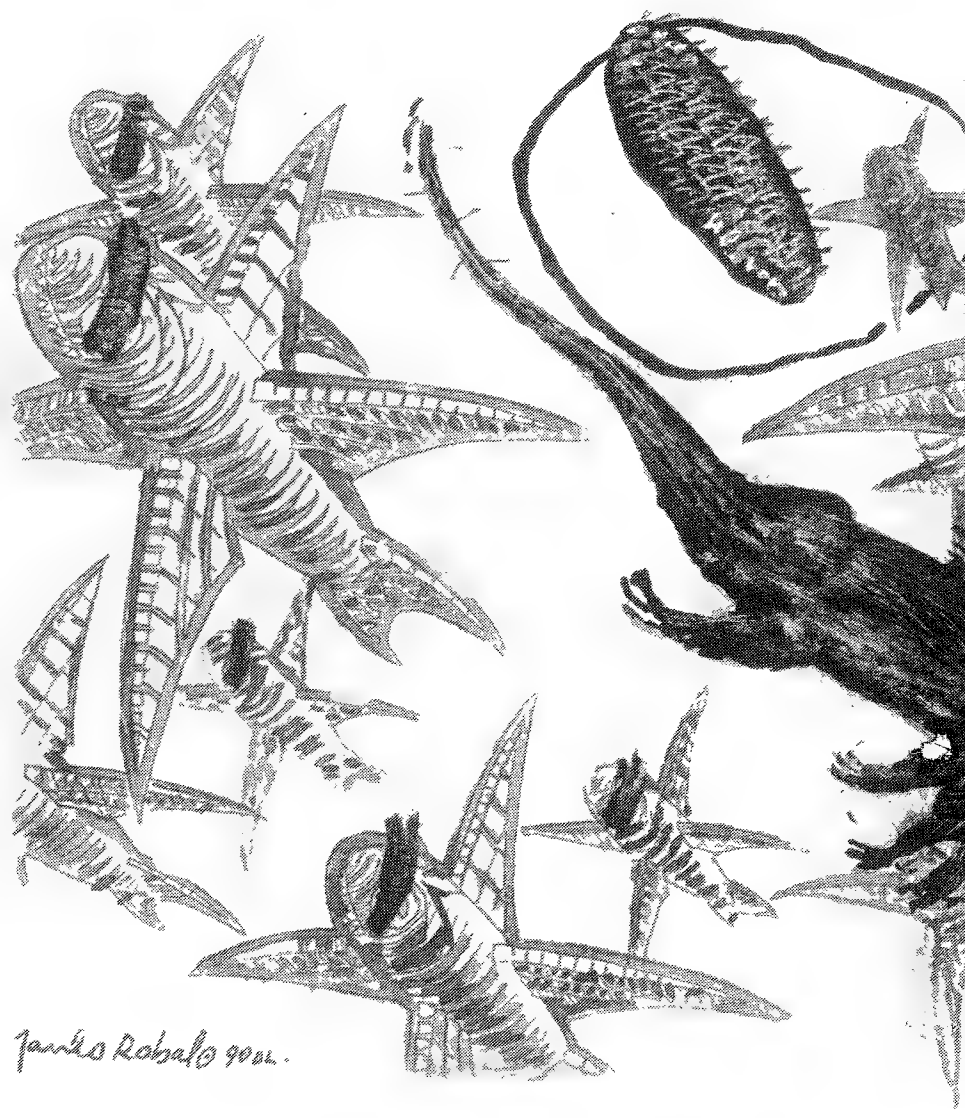
Penso no *Naufrágo mais Formoso do Mundo* do Garcia Marquez, que tenho de lembrar esse conto maravilhoso ao Jaime Rocha. E retomo as trevas: cinco minutos calcinados no silêncio nessa espuma negra. E é no meio desse óculo de trevas que me volta a assaltar a imagem que associei à primeira leitura de *A Loucura Branca*: o transeunte com um tique nervoso numa perna que atravessa as primeiras páginas dos Cadernos de Malte Laurids Brigge, de Rilke.

Revejo o narrador espantado pelo *método* de um tique nervoso de carácter espasmódico. De três em três passos, ao caminhante que seguia à sua frente na via pública, alçava-se-lhe uma perna para que o pé desenhasse uma rotação de grosseiros 360 graus sobre si próprio, movimento que obrigava a outra perna a uma elevação impulsiva. E interrogava-se o narrador sobre a sobrevivência à sombra dessa desordem seminal do corpo. Como é que o caos se pode instalar rotineiramente e transportar uma identidade como quem *suporta* o peso de uma bagagem impessoal: um tique?

Ocorre-me no escuro — sempre no escuro, onde estamos para o pensamento como cada um dos cegos da Parábola de Bruegel está para a confiança da «visão» que o antecede — que *A Loucura Branca*, uma das mais perturbantes e genuínas surpresas que o fluxo editorial trouxe a terreiro, realiza uma variante sobre este denso simbolismo rilkeano, a que uma escrita de transparência metonímica acrescenta esplendor e concretude. Deposita-nos a nú diante da questão de avaliar a que ponto o *tique* não se instalou entre nós como *figura pregnânte*, dinamismo invisível, estrutura nossa, que nos emaranha e desagrega; porque-condenação irrevogável — se escolhemos a atenção, como modo de habilitação ao mundo, alienamo-nos na loucura dos outros — há sempre um tique mais ou menos hegemónico que se dá como mais carregado de significação do que os outros — e se permanecemos alheios, desatentos, enlouquecemos na respiração do nosso próprio tique. O de pensar, por exemplo como mera enumeração das similitudes.

Imaginemos um cruzamento da *Coisa* de Carpenter com o desembaraço paranoizante de Nova Iorque fora de horas, de Scorsese e estaremos próximos da incisividade hiper-realista de *A Loucura Branca*, do seu *toque mágico*. Ou imaginemos ainda num insone, a quem o cansaço confunde os nomes, a asfixia de surpreender *um universo de presenças* que já não comunicam ou que comunicam demais. Será este o espaço privilegiado da *Loucura Branca*, que terá em Kafka ou em Doistoievski os guardiões da porta.

A medo, quero confirmar o que me diz Jaime Rocha: *Há uma loucura marginal que sobrevive no meio dessa outra loucura, que é a loucura institucionalizada. É uma brecha que torna o quotidiano mais criativo e que não tem nada a ver com a loucura em série tipo Miguel Lombarda. É a súmula desses pequenos tiques que encontramos no Metro ou nos espaços públicos, coisas pequenas e muitas vezes irritantes, gestos que o corpo criou como uma rotina ou como uma defesa, ou como um sintoma. Essa loucura latente. Eu penso que temos duas cidades. Uma é a cidade das funções e outra a das disfunções, que são individuais. Eu identifico-me e procuro ter a minha visão sobre a cidade que está dentro da outra cidade. Penso que aí está a arte.* A arte de



rário

TOS

Victor, cujo corpo, a meio desta narrativa de microfotografias, se confunde com o corpo do pisa-papéis que uma editora de livros lhe oferecera como prémio de aquisição. A obsessão do meu lagarto em sonhar-me repetidamente à beira da máquina de escrever.

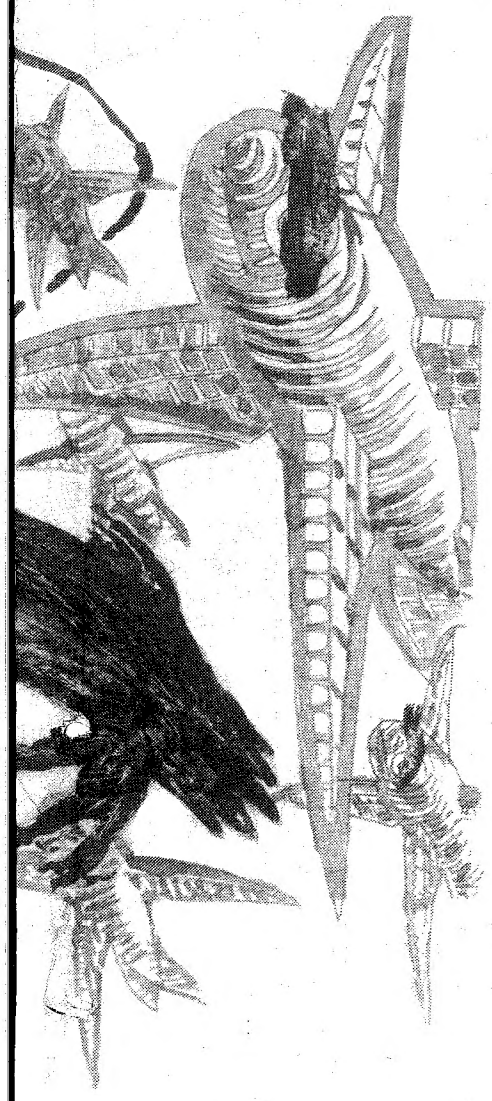
À cautela, não fosse o lagarto acordar resolvo ir buscar duas velas e continuar a leitura do livro.

Depois da estrada larga da novela *atalha-se pelo conto Stress* e aí nessa vertigem de final hitchkockiano rendemo-nos definitivamente à singularidade desta escrita. Mais curto, beneficia de ter concentradas as qualidades de novela. E se o amor fosse a máscara com que iludimos o *stress* e nada mais além da injúria de ser o alibi com que reprimimos o sonho?

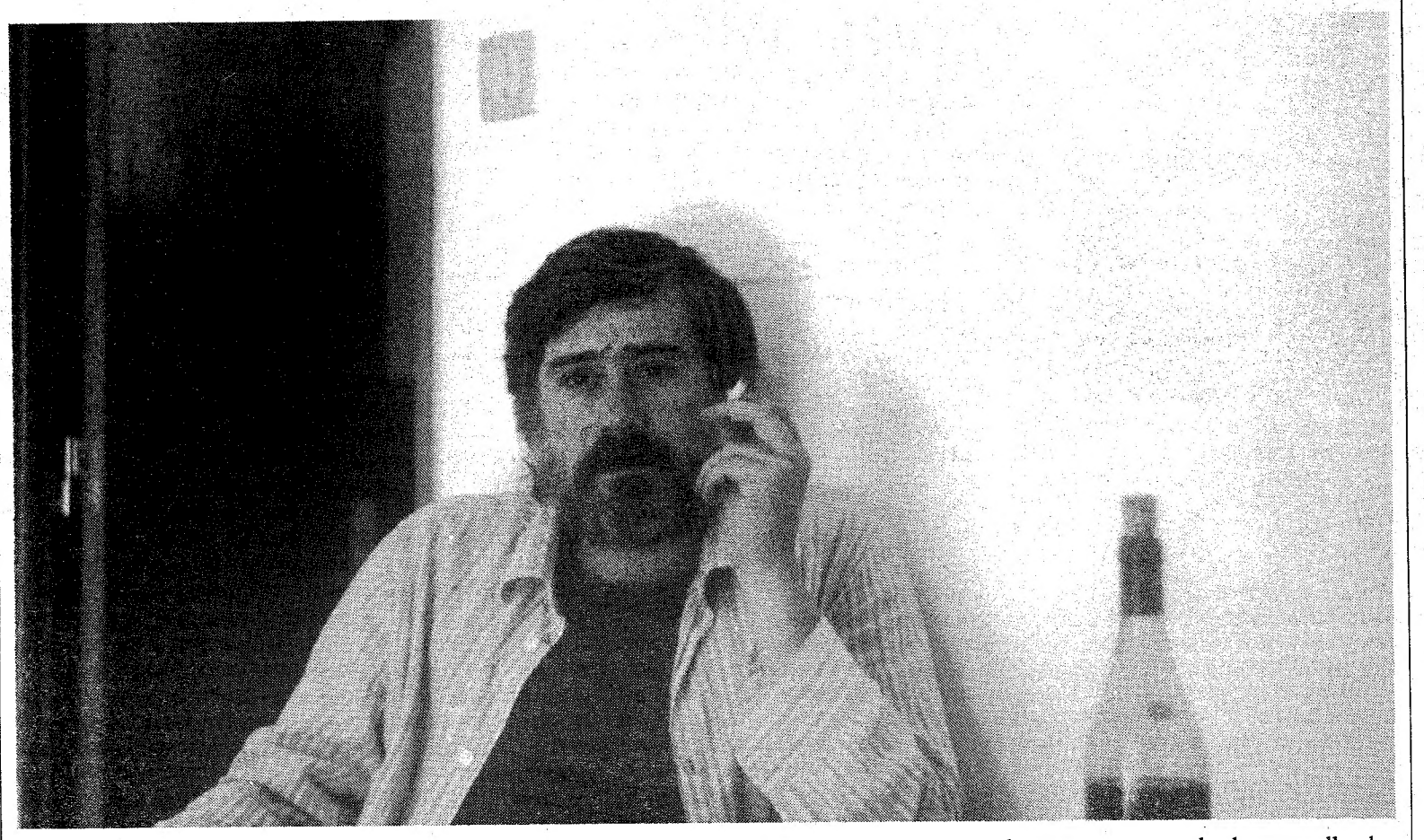
Ainda a luz não voltou ao bairro mas decido sair para a rua, tacteando, como puder, à cata de um escape. Há incumbências que não nos perdoam a inocência de nos pensarmos imunes, o que acontece ao jornalista quando encontra um livro belo e terrífico, e julgando estar a cumprir agenda.

A caminho da cervejaria apercebo-me de que transporto comigo um rumor estranho, como uma ventoínha no sangue. Levo cinco minutos a perceber que é o mar, que não me abandona sob a pele, o ruí do do mar, como um búzio com orelhas humanas. Será isto contaminação, será que o meu *tique* agora é Jaime Rocha, ou o bramido do mar da Nazaré? Passo por um lagarto esculpido num muro mas não o reconheço.

António Cabrita



LOUCURA BRANCA



Além do divã, do televisor e da mesinha onde bate o sol, existe um banco, uma louceira, uma mesa redonda com um «napperon» e três cadeiras de praia desmontáveis, em cores diferentes. O banco tem um orifício no meio. O gato rasgou as cortinas. Eram de cetim e vinham já do tempo da avó de Vítor. Em cima da mesa está uma revista ilustrada e na louceira uma quantidade razoável de chaveninhas de café e uma colecção de medalhas. Quando Vítor abre a gaveta para tirar os selos, as medalhas estremecem mas nunca chegam a cair. Há três meses que anda a colar selos e a arear moedas e agora que o médico o obrigou a ficar outro tanto tempo em convalescença Vítor ficou deseperado, porque já não tem com que se entreter. Adelaide limpou-lhe as obras encadernadas de Júlio Dinis com uma vassourinha de penas, mas Vítor ainda não se sentiu motivado para a leitura. Sempre gostou de ler, é isso que Adelaide diz do marido, mas nestas alturas não toca em livros, só em selos e moedas. Nas férias, a mesma coisa, quando tem tempo é que não lhe apetece ler. O marido da vizinha é um pouco parecido com Vítor, mas só lê policiais. Ultimamente tem andado com aftas na boca e não tem tido paciência para ler, fica a olhar para a televisão e a dormir. A vizinha julga que as aftas são devidas aos amendoins que o marido compra na loja, mas o médico assegura que é uma questão nervosa.

No quarto deles, para além das camas e da mesa-de-cabeceira, existia um pilar a imitar mármore com uma lâmpada no topo e uma cómoda com quatro gavetas, de pés rasos, o que tornava difícil a limpeza. Da última vez que Adelaide arredou a cómoda com a ajuda dos filhos, encontrou duas rolhas no meio do pó. Limpava aquele sítio todas as primaveras e outonos e aproveitava para pôr a roupa à janela. Na parede havia uma moldura larga com uma paisagem e à cabeceira, entre as duas camas, na parede, estava pregado um crucifixo de zinco com verdete. Vítor ia olhando para os objectos com espanto. Nunca tinha dado por um crucifixo no quarto, nem reparara que os reposteiros estavam decorados com formas de árvores de fruto. Adelaide trouxera estes reposteiros de um armazém na província que vendia bolachas e tinha sempre barris velhos à porta. O dono possuía uma adega onde guardava uma bicicleta antiga com uma roda traseira gigante. Aos fins-de-semana recebia muitas visitas para apreciar o velocípede e provar o vinho. Quando a noite caía os filhos levavam-no ao colo para a cama e lavavam-lhe os pés.

É um senhor que ainda é vivo mas já não bebe, tem a mão esquerda paralisada e de vez em quando já o vêem fazer pelas pernas abaixo. Mas mantém um brilho vigoroso nos olhos e por isso Adelaide gosta de o ir visitar sempre que Vítor decide ir à província comprar hortaliça e melões. Há três meses que Adelaide não sai da cidade e acontecerá até que o marido deixe de estar retido em casa. De camioneta são sete horas, de carro são quatro, ela prefere esperar que Vítor consiga conduzir sem pôr em perigo o tumor. A estrada é má, cheia de curvas e buracos. Nalguns troços não cabem dois carros e uma pancada, leve que fosse, de Vítor com a cabeça no tejadilho ou na porta ao sair poderia ser fatal. Ainda pensaram na hipótese de comprar um capacete de moto, mas o carro é pequeno e ele teria que fazer todo o caminho com o pescoço torto, o que não seria bom para o tumor. Aliás, o médico proibiu qualquer deslocação antes dos seis anos e mesmo depois disso seriam precisos cuidados suplementares.

Os filhos riam ainda e imitavam o médico a coxear e aos saltos com medo do gato. Vítor irritou-se nessa noite com eles porque, por momentos, os miúdos esqueceram-se de que o avô também coxeava da perna direita e usava um salto com mais de vinte centímetros. Nunca mais ninguém se sentou no divã da sala. Era para ali que Vítor atirava os jornais e os panfletos que diariamente caíam na caixa do correio, calendários, anúncios, promoções, facturas, contas bancárias.

No quarto do casal havia um púcaro com água e uma caixa com sapatos. Atrás da porta um bengaleiro torto pendurava roupa cor-de-rosa de Adelaide. Através da janela, à luz do dia, Vítor só conseguia ver o céu. Para ele era suficiente, porque era a cor das nuvens ou o azul celeste que lhe davam o humor para o resto do dia. Agora, como ficava em casa, não necessitava de olhar pela janela, bastava perguntar à mulher o que era o almoço e se os miúdos tinham alguma prova de avaliação. O mais novo andava na escola, o mais velho entrara para o liceu contrariado, gostava de motas e de construções metálicas, mas tinha um defeito na vista. Dormia em baixo no beliche por causa disso mas, em contrapartida, acordava por vezes com pingos de urina no pescoço. Adelaide, porém, não permitiu que ele dormisse com a cara tapada. Era supersticiosa. Quando o marido teve o primeiro ataque e vomitou contra o ecrã do televizor borrando a carpeta, ela despejou sal pelo chão entre a cozinha e a sala e também por debaixo do divã. De facto, a partir dessa altura mais ninguém teve ataques desse tipo. Só Vítor, mas até os médicos detectaram tratar-se de um tumor.

No quarto deles não há mais nada, está forrado a papel riscado e uma alcatifa creme. Um relógio e um espelho com uma amolgadela num dos cantos decoram o resto do espaço. Na casa de banho existe um tapete grosso que ensopa mal os pés depois do banho. A banheira está colada à parede. Há um sabonete só dele e um «shampoo» anticaspa que ninguém lá em casa tem coragem de usar. Os miúdos têm um copo de plástico cada um. Vítor lava os dentes directamente à torneira e Adelaide usa uma chávena de porcelana com uma carruagem estampada do lado de fora. Como ele está em casa, os miúdos arranjam-se primeiro e vão para a escola. Adelaide teve licença no escritório para poder tratar do marido, mas os segundos três meses já não lhe é permitido ocupar-se de Vítor. Por isso, ele está sozinho e pela primeira vez, depois de casado, repara que vive numa casa decorada sem gosto, com um oleado no corredor, uma coisa que ele sempre odiou. Foi a primeira mudança que Vítor levou a efeito. Enrolou-o, atou-o com um cordel e pô-lo à porta. Algum tempo depois atirou fora a Ceia de Cristo e um calendário de uma marca de vinhos.

excerto de
A loucura branca
Livro Aberto

literário

TERRAL

O LIRISMO DOS ELEMENTOS
- a propósito do último livro de Miguel de Castro

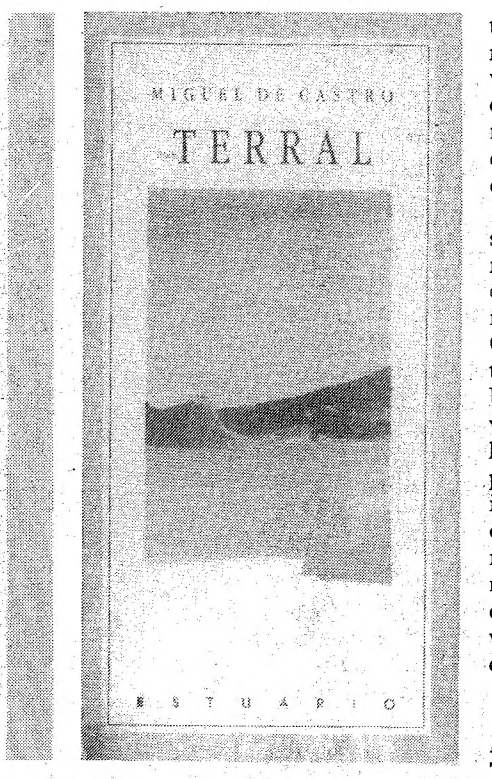
Por vezes um vento quente desce das encostas calcárias da serra da Arrábida em direcção ao mar. Os pescadores, que na embriaguês do azul e do verde lançam as suas redes, designam esse sopro morno respirado pela terra, numa inspiração única, pelo termo «terral».

Foi essa palavra a escolhida pelo poeta Miguel de Castro para intitular o seu último livro. Com efeito 0f90é uma obra significativa, desde logo, por duas razões diferentes: em primeiro lugar por assinalar o fim de um silêncio de trinta e sete anos na produção literária do seu autor, e em segundo lugar por ser o primeiro lançamento de uma nova editora, a **Estuário,** que surge determinadamente enraizada no espaço sadino, mas com um programa de publicações, cuja qualidade faz desde logo prever uma larga difusão no mercado literário nacional.

As duas primeiras obras de Miguel de Castro estão, infelizmente, fora do alcance do leitor de **Terral.** Foram editadas, também em Setúbal, nos já distantes anos de 1950 (**Fruto Verde**) e 1953 (**Mansarda**).

Apesar das inevitáveis diferenças um traço comum pode ser detectado na confrontação destas três propostas poéticas disseminadas por quatro décadas: uma enorme preocupação pelo apuramento formal, pelo trabalho da palavra, pela busca de harmonias, equilíbrios. O encontro da música verbal representando, apresentando a música oculta das coisas.

Certamente que nos dois primeiros livros, o que poderíamos designar como uma abundante temática juvenil surge em toda a sua força e variedade. O autor investe-se decididamente num eu assumido que busca a sua identidade, por oposição a um mundo-dos-outros que não lhe devolve muito mais do que distância, estranheza, indiferença. Outros temas adjacentes como o ócio, a descrição introspectiva, a busca de uma «tábua mínima de valores», evocam-nos o contacto do jovem Miguel de Castro com a experiência da escrita de Pessoa. Por outro lado, a presença das tonalidades meridionais, a subida das serras, o sol, o mar, falam-nos dessa grande amizade com outro grande vulto da nossa poesia: Sebastião da Gama.



Terral, por seu turno, pode ser caracterizado como um momento de amadurecimento e domínio formal. Nele a palavra já não é instrumento, mas **elemento natural** da reflexão poética de Miguel de Castro. Existem, sem dúvida, lugares temáticos de continuidade relativamente aos textos dos anos cinquenta. Contudo, o mais notável em **Terral** é o exercício de contenção, de disciplina, quase de restrição.

O tema da morte, a representação feminina do desejo reincidem, evidentemente, no entanto sem revolta, o primeiro, e suavemente, o segundo. O leitor é convidado a uma leitura demorada e repetida. Uma leitura de preferência em voz alta. Acompanhando, melhor, desenvolvendo por sua própria iniciativa uma viagem impregnada pela serenidade do que justamente poderá ser chamado como um **naturalismo meditativo,** onde o eu se concentra na tarefa de narrar as variações da saudade e da solidão, do destino e da memória.

Miguel de Castro
Terral

apresentação de David Mourão-Ferreira

desenhos de José Teófilo Duarte
Estuário
Colecção Garça Branca
1990, 71 pp.

ABRO A PALMA DA MÃO

Para a Fátima
e o Manuel Medeiros

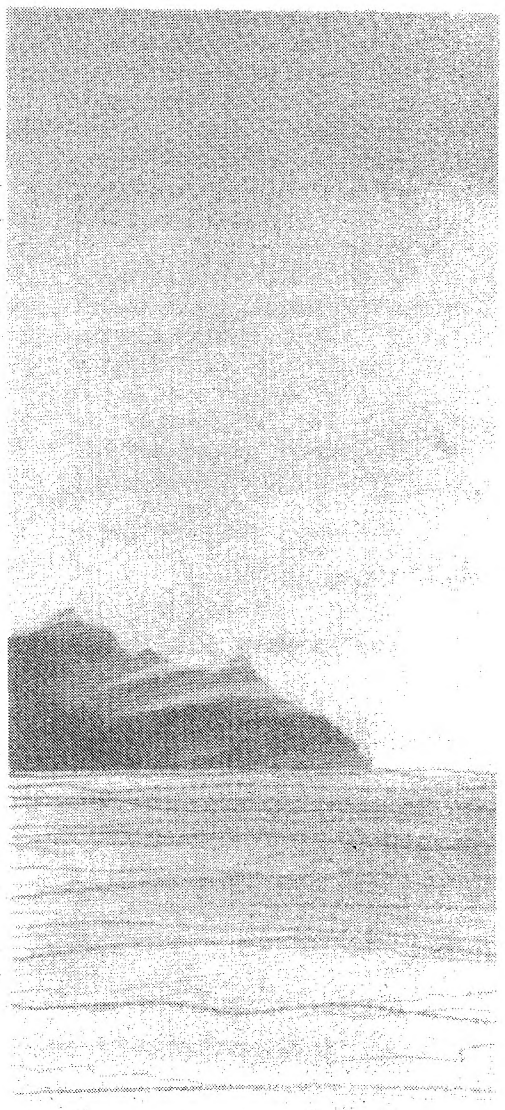
Abro a palma da mão: é velho o mapa
das estradas que são o meu destino.
Olho o tenso cordame dessa rede:
as linhas que se cruzam e os presságios...

Perturbam-me as estrelas do percurso
e sei outros avisos que procuro
decifrar entre livros mais antigos.
Mas onde vou em tímida viagem
os anjos me soletram os agoiros.

Não adianta ler esses sinais.

VELHOS LIMOEIROS

Que vento agita as folhas
dos velhos limoeiros?
Que música distante
me leva pela mão
à casa onde nasci?
À beira do outono
quem se lembra de ti,
e beija no teu rosto
a fatigada boca?
serenamente
pela tardinha
olhando o mar,
e ficar tonto
sem perceber
nem desejar
— que Deus me valha
nesta gonia.
Antes o poço
da noite fria.
Antes navalha
no meu pescoço.
Antes a morte
da cotovia.



Onde a manhã tropeça
por cima dos telhados;
onde o mar descobre
apensionados pássaros
descalços pela relva;
onde se ouve correr
desesperadamente;
onde se abrem janelas
com cortinas de lágrimas;
onde o nascer do sol
desenha o chão da rua
de súbito com gatos.

RENTE AO LUME

Para o David Mourão-Ferreira

Fatigo os olhos no grafismo doce
das palavras que leio rente ao lume,
enquanto chega a procissão da noite
com fantasmas por cima do meu ombro.
Reavivo, sem penas, a memória,
por esconsas gavetas com retratos,
cartas, papéis, e lixo amontoado:

bolor sem nada ter que me conforte.

ANTES A MORTE DA COTOVIA

Para o Zé António

O que me dói
não é ciúme.
Nem este lume
da minha vida
de cotovia
sempre a cantar.
É a certeza
que a morte chega
tangendo os medos
como rebanhos...
O que me dói
não são venenos
que eu bem mastigo
sem ter cuidado.
É o tear
do coração
desconcertado.
É a tristeza
do amanhã...
Se eu não morrer

POEMA PARA FREI AGOSTINHO

Sobre o deserto mar
vê naufragar o sol.
Ouve o silêncio cheio
de bichos escondidos
no estufim da terra.
E abre-se com Deus
ao fogo do luar
na leve noite azul
da serra adormecida.

A ILHA

Todos os dias parto na lonjura
do mar, desta varanda sobre o rio.
Navego para lá das ondas mansas
onde brincam golfinhos em cardume.
No fundo da bagagem, quase nada:
um sonho de papéis com versos de ontem,
um coração teimoso de alegria.
Ao luzir da manhã deixo a cidade
e o vento empurra as velas do meu barco.

Vou cada vez mais longe no mar largo.
Vou cada vez mais perto do meu porto
— esse lugar de versos, terra simples.

Algum dia acontece a tempestade:
naufrago na bolina — e chego à Ilha.

h o m e n a g e m

POR ESSA ESCRITA INCONFUNDÍVEL

Há anos, pus na boca de uma personagem do «Ombro, Arma!» estas palavras: «Admiro os contos de Maria Judite de Carvalho, conhece? Todo um universo de sombras familiares, vozes amargas, atravessadas por um fio de esperança.» A situação, bem entendido, fora ficcionada. Nela desaguavam, contudo, os arroios de uma atmosfera vivida, como não raro acontece mesmo aos mais adversos a todo o biografismo.

Corriam os idos de sessenta, as suas chamas de rebeldia e amargosidade, descoberta alentadora, temerária invenção. Em ardentes noites com puas em volta, os debates intermédios consideravam o súbito paradigma da mudança: as guerras do Vietname e de África, o Maio de 68 (epicentro de um surto de abalos que repercutiria Europa fora, embora muito pouco entre nós), o impacte dos movimentos de timbre radicalista, os sobressaltos fecundos da passagem de Krutschev pela direcção do maior dos partidos comunistas, a renovação estética fervilhando em vários quadrantes. Discutia-se a política e a literatura, o cinema e a canção, a vida e o sonho com a paixão das grandes ousadias, o excesso e as certezas de um protagonismo talvez não temperado ainda pelo lume das interrogações decisivas. Essa febre constestatária tinha, porém, o selo da legitimidade e da justeza: o País encontrara na juventude uma outra força prestes a cortar amarras, a partir para os livres horizontes da construção; indisponível, portanto, para o repristinar de conservadorismos, o incensar de eras obscuras, o ludíbrio de um discurso revel aos apelos magníficos da solidariedade.

Foi num tal clima que, em dada ocasião, tirei as prateleiras da Vértice uma edição de «Os Armários Vazios» (a primeira), romance que acaba de merecer o aplauso e o entusiasmo da crítica francesa. Já antes, entre as sôfregas — e mal digeridas — leituras da adolescência, averbara, com uma marca indelével, o convívio com as belíssimas narrativas de «Tanta Gente, Mariana» e viria, depois, pela mão de Fernando Namora, a conhecer a produção integral de Maria Judite de Carvalho, escritora da minha dilecção.

Retomo a frase: escritora da minha dilecção. E interrogo-me: apesar de tão diferente de quanto faço, de quanto se fez e faz em Portugal? Seguramente por isso, por essa escrita inconfundível, a um tempo serena e implacável, atenta às ínfimas pulsões da afectividade e aos largos painéis de uma concreta sociedade constrangida, capaz da exactidão, da inventiva e dos registos de ruptura num quadro de contornos clássicos quase perfeitos. E também porque, como ninguém decerto, desvenda os labirintos da solidão, os traumas individuais que laceram ante a indiferença do meio, as zonas enigmáticas da personalidade; sem o menor laivo retórico, ou demagógico, ou de uma banalizadora suficiência.

Maria Judite devolve-nos, em páginas memoráveis, a galeria de entes anónimos que povoam os nossos dias foscos — vidas só na aparência sem sopro, intimidades maceradas pela desilusão e o fracasso, a dependência e o conflito, casos comuns de uma multiforme disforia. Por isso nos olha e revela tão advertidamente na ficção e na crónica, nos contos de «As Palavras Poupadas» ou nos flagrantes de «A Janela Fingida», nos textos porosos, ora magoados, ora ácidos, de «Além do Quadro». A pessoa, una e irrepetível — no que isto tem de dramático mas, igualmente, de propulsionador — constitui-se como pólo temático essencial; nunca, todavia, numa dimensão que privilegie o excurso metafísico, obliterе o contexto social vinculante, com a sua crosta de sujeições: hábitos e preconceitos ancilosados, veladas reminiscências, regras conformadoras e atávicas. A denúncia dos códigos depressores alija os instrumentos do imediatismo (semântico e formal), do corte epidérmico e, como nas histórias de «Paisagem sem Barcos», de uma qualquer ênfase proclamatória. A crise das instituições burguesas, sob a tutela autocrática ou em democracia, aquém e além do meridiano português, surde, na penetrante enunciação de Maria Judite de Carvalho, em tecidos centrais da relação do homem com o quotidiano, num combate inclemente (conquanto discreto) às vicissitudes da resignação, à adinamia das crenças narcóticas — da esperança condenada por um imobilismo letal —, aos embalos oníricos que sublinham perversamente derrotas sem réplica.

Coimbra, portanto: o tumultuar de apetências, o confronto activo dos pontos de vista, o culto da insubmissão. Passados ao crivo de uma devassa apertada, o neorealismo, o surrealismo, as propostas do *nouveau roman*, do existencialismo, dos variegados experimentalismos e modelos, permitiam o destilar de uns quantos nomes referenciais e perduradoiros. Entre eles, na minha roda de amigos, o da autora de «Os Idólatras», título (simbólico) de um exemplar que se enodoou de mão em mão e reverteu, por último, à blblioteca de origem. Evoco-o com uma nitidez fotográfica. Como recobro, desde a lonjura, uma observação do Carlos de Oliveira, certo entardecer de Inverno a embaciar as vidraças do café, em Lisboa, a dois passos do Saldanha: «Os intervalos de silêncio, meu caro. Fundamentais. A arte que se arroga a pretensão de dizer tudo nada diz. É preciso pôr as palavras a pulsar de rigor, sim; mas sem perder o fascínio da sugestão. Já leu, por exemplo, um livrinho que se chama 'O seu Amor por Etel?' Assim, sensivelmente assim, por muito que a formulação se haja alterado nos trajectos da lembrança. Assim, de maneira impressiva, no termo deste testemunho breve que se quis expungido de circunstancialidade e temperado pelo autêntico. Que, sem ressalva, se traiu (e ainda bem!) por um timbre de fala recatada, percutida de emoções.

José Manuel Mendes

BOLETIM DE ASSINATURA

ASSINE O **Diário de Lisboa**

NÃO PERCA NENHUMA EDIÇÃO!*

Pretendo assinar a partir do dia ___/___/___ Pelo período de

- ☐ 1 ANO — 18 000$00
- ☐ 6 MESES — 9 000$00
- ☐ 3 MESES — 4 500$00
- ☐ 1 MÊS — 1 500$00

Nome _____

Morada _____

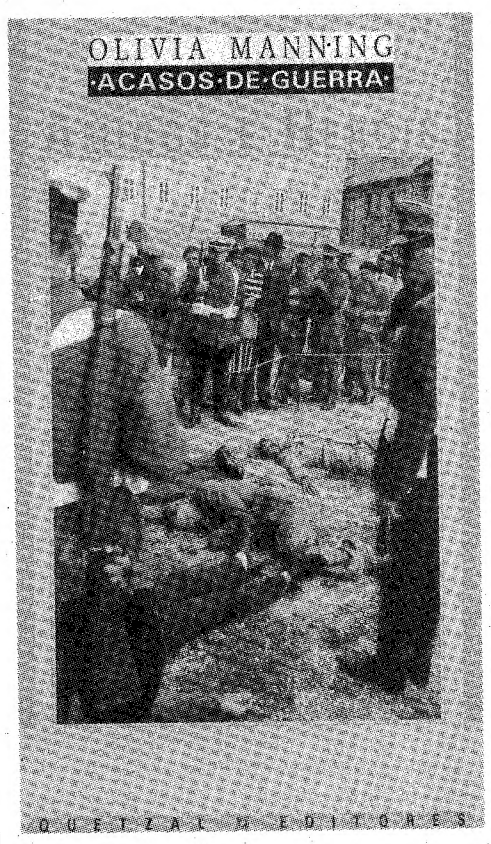
Código Postal _____

Junto envio: ☐ cheque ☐ vale do correio

• Números atrasados: 70$00 cada • Mudança de endereço: 150$00 • Por períodos mínimos de 6 meses poderá também assinar o «Diário de Lisboa» uma vez por semana, embora sempre a edição do mesmo dia da semana, sendo, para esse período, o preço de 1 850$00. • **Informação ao assinante:** os preços acima indicados levam em conta que o jornal beneficia do porte pago postal no território nacinal até 100 gramas, pelo que os encargos postais ali incluidos são apenas os do excesso de peso que todos os dias existe. Se por algum motivo este benefício for retirado, aqueles preços terão de ser imediatamente alterados em conformidade

Enviar para: DIÁRIO DE LISBOA — Assinaturas
Rua Luz Soriano, 44 — 1200 LISBOA

AMIGOS E HERÓIS
DE
OLIVIA MANNING



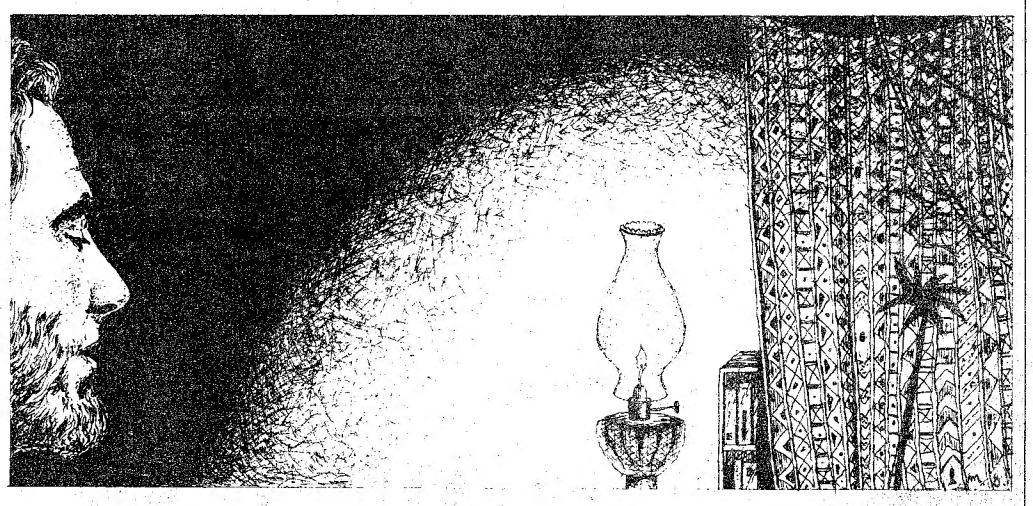
FINALMENTE
COMPLETA
A TRILOGIA
BALCÂNICA
DE OLIVIA MANNING:

1 – A MAIOR DAS FORTUNAS
2 – A CIDADE DESTRUÍDA
3 – AMIGOS E HERÓIS

QUETZAL EDITORES Rua Sanches Coelho, n.º 3, 9.º Esq. 1600 LISBOA

DISTRIBUIÇÃO DIGLIVRO – LISBOA TELEF. 4792200/1/2
MOVILIVRO – PORTO TELEF. 578937/578591

O HOMEM QUE GOSTAVA DE SE CONTAR



Era uma vez este homem que gostava de se contar.

Todos os seus poemas falavam de Deus e também de países exóticos, onde aprendera a percepção do diferente como igual a si mesmo, e onde, às vezes, se tinha perdido para melhor se encontrar. E também falavam de amor, de um amor impossível, ou só possível ao lado da morte, em perfeita comunhão, que faz nascer a tragédia e um desejo intenso de renúncia.

Costumava retirar-se para o deserto: baldio nos arredores da cidade, casa em ruínas no campo, ou gruta, junto ao oceano, cheia de morcegos.

Transportava uma candeia de azeite para ler sempre o mesmo livro, uma esteira para rezar e um frasco de mel. Dedicava-se, então, às enumerações, à contagem silábica dos objectos circundantes — tesoura de unhas, raízes para esfregar os dentes, longui, lápis, sandálias, saco de pano, uma colher e uma faca — e, meticulosamente, reconstruía a realidade para o sentido da sua vida, despojado, mas obscuro, sem a claridade de algo definido, imagem difusa de espelhos longínquos à superfície do gelo: escrevia mais poemas.

Nessas alturas nada mais existia para além a não ser outras palavras: a própria natureza era, verdadeiramente, um livro aberto, sempre numa página ímpar, e os rostos humanos versões sobre o mesmo tema de uma única expressão divina, e os gestos códigos canónicos de um alfabeto secreto.

Mas, no fundo de cada som, como no fundo de um lago de água límpida, ecoava uma voz com nitidez de moeda de oiro, uma voz que era muitas vozes como a sua vida era muitas vidas e o seu amor tantas mortes que já lhe custava a morrer de novo.

Mergulhava até ao fundo, ansioso de morte, porque queria viver ainda. Lia os outros poetas para se sentir acompanhado. Muito frequentemente achava que eles tinham escrito aquilo que ele próprio escreveria e o discernimento dava-lhe força, nadava numa espécie de música submarina, com pautas, flautas e barbatanas de aço.

— «A perca total que procuro» — dizia com um sorriso, enquanto folheava um caderno apodrecido, coberto de manchas de humidade e tinta diluída em nuvens.

Este homem procurava a mulher. Humildemente inclinado, contra a ventania no caminho estreito, suplicava a Deus que lhe mostrasse uma porta e, de repente, ei-la, à sua frente, iluminada no escuro pela brasa do cigarro ao canto da boca: uma porta entreaberta, suspensa sobre vertigens, com indícios de neve na fechadura quente, incendiada de febre, simbólica e voraz como um peixe.

Acumulação do êxtase.

As frases mais comuns, as que nada parecem dizer, à custa de repetidas por todos os autores em livros e por toda a gente no quotidiano, são também as frases mais exotéricas e significativas: partículas de chumbo que religam a prata e o oiro nos poemas.

Assim, este homem, (quem lê, entenda), podia fugir ao seu destino soberano. Sentia o privilégio de uma condenação, o perigo de haver sido escolhido e dotado de faculdades sobre-humanas, por exemplo, a constante vidência em exercício de fria observação perante o fogo e o jogo das emoções, a paixão sempre pronta a eleger uma figura de retórica, a sensibilidade em sintonia com o sofrimento, monstruosa, focada no caos relioso da obra.

Este homem trabalhava para enlouquecer, lucidamente, a horas certas, com o brilho das estrelas, e não desistia do seu projecto de suma ignorância e conquista da beatitude.

Continuou a fumar diante da porta entreaberta, que era uma mulher vestida de vidro.

Este homem tinha a experiência de que todos os espelhos acabam por quebrar-se, ficando a nossa imagem fragmentada nos cacos e sem hipótese de, algum dia, ser recuperada. Mas, aquela mulher, era o espelho dos espelhos, suspenso por um cabelo, oscilante como um sino: uma lição de precipício. Espelho formado por todos os estilhaços dos espelhos que o haviam reflectido, linha por linha, sombra por sombra, numa coincidência perfeita. Vitral fulgurante que devolvia o fulgor, a sua imagem reconstituída e a esperança de saber. «Só sei que não sei nada»: eis a frase que repetia sempre da mesma maneira, apenas com variantes de entoação.

— «Rezo-te» — disse muito baixinho a mulher.

29.VI.88
Muhammad Rashid Barahona

O EXERCÍCIO DO DESEJO

Fazendo dicotomias ou politomias de objectos ou fenómenos simples ou triplos, escolheu bem o narrador, nos seus sobressaltos metafísicos, o nome das suas narrativas: *ficção*. Porque aquilo que nos conta, ora parece autobiografia ora pedaços de ensaios recém-começados ora puro sonho ou confabulação, conseguidos no fim de longas descrições de coisas banais e reais, como foi Ruy Belo, é Mécia de Sena e o seu adorável cão. A escrita transforma tudo num pouco de ficção.

Através de uma fragmentação sequencial e «lógica» da narração procura-se criar, a par da pretendida distracção, uma misteriosa relação entre os acontecimentos nos quais se desvanecem tanto os sujeitos como as personagens, as paisagens, e todo o resto que serviu para a construção de uma distância interior: entre a alma e o corpo, entre o espírito e a consciência ou entre a relativa independência (talvez apenas numérica) do indivíduo e o mundo cujas fronteiras muitas vezes se ocultam no âmago da alma humana.

Os saltos ou as interrupções bruscas, a mudança dos temas pretendem um hiato de alguma significação oculta que escapa tanto ao narrador (propositada e voluntariamente) como ao leitor (se compreender o intuito e o aceitar). É indispensável a distância para que se concretize o diálogo: não entre duas pessoas mas entre duas presenças não necessariamente em comunicação mútua.

A inquietação existencial do narrador é frequentemente visitada pelos atractivos conceitos de tempo e espaço mas a imaginação cede rapidamente perante a sua encantadora mas efémera arquitectónica. Mais acessíveis lhe parecem o nome e a identificação das coisas visíveis ou sensíveis.

Assim, surge um interlocutor estranho, um fantasma-adivinho de fala sábia e fina que, apesar do desinteresse do ouvinte, aborrecido antes de ouvir a história e entregue à contagem de navios, acerta o refinado gosto literário do narrador e corresponde plenamente à sua erudição. E neste maravilhoso encontro ei-lo, o distraído, completamente identificado consigo próprio. O degenerado marginal falou ou não? Foi esta história contada em voz alta ou foi imaginada? Este não é um problema da ficção. Também «não pense (inclusive, o leitor) que os contos (os fados) a qualquer com quem deparo» — lisonjeia o estranho aventureiro: e assim dissolvem-se numa transparência o lisonjeador e o lisonjeado, num narcisismo chamado indirectamente identificação.

Mas pouco dura a deliciosa identificação — esmorece com a última palavra do discurso e persiste apenas o dramático questionamento da trágica personagem, cativa das limitações temporais e espaciais, tal qual o narrador, torturada pela consciência de que não dependemos de nós próprios e então «porque continuaremos a intuir, a detestar, a amar, a temer (...) sensações que nunca poderemos experimentar?» Aqui a metafísica da personagem (?) falha por completo. Na sua formulação verbal e conceptual. Porque ninguém sofre por aquilo que não imagina, porque ninguém se queixa de que não gosta de iogurte se ninguém o obriga a comer iogurte.

Como reconhece o narrador, «a dor prometida» (porque se calhar desejada) fica sempre muito longe daquilo que «a palavra nos permitiu conceber». Será a palavra que nos permite conceber ou é ela que dificulta este prazer ou desgosto? Serão aquelas «exigências dos sentidos» autónomas? Certo é que tentam colocar não-fronteiras e também é certo que estas não-fronteiras com a sua indefinição são mais penosas.

Projectamos as nossas palavras para fora de nós, para a frente, em direcção presumível do futuro (porque nunca lhe podemos virar as costas) e depois corremos atrás delas para as recuperar e nos identificar com elas como se elas fossem o mais autêntico e essencial do nosso ser. Mas no primeiro contacto com elas verificamos que já não são as mesmas porque foram apanhadas com outras palavras.

É mais ou menos assim quando se misturam as tintas ou o nome e o sujeito. Quando tal acontece, nesta indispensável identificação, surge um terceiro elemento que já não se pode misturar com os dois, tendo-os já objectivado, transformando-se numa metade (necessariamente peça inteira) para se juntar a outra metade para serem identidicadas como um todo. Tarefa não impossível se não fosse a limitação do tempo para sustentar esta reacção em cadeia... Identificando-se com muitas coisas, o narrador acaba por se encerrar numa torre (vertical) onde começa a pôr num fio as coisas e os nomes, alternadamente, até perder a noção da diferença entre eles. E perdendo a noção consegue a identificação que outra vez se perde com a consciencialização desta última (identificação) como que repetindo a composição desse colar infinito mas em direcção oposta.

Meter-se numa torre imaginária ou real para controlar a vida interior é como vestir-se do nome de baptismo ou de um pseudónimo. Se as paredes endurecerem como um limite desejado, configura-se outra torre por dentro. E quando se fica entalado entre as duas acaba a ficção e começa a realidade para a qual nenhum nome é suficientemente adequado nem exacto.

Felicitemos o belo pensamento da personagem que serviu chá ainda no começo da ficção: «A beleza não é uma questão de estética, é uma questão de metafísica.» Mas lembremos tanto a ela como ao narrador: a metafísica é uma questão de estética, também.

UMA PAIXÃO INOCENTE
João Miguel Fernandes Jorge
Edições Cotovia, 1989
Dimíter Anguelov

LIVRARIA O LISIPO
Livros antigos • Gravuras
Compra e Venda
Deslocamo-nos a qualquer ponto do país
Lg. Trindade Coelho, 7
☎ 346 2771 - 37 35 60
1200 LISBOA